

**O impacto da pandemia de Covid-19
na rotina jornalística do Público**

Gonçalo Ramos Silva

**Relatório de Estágio
de Mestrado em Jornalismo**

Janeiro 2021

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Dora Santos Silva.

Agradecimentos

Aos meus amigos, de todos os caminhos da vida, que ainda não se cansaram de ter um amigo aspirante a jornalista – entre outros detalhes igualmente enfadonhos, vocês são de ferro, mesmo.

À minha família alargada, que muitas vezes não entende o que ando aqui a fazer, mas esforçam-se sempre por responder com um “muito bem, e estás contente?” – e é a única prova de apoio e amor de que preciso.

Aos meus professores e tutores, de cada percurso académico, pois este relatório também é deles, porque sem eles nunca aqui teria chegado – levo comigo de tudo, das letras às ciências.

Aos profissionais com quem travei caminho no *Público*, por toda a compreensão e disponibilidade, e me terem feito sentir que merecia lá estar – querer ser jornalista é ter respeito a quem o faz e bem, e o que nutro por vós só saiu redobrado.

À minha orientadora, a pessoa mais dedicada que já conheci nesta área, e uma mentora genuína e nata, que há já cinco anos me fascina em todo o encanto que nutre pelo jornalismo – e é tanto, não consigo conceber quem mais veja assim a miríade de possibilidades que são os media.

E à minha irmã e aos meus pais. Os quatro, já levamos quase 24 anos de aposta incondicional na minha educação e no homem que sou, e não há palavras de agradecimento que possam pagar os valores e a força que me deram. Cheguei eu aqui, mas quem chegou mesmo fomos *nós*.

O impacto da pandemia de Covid-19 na rotina jornalística do *Público*

Gonçalo Ramos Silva

Resumo

A pandemia de Covid-19 interrompeu o modo de vida que conhecíamos e remeteu meio mundo para o teletrabalho – incluindo os jornalistas. Este relatório de estágio traça uma experiência presencial no jornal português *Público*, interrompida pelas circunstâncias e que se concluiu por via remota, dando o mote para uma revisão bibliográfica sobre as rotinas do jornalismo no século XXI, e como estas se mutaram desde a declaração de pandemia pela Organização Mundial de Saúde em março de 2020. Levou-se a cabo uma investigação sobre o impacto da pandemia nas rotinas de redação através de inquéritos e entrevistas junto de elementos do *Público*, e o que ressalta é o quanto uma profissão desgastante como o jornalismo se torna omnipresente, no dia-a-dia de quem já o excedia na prática para lá das 9h às 18h, entre receios sanitários e a ameaça de crescente de uma precarização da área; digno de nota também o acelerar da aposta na oferta e desenvolvimento digital dos conteúdos.

Palavras-chave

Covid-19, Jornalismo, Rotinas jornalísticas, Teletrabalho

The impact of the Covid-19 pandemic in *Público*'s newsroom routines

Gonçalo Ramos Silva

Abstract

The Covid-19 pandemic upended our way of life and threw much of the world population into telecommuting – including journalists. This internship report describes an in-person experience at the portuguese newspaper *Público*, interrupted by the circumstances and concluded remotely, setting the stage for a bibliographic revision on the routines of journalism in the 21st century, and on how they mutated themselves since the declaration of pandemic by the World Health Organization in March 2020. An investigation was conducted about the impact of Covid-19 on newsroom routines through questionnaires and interviews with *Público*'s workers, related to this period, and what stands out is how much a stressful job like journalism becomes omnipresent, in the days of whom already went beyond working hours, amongst sanitary fears and the growing menace of a degradation of conditions in the area; also noteworthy, the acceleration of betting it all on offering and developing contents digitally.

Keywords

Covid-19, Journalism, Newsroom routines, Telecommuting

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução | 1 |
| Capítulo I: Experiência de estágio | 3 |
| I.1. O <i>Público</i> | 3 |
| I.2. O estágio | 4 |
| I.3. Reflexão | 20 |
| Capítulo II: Desafios do jornalismo na atualidade e na era Covid | 22 |
| II.1. O jornalismo sentado | 22 |
| II.2. Impacto da Covid-19 nas rotinas jornalísticas | 32 |
| Capítulo III: Desenho da investigação | 44 |
| III.1. Perguntas de partida e de investigação | 44 |
| III.2. Metodologia da investigação | 44 |
| Capítulo IV: Análise e discussão dos resultados | 46 |
| IV.1. Caracterização da amostra | 46 |
| IV.2. Cobertura noticiosa | 47 |
| IV.3. Condições de trabalho | 51 |
| IV.4. Impacto na vida pessoal | 55 |
| IV.5. Prospetos de empregabilidade | 58 |
| IV.6. Insights dos inquéritos | 59 |
| IV.7. Insights das entrevistas individuais | 60 |
| Conclusão | 62 |
| Bibliografia | 66 |
| Anexos | 69 |
| Entrevistas | 69 |
| Inês Chaíça, Jornalista do Online | 69 |
| Amílcar Correia, Diretor-adjunto | 77 |
| Amanda Ribeiro, Editora do P3 | 83 |
| Pedro Rios, Editor do Online | 89 |
| Guião do inquérito | 94 |
| Questões de caracterização da amostra | 94 |
| Questões para editores, estagiários profissionais, jornalistas/repórteres e profissionais de fotografia/vídeo | 95 |
| Questões para toda a redação | 99 |

Índice de gráficos

| | |
|--|----|
| Gráfico 1: Função dos entrevistados | 46 |
| Gráfico 2: Efeito da cobertura da pandemia noutros tópicos | 47 |
| Gráfico 3: Critério de artigos na homepage..... | 50 |
| Gráfico 4: Pressão laboral | 52 |
| Gráfico 5: Alteração do expediente | 53 |
| Gráfico 6: Virtudes do teletrabalho | 57 |
| Gráfico 7: Subir na carreira num futuro próximo..... | 59 |

Como o descrever depende do que é superficial na nossa vida! Pode uma pessoa andar entretida a fazer compras, a pensar no imposto de rendimento, ou mesmo com palestras amenas, que a corrente do inconsciente prossegue imperturbável, resolvendo problemas e planeando o avanço: a gente senta-se vazia e desanimada à secretária, e, de súbito, as palavras chegam como se condensadas no ar, situações metidas num beco sem saída desenvolvem-se: o trabalho fora feito, enquanto dormíamos, fazíamos compras ou conversávamos com os amigos.

-- Graham Greene, *O Fim da Aventura*
(1951)

Introdução

Este relatório de estágio tem como objetivo analisar o impacto que a pandemia da doença Covid-19, ainda corrente, trouxe à rotina jornalística, em todas as suas vertentes; desde o espaço de trabalho até ao desempenho do mesmo, passando pelas condições para o desempenhar, quer físicas quer emocionais – e como sinais que apontavam para este desfecho já podiam ser avistados naquilo que o jornalismo se tem tornado nas últimas décadas, com a crescente informatização e precarização do labor profissional.

O relatório de estágio em si remete para uma experiência no jornal *Público*, de 6 de janeiro a 5 de maio de 2020 – quatro meses, portanto –, nas secções *Online* e *P3*. Era um estágio que tinha tudo para ser comum, até que foi coartado a 12 de março de uma vertente presencial, tendo-se concluído o restante à distância, tal como a maioria da redação desempenhou o seu expediente.

O âmbito do relatório originou-se aqui, portanto; estava-se perante uma oportunidade única da experiência jornalística, a atravessar-se, numa primeira experiência profissional, um momento histórico – para o bem e para o mal –, e a tentativa de encapsular o que se performou e observou no período em questão fica assim endereçada, quer a partir do relato próprio, quer dos que constam da revisão de literatura, quer dos constituintes da própria redação do *Público*. Nasceu então a pergunta de partida: “Qual o impacto da pandemia de Covid-19 na rotina jornalística do *Público*?” A revisão de literatura, essa, é constituída por duas fases: “O jornalismo sentido”, e “Impacto da Covid-19 nas rotinas jornalísticas”.

A primeira remete para autores de referência, como Neveu, os quais traçam o que é ser um jornalista, desde as últimas décadas do século XX, descrevendo-se as rotinas de uma redação, entre outras componentes. Dá-se o salto para o digital, no século XXI, em que se analisam tendências da função jornalística, aliadas à precarização do mercado de trabalho, e aos estímulos que forças ulteriores como as métricas sociais impuseram – e daqui encaram-se “As dores do jornalismo”, subtítulo literal, que visa entender o quê o próprio jornalismo já significa para quem o pratica.

Na segunda fase, “Impacto da Covid-19 nas rotinas jornalísticas”, agregou-se o que já se gerava em investigação científica face ao tema titular do relatório, a fim de

descortinar o maquinário de redações cativas nas casas de quem lhes é afeto. Começa-se com análise da crise no mercado do jornalismo, que tanto se intensificou a partir do momento em que a Organização Mundial de Saúde classificou o surto originado em Wuhan de pandemia, e olham-se para dados estatísticos concretos, recolhidos por entidades diversas, como a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, sobre os temas que viriam a ser aplacados na fase de investigação, entre outros – vale a pena escrutinar as dificuldades acrescidas que as mulheres na área sofreram, assim como um olhar para aquilo que os estudos de jornalismo deverão querer explorar num futuro a curto-médio prazo.

Para a componente empírica, procedeu-se à distribuição de um formulário virtual a todos os elementos da redação do *Público*, a incidir sobre vários temas que se correlacionariam com as perguntas de investigação: “Qual o impacto da pandemia na cobertura noticiosa?”, “Quais as condições de trabalho em período pandémico?”, “Qual o impacto das circunstâncias na vida pessoal?”, e “Quais os prospetos de empregabilidade num futuro próximo?” Para trazer revelações em extenso, e também trazer alguma cor a esta componente do relatório, foram realizadas quatro entrevistas, uma presencial, três à distância, com membros da redação do *Público* – são eles a jornalista do *Online* Inês Chaíça, o diretor-adjunto Amílcar Correia, a editora do *P3* Amanda Ribeiro, e o editor do *Online* Pedro Rios – cujas transcrições podem ser encontradas na íntegra nos anexos deste relatório.

Os resultados são notórios, as conclusões são claras: a cobertura noticiosa da pandemia roubou o holofote a todas as outras, de forma recorrente e incessante, transportando os profissionais para uma rotina de elevado risco emocional, sob pressão constante de estar à altura da tarefa a partir de casa – um lugar que não está destinado ao desempenho de uma profissão; ainda para mais, uma que se quer tanto nas ruas. Daqui para a frente, o futuro não parece risonho, e teme-se um aumento da precariedade na profissão; quer por esta se ver cada vez mais despida do contacto interpessoal que a constitui, quer por existir um móbil fácil para exploração dos trabalhadores, em diversas frentes.

Capítulo I: Experiência de estágio

I.1. O Público

O jornal *Público*, publicado pela Público Comunicação Social S. A., detida pela Sonae, estreou-se nas bancas a 5 de março de 1990 – tendo completado no inverno de 2020 30 anos. Sediado em Lugar do Espido, na Maia, conta com duas redações: uma em Lisboa, na Doca de Alcântara Norte, e outra no Porto, na Rua Júlio Dinis.

É um jornal generalista, de periodicidade diária, e de linha editorial europeísta. Atualmente (à data da redação deste relatório em 2020), está na direção Manuel Carvalho, já desde 2018. Conta com uma multitude de secções ativas na redação: o *Online*, editado por Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Rios – o meu orientador no jornal –, Patrícia Jesus e Ivo Neto; *Política*, por Sónia Sapage e Álvaro Vieira; *Sociedade*, por Rita Ferreira e Pedro Sales Dias; o *Local*, por Ana Fernandes; *Economia*, por Isabel Aveiro e Pedro Ferreira Esteves; *Mundo*, por Clara Barata e Ana Gomes Ferreira; *Ciência*, por Teresa Firmino; *Tecnologia*, por Karla Pequenino; *Cultura*, por Paula Barreiros e Inês Nadais; *Desporto*, por Jorge Miguel Matias e Nuno Sousa; o *P3*, por Ana Maria Henriques e Amanda Ribeiro; a *Fugas*, por Luís J. Santos e Sandra Silva Costa; e o *Ímpar*, por Bárbara Wong.

A *Cultura* tem o seu próprio suplemento, o *Ípsilon*, à sexta-feira, editado por Vasco Câmara, e a *Fugas* ao sábado; da mesma forma, o *P2*, um grande suplemento marcado pelas reportagens, é distribuído ao domingo. O jornal está ainda presente em vários media sociais, como o Facebook, o Instagram e o Twitter, com páginas dedicadas para as várias secções.

O *Online*, onde foi realizada a maior parte deste estágio, é uma das marcas diferenciadoras do Público. A 22 de Setembro de 1995 foi lançado o website do Público, um dos primeiros de um jornal em solo luso, e tem-se expandido desde então. Hoje, o website tem cobertura nativa digital, e um sistema de assinatura virtual, para leitura em dispositivos tecnológicos.

A par dos editores – nos quais se incluía Pedro Guerreiro, desde Março editor de redes sociais, tendo passado a ocupar o seu cargo Ivo Neto, mas a partir do Porto – a secção contou também durante o meu período de estágio com as jornalistas Claudia Carvalho Silva, Inês Chaíça e Filipa Almeida Mendes, na redação em Lisboa, e com

Miguel Dantas e Sofia Neves, no norte. Os turnos de trabalho são rotativos, de sete horas diárias, com pausa de uma hora a meio; durante a semana, começam às 7h, 9h, 10h, 12h, 14h e às 16h; ao fim-de-semana, às 7h30 e às 15h30. Há sempre presente a fazer a cobertura, pelo menos, um editor e um jornalista. O trabalho da secção baseia-se maioritariamente em “últimas horas”, reações rápidas às notícias que caem em Portugal e no mundo, tratamento de notícias de agência, entre outros; acaba por contribuir para todas as secções do jornal.

Apenas presente online, mas sem necessidade de assinatura, nasceu já o *P3*, a 22 de setembro de 2011, que procura desde o início chegar a leitores mais jovens (18 a 35 anos), apresentando uma forte dimensão multimédia. A informação é dividida em três grandes áreas: a *Atualidade*, a *Cultura*, *Vícios*, *Multimédia*, *Causas*, *Megafone* e *Pet*. Ao início, a equipa reunia, para além dos profissionais da redação, elementos da comunidade académica da Universidade do Porto, em particular dos estudantes da licenciatura e Mestrado em Ciências da Comunicação. O *P3* nasceu de um consórcio em conjunto com a reitoria da universidade, as faculdades de Letras e de Engenharia da mesma, e com o Instituto Nacional de Engenharia de Sistema e Computadores do Porto. Manteve-se, ao longo destes últimos nove anos, o *crowdsourcing*, na forma do Megafone.

Para o *P3* escrevem maioritariamente Mariana Durães e Renata Monteiro, sendo uma secção para a qual contribuem esporadicamente outros elementos do jornal, dado ser também muito abrangente, ainda que por um prisma mais jovem. Só há redação fixa do *P3* a partir do Porto; o trabalho é desenvolvido por norma das 10h às 18h durante os dias de semana, com pausa para o almoço. Os conteúdos, por norma, não são imediatos, sendo que as editoras os espaçam no futuro próximo para serem publicados; desde notícias a reportagens, passando por vídeo e fotogalerias, as publicações do *P3* são muito diversas.

I.2. O estágio

O meu estágio começou na segunda-feira 6 de janeiro. Cheguei na hora marcada, 10h, e fui encaminhado até Mariana Adam na secção do *Online*, onde o meu estágio iria ter lugar presencialmente. Já tinha feito uma visita acompanhada à redação e aos seus vários espaços, pelo que já não me era estranha.

Foi-me designado um lugar, o da minha colega Claudia Carvalho Silva, que estava de folga nesse dia. Ao longo dos dois meses e meio que estagiei no *Público*, esta questão dos lugares foi talvez o meu maior problema: nunca tive uma secretária e computador designados para mim, e então todos os dias era uma “dança das cadeiras”, conforme quem estava de folga e quem entrava mais tarde. Com mais estagiários a entrar a partir de fevereiro, e também novas contratações no *Online* em março, este problema acentuou-se, e não foram poucas as vezes em que tive que sentar-me a alguma distância da secção, por só ali haver um lugar disponível – uma dificuldade que também recaiu sobre os meus colegas estagiários conforme quem chegava mais cedo diariamente, por volta das 10h.

Fui iniciado imediatamente ao serviço, a “puxar” notícias das agências *Lusa* e *Reuters*. Aprender a trabalhar com o básico do *back-office* (BO) não foi uma dificuldade, porque já tinha trabalhado num semelhante quanto basta num projeto online durante dois anos. Também sabia com o que ia contar, em relação ao acordo ortográfico de 1973, usado pelo *Público*, e o corretor automático do sistema ajudou-me na tarefa.

Pouco tempo depois, fui levado à sala de reuniões para fazer uma chamada de vídeo com as minhas editoras do *P3*, para quem eu iria fazer o estágio, Amanda Ribeiro e Ana Maria Henriques. Foi-me explicado o que esperavam do meu trabalho, o que entendi, e foi o único contacto mais “presencial” que tive com as mesmas até estar com elas na festa do 30.º aniversário do jornal, a 5 de março; todos os restantes contactos que tivemos foram via telefone, o primeiro ao início do dia, vários ao longo do expediente, o último antes da minha abalada às 18h.

A hora de almoço, de uma hora, era flexível no seu início, e depressa comecei a organizar-me com as minhas colegas mais novas, consoante a hora que faziam a sua pausa.

No decorrer desse primeiro dia de estágio redigi uma notícia, sobre um ciclo de cinema de culto no Cinema Passos Manuel no Porto¹. Era óbvio, mas ao início não o levava em mente – no *Público*, como em qualquer outro órgão de comunicação social (OCS) de referência, temos por princípio ligar aos envolvidos com o tema noticiado a pedir depoimentos, e dessa primeira vez citei outra fonte sem nunca ter pensado nesta necessidade; foi a primeira e última vez.

¹ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/01/07/p3/noticia/cinema-terror-culto-regressa-passos-manuel-1899443>

Comecei a redigir uma notícia que me tinha sido pedida, sobre um *whopper* vegano do Burger King que estava a causar polémica no estrangeiro, e também a planear um artigo sobre uma semana de trabalho de quatro dias, conforme defendido pela primeira-ministra da Finlândia. Foi também um choque de realidade logo nesse primeiro dia de estágio, já que nenhum dos assuntos tinha fundamento nem valor-notícia – o *whopper* estava à venda em Portugal há meses, e as declarações da ministra tinham sido “desenterradas” por outros OCS estrangeiros e já tinham sido retratadas pela mesma; factos dos quais não me inteirei imediatamente, mas que me deixaram logo alerta para o futuro do meu estágio.

Todavia, no processo de planeamento deixaram-me logo dar asas à imaginação, para um artigo, em particular o da semana de trabalho de quatro dias – já ia procurar um sociólogo para falar, e outras fontes, etc. Foi uma liberdade que me deram no primeiro dia e sempre me promoveram.

Ao longo ainda dessa mesma semana vi vários assuntos mediáticos desenrolarem-se: as tensões entre o Irão e os EUA, entre Joacine Katar-Moreira e o Livre, e o crescimento nos números de agressões a médicos.

Dia 7 foram divulgadas as nomeações aos BAFTA, prémios de cinema britânicos, e “puxei” uma *Reuters*². Foi a primeira vez que fiz uma tradução de uma notícia, e também aprendi logo a lição – há momentos em que uma notícia de agência não chega, e deve ser trabalhada a fim de evitar a condescendência para com o leitor.

A 8 de janeiro calhou-me uma nova tradução, desta feita uma coluna do *Washington Post*³. As indicações, nestes casos, é sempre ser-se o mais literal possível, mas perdi de vista que há expressões e realidades que não encontram tradução direta em Portugal, e que tinha de encontrar o mais próximo. Também dava muitas asas ao meu lado mais “complicado”, nas estruturas fráscas, e começou uma luta que durou até ao fim do meu estágio – e que já dura há muitos anos também –, de aprender a “simplificar”.

Também percebi que tudo o que não são conteúdos noticiosos/urgentes são “vítimas” de agendamento para mais tarde, num dia ou hora em que poderão ter melhor

² Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/01/07/culturaipsilon/noticia/bafta-joker-lidera-11-nomeacoes-1899524>

³ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/01/14/impar/noticia/doze-maneiras-pai-melhor-feliz-ano-1900131>

desempenho nas redes sociais – algo óbvio, mas que foi preciso ser-me dito para me aperceber, como muito do que aprendi ao longo de quatro meses.

No dia seguinte fiz a minha primeira galeria, sobre celebridades que tinham feito donativos financeiros para os incêndios na Austrália⁴. Tomei noção de que todas as galerias que fizesse daí para a frente iam ser algo complicadas, pelo facto de que a interface do BO nesse sentido não ser particularmente fácil nem intuitiva. Ao fim do dia, dei a notícia de que a fadista Raquel Tavares tinha decidido fazer uma pausa na sua carreira musical⁵ – foi o meu primeiro conteúdo com uma quantidade “considerável” de visualizações.

Na sexta-feira, último dia da minha primeira semana de estágio, conduzi a minha primeira entrevista telefónica, com o arquiteto Vasco Teixeira, sobre uma obra sua⁶. Estava apreensivo, mas depressa se tornou um hábito a minha relação com os telefonemas. Telefonar para fazer uma entrevista apresentava um desafio para mim: ou conseguia tirar notas ao mesmo tempo que a pessoa me respondia, ou tinha de gravar. Infelizmente, em quatro meses de estágio, não ganhei a habilidade suficiente para registar entrevistas por escrito, e tive sempre que efetuar gravação. Na redação a tarefa nem sempre era fácil: só há três salas que permitem isolamento no *Público* para gravar uma entrevista telefónica, e é difícil encontrá-las desocupadas. Transcrever uma entrevista – pelo menos o essencial – era também um pesadelo para mim, mas as minhas colegas introduziram-me ao oTranscribe, e a minha vida deu uma volta de 180° - e tanta falta que me fez um oTranscribe durante a licenciatura e o mestrado!... Ao fim destes quatro meses, já podia fazer uma vida de transcrever áudios em tempo recorde.

Nesse mesmo dia contactei a realizadora americana Carol Dysinger nas suas redes sociais, para conceder uma entrevista, algo que nunca levou a lado nenhum. Apercebi-me cedo que encetar contacto com estrangeiros tem uma taxa de sucesso reduzida, pelo menos para um estagiário português.

No início da semana seguinte, tive que fazer um *fait divers* sobre um homem que tinha ganho a lotaria na Austrália (que nunca chegou a ser publicado), e fui alertado

⁴ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/01/09/impar/fotogaleria/celebridades-australia-incendios-399538>

⁵ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/01/09/culturaipilon/noticia/raquel-tavares-adeus-musica-dois-dias-completar-35-anos-1899821>

⁶ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/01/15/p3/fotogaleria/historia-azeite-contase-museu-serra-estrela-vista-399439>

para a necessidade de procurar sempre OCS de referência para dar notícias do estrangeiro.

Ao longo do estágio dei muitas breves sobre concursos. Se o prémio não constasse dos comunicados de imprensa, deveria descobri-lo; caso não houvesse prémio, não dávamos a notícia. Fora essa situação, anunciar concursos era dos poucos tipos de artigo que não requeriam um telefonema a pedir informações, os comunicados eram sempre bastante completos.

Com os casos dos jovens universitários assassinados no final do ano de 2019, por essa altura surgiu o movimento Campus Seguro, de consciencialização contra a insegurança no campus. Foi-me sugerido pelas minhas editoras do *P3* que contactasse os líderes, a entender que continuidade teria o movimento. Acabou por não ter, e nunca se avançou com nada.

No final desta última semana, pela primeira vez foi-me solicitado um trabalho fora das minhas duas secções de trabalho, pela *Fugas*, sobre um restaurante de séniores à cozinha⁷. Foi também a primeira vez que me deram um prazo para entregar um artigo maior – era até ao final da tarde – e entre fazer duas entrevistas e transcrevê-las, e dar apoio no *Online*, debati-me, mas consegui.

No início da minha terceira semana surgiu a notícia do espancamento de Cláudia Simões por um agente policial. Não estive envolvido em qualquer fase da cobertura, mas ficou-me o episódio da decisão de que imagem exhibir na homepage na tarde de terça-feira 21, dado que os ferimentos eram bastante gráficos para o leitor mais suscetível. Foi algo que me lembrou do exemplo típico, que vi repetido ao longo dos meus dois graus académicos, sobre as manchetes espanholas no dia após o ataque da ETA em 2004; no final dessa tarde, prevaleceu a foto do rosto agredido de Cláudia Simões, já que “o que choca na notícia é mesmo o estado em que a senhora ficou”, conforme um dos meus editores apontou.

Desenrolava-se nessa semana o julgamento de Harvey Weinstein, e também a cobertura de um “misterioso vírus na China”, que mal sabia eu que ia pautar o resto do meu estágio. No final dessa semana, “puxei” uma *Lusa* sobre um crime em Évora⁸, e

⁷ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/01/17/fugas/noticia/lisboa-vai-restaurante-so-maiores-65-anos-valorizar-seniores-dar-1900785>

⁸ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/01/24/sociedade/noticia/prisao-preventiva-seguranca-agredir-brutalmente-homem-evora-1901611>

recorri a uma imagem que havia no nosso arquivo, da zona do delito... nos anos 60. Os meus colegas compreenderam a ignorância da minha parte, mas fiquei ciente de que qualquer imagem que não seja dos últimos dez anos é para descartar. Encontrar imagens no nosso arquivo, próprias, da *Lusa* e da *Reuters*, também foi muitas vezes complicado, diga-se, por não ter o sistema de pesquisa mais eficiente.

A minha quarta semana começou com o rescaldo da morte de Kobe Bryant, e com a ameaça do Brexit. Estalava também o escândalo dos *Angola Leaks*, e solicitaram-me a minha primeira revista de imprensa⁹. Vi-me algo assoberbado – demasiado para um artigo tão simples, na verdade – mas no processo aprendi muito sobre a importância que se deposita nos diversos OCS internacionais – i.e., as manchetes das agências são “descartáveis”.

Ao longo dessa semana, acabei por efetivamente contactar com o visado do Passos Manuel, da notícia do meu primeiro dia¹⁰ – num assunto vagamente diferente, mas digamos que pude retificar o pequeno lapso.

Dia 31, sexta-feira, era o dia da manifestação nacional da função pública. Não era – nem fui – achado em nada da cobertura, mas depois de almoço, a minha colega Inês Chaíça notou a minha curiosidade pela reportagem do evento, e sugeriu aos meus editores que a acompanhasse para assistir, uma ideia que todos encorajaram; foi de longe a sexta-feira mais entusiasmante do meu estágio. Fomos com o fotógrafo Daniel Rocha no táxi – a primeira vez que me desloquei pela empresa – e depressa fiquei chocado por descobrir que ele não nos iria acompanhar na reportagem, que ia fazer o seu trabalho independentemente – algo perfeitamente óbvio para uma reportagem de grande evento, mas que nunca tinha parado para pensar. A minha colega cedo me transmitiu a noção de que era necessário encontrarmos uma amostra diversa, em género e faixa etária, para os testemunhos da reportagem – também óbvio – e iniciou-se uma procura pelo Marquês de Pombal. Um dos entrevistados, casualmente, acabou por se revelar uma pessoa de relevo no âmbito da reportagem, e deu para perceber a importância de estar preparado para uma atividade destas, e mudar o guião instintivamente, com confiança. Vi-a registar notas, sobre o que observava, em particular apontamentos que dão cor à reportagem, e, pese a chuva, acompanhámos a

⁹ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/01/28/mundo/noticia/revelacao-rui-pinto-denunciante-luanda-leaks-olhos-imprensa-estrangeira-1901883>

¹⁰ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/02/p3/noticia/the-room-melhor-pior-filme-duas-sessoes-porto-1901556>

manifestação até ao Parlamento – onde, no meio da multidão, me perdi dela, e dei o meu dia por terminado. Ao ler a reportagem dela nessa noite, entendi toda a relevância dos registos que ela fez, em áudio e papel, o que me trouxe verdadeira noção do processo de cobrir um evento de massas como este.

A minha quinta semana, iniciada a 4 de fevereiro, foi marcada pelo meu primeiro envolvimento na cobertura do novo coronavírus. Desde traduções de artigos variados do *Washington Post* relacionados com o tema, até guias da Organização Mundial de Saúde (OMS), o vírus começava a imiscuir-se no dia-a-dia da redação.

Solicitaram-me do *P3* que fizesse um artigo sobre a presença de uma peça de arte pública na Praça Europa, mas esta tinha sido instalada há um mês, e não tinha como provar que ainda estava no local. Fui fortemente encorajado a entrar num autocarro e ir lá ver por mim – parte do processo jornalístico é confirmar – e então desbravei a chuva e lá fui. A peça continuava montada, mas no regresso para a redação descobri que o *Ípsilon* já tinha dado a notícia aquando da instalação em janeiro. Foi um momento definidor na minha experiência de estágio: muitas vezes não há uma articulação perfeita entre secções no jornal, e convém confirmar sempre se algo não está já a ser desenvolvido – ou se até já o foi.

A 6 de fevereiro foi publicado o meu primeiro artigo relacionado com o vírus, sobre o ressurgimento do filme *Contágio* nos tops mundiais¹¹. Foi a primeira vez que entrevistei um profissional médico, neste caso uma psicóloga; aprendi também logo alguns factos sobre o vírus até então, ainda no início da calamidade, o que foi benéfico, pois mais tarde já tinha algum conhecimento teórico.

Nessa sexta-feira, 7, fui encarregado de ligar para o Instituto Português do Mar e da Atmosfera a fazer questões sobre a meteorologia para o fim-de-semana. Foi provavelmente a chamada mais embaraçosa que fiz na vida, porque apesar de ser algo terrivelmente básico, não fazia mesmo ideia de que perguntar nem como redigir o artigo. No fim, o meu telefonema acabou por não ter utilidade, um erro que assumo.

A minha sexta semana começou com o rescaldo da vitória de *Parasitas* nos Óscares, e também com o debate que começava a aquecer em torno da legalização da eutanásia em Portugal. Logo nessa segunda-feira, 10, Cláudio Ramos foi anunciado

¹¹ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/06/p3/noticia/nove-anos-filme-contagio-volta-tops-culpado-coronavirus-1902991>

como apresentador da nova edição do *Big Brother*¹², e fui encarregado de contactar Nuno Santos, então diretor de programas da TVI, a pedir algumas palavras. Foi a única vez que telefonei incessantemente para um número sem nunca obter resposta, e percebi que, após anúncios mediáticos, os envolvidos raramente estão disponíveis para prestar declarações.

Quarta-feira, 12, pela manhã os meus editores pediram-me que investigasse o “desafio da rasteira”, que estava a viralizar lá fora e que já tinha resultado em fatalidades. Estava pronto para avançar, já com informação recolhida, quando me avisaram para confirmar se já havia alguma expressão do desafio em Portugal. Depois de correr algumas pesquisas no Twitter e no Facebook, mandaram-me abortar missão: se o desafio ainda não tinha chegado a Portugal, não íamos escrever nada, porque ia criar consciência sobre o mesmo e, quem sabe, levar à adesão por parte de jovens mais inconsequentes. Foi talvez a ocasião em que mais frontalmente me deparei com este lado ético do jornalismo; temos o dever de informar, mas também a obrigação de proteger as pessoas, e, neste caso e dadas as circunstâncias, não vinha bem nenhum ao mundo ao “publicitarmos” o desafio. Nunca chegou a viralizar em Portugal.

Durante a tarde, disparava uma fiscalização de apanha ilegal de amêijoas em Alcochete. Chegou-nos uma *Lusa*¹³, e dei conta de que o sucedido estava a ser acompanhado em direto na SIC; foi a primeira vez que dei importância às múltiplas televisões na redação. No dia seguinte, 13, acabei por noticiar ainda o rescaldo da operação¹⁴.

Ainda nessa tarde de 12, chamei à atenção para a luz mediática que estavam a ter os crimes de peculato da ex-freira Idalina Jacinta, e pediram-me que noticiasse o caso¹⁵. Foi a primeira vez que liguei a um organismo do Estado, neste caso a Procuradoria-Geral da República, a pedir uma confirmação. Entre declarações que a acusada já tinha dado à TVI (“foi trabalhar, sempre com muito sacrifício, sem férias, fins-de-semana, nem dias santos”), e o teor salaz dos desvios da antiga religiosa, o artigo levou o título

¹² Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/10/impar/noticia/claudio-ramos-troca-sic-tvi-vai-apresentar-proximo-big-brother-1903567>

¹³ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/12/sociedade/noticia/gnr-fiscaliza-apanha-ameijoa-imigrantes-ilegais-praia-alcochete-1903869>

¹⁴ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/13/sociedade/noticia/gnr-identifica-210-estrangeiros-apanha-ilegal-oito-toneladas-ameijoa-setubal-1903968>

¹⁵ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/12/sociedade/noticia/dinheiro-pavao-ate-motoserra-exfreira-acusada-desviar-310-mil-euros-1903919>

“Dinheiro, um pavão e até uma motosserra. Ex-freira acusada de desviar 310 mil euros”. Algo que marcou negativamente a minha experiência jornalística: a despreocupação com que, por vezes, entidades oficiais me atenderam o telefone. Tentar clarificar algum assunto é meio caminho andado para ouvir um “não comentamos”, ou “ligue para número tal” e cair-se num círculo infrutífero.

Dia 13, logo à chegada, foi-me pedido que noticiasse declarações que António Costa tinha dado à *Bloomberg*¹⁶, sobre os vistos gold, e era urgente. Entendi que tinha que ser preciso e sucinto; infelizmente eu não entendia nada de vistos gold, nem grande coisa de economia, a falar verdade, mas lá me orientei. Foi a primeira notícia em que recebi comentários de ódio nas redes sociais, dado também o conteúdo inerentemente político; não fiquei chocado, nem ofendido por ser chamado de “jornaleiro”, mas foi daqueles momentos em que pude presenciar na primeira pessoa, que há quem veja o jornalista como saco de pancada.

A minha sétima semana começou com a cobertura do caso de racismo contra Moussa Marega. Comecei a fazer uma coletânea das mensagens de apoio mediáticas ao jogador¹⁷ – semelhante à revista de imprensa, desta vez já com maior facilidade – mas tive que deixar a finalização para outro colega, contudo, porque fui fazer a minha primeira reportagem.

A ideia tinha sido lançada pelo meu editor do *Online* e orientador de estágio, Pedro Rios, que me encaminhou por o meu passatempo de eleição ser o cinema. A ideia era fazer um artigo sobre o último videoclube de Lisboa¹⁸. Contactei o Cineteka e agendei o registo. Nessa segunda-feira, 17, depois de almoço, apanhei o meu primeiro táxi sozinho em nome da empresa, e pus-me a caminho. Eu considero-me um bom ouvinte, e o proprietário, Gonçalo Peres, também esteve sempre à vontade e foi muito prestável, com uma conversa que sempre me manteve em grande interesse. Todavia, aprendi por mim a necessidade que alguns dos meus colegas já me tinham apontado, de levar outro jornalista para uma grande entrevista. Uma hora e meia – foi a duração – é um grande espaço de tempo para manter a atenção do entrevistado, sem acusar cansaço

¹⁶ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/13/economia/noticia/congelar-rendas-solucao-berlim-nao-lisboa-avisa-costa-1903960>

¹⁷ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/17/desporto/noticia/mundo-futebol-sai-defesa-marega-redes-sociais-1904435>

¹⁸ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/06/p3/reportagem/ultimo-videoclube-lisboa-alugam-dvd-tempos-streaming-pirataria-1905744>

físico; felizmente, foi algo de que me apercebi somente, pois não cheguei a experienciar dificuldades de maior.

Não foi nesse dia, contudo, que tive tempo para pegar no material. Tinha desistido – maior lição, nunca dar um contacto por perdido – de uma entrevista que as minhas editoras do *P3* me tinham sugerido, sobre a nova exposição do coletivo de *street art* ARM Collective, e eis que nessa segunda-feira à tarde recebi a confirmação, para ir fazer o artigo na tarde seguinte¹⁹. Nunca fui entendido em *street art*, e foi a primeira vez que levei trabalho para casa, explorar a carreira do duo e fazer o guião. Na terça, dia 18, lá fui eu depois de almoço. Desta feita a dificuldade foi outra: é “puxado” gerir uma conversa com duas pessoas, isto porque as mesmas vão dinamizando o assunto entre elas, e porque há sempre uma que fala mais que outra, e essa falta de balanço tem que ser colmatada ali na hora. Sou uma pessoa que não gosta de fazer ninguém sentir-se excluído num momento social, e então apliquei o que já fazia: olhar para um lado e outro, e puxar pela parte mais inibida – não foi, de todo, exaustivo, porque realmente ambos os entrevistados tinham episódios e vivências incríveis para relatar. Depois foi a maratona, transcrever tudo e fazer o artigo, a tempo da inauguração da exposição, quarta-feira às 18h. Mesmo com o trabalho feito em casa, e o “esticão” que dei até às 16h dessa quarta 19, não deu para a publicação às 18h. Eu não tinha noção de que havia um limite de caracteres em reportagens online – péssimo da minha parte – e acabei por entregar um “monstro” duns 16 mil, quando que o máximo rondava a metade. Com a ajuda das minhas editoras do *P3*, e revisão ao telefone, lá chegámos a uns simpáticos 10 mil caracteres, e o texto foi para o ar nessa noite. Odiei-me por ter falhado o prazo, mas disse a mim mesmo que seria a última vez – e pelo menos, para estes quatro meses, foi.

Também aprendi a grande lição da extensão das reportagens, e pu-la a serviço, para a reportagem do Cineteka, que fui desenvolvendo ao longo das semanas seguintes em horas mortas. Incrivelmente, para minha grande estupefação, ainda totalizei nuns 12 mil caracteres em que as minhas editoras tiveram que dar um corte, mas essa foi a última vez que excedi. A reportagem foi publicada a 6 de março.

O final dessa semana foi marcado na redação pela morte de Vasco Pulido Valente, na sexta, 21, que era cronista do jornal há vários anos. Na segunda-feira, 24, estava eu há meia hora à secretária, quando vêm ter comigo e me informam que ia ser

¹⁹ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/19/p3/reportagem/arm-collective-nao-querem-reis-rua-so-querem-arte-1904785>

eu a cobrir o funeral de Pulido Valente nessa tarde²⁰. Caiu-me o queixo perante um desafio que me parecia dantesco, mas tive que me fazer à vida, e aprender um adágio que inventei ali para mim: que ser jornalista é tornar-se *expert* num assunto, em dez minutos. Não foram dez minutos, mas foram duas horas, em que tive que explorar os factos sobre a longa carreira dum homem muito variado, que eu, ignorantemente, apenas conhecia enquanto colunista. Em cima disso, o facto de que eu nunca tinha ido a um funeral, um evento que para mim era uma grande incógnita. Acima de tudo, sentia-me desconfortável, com o facto de me ir imiscuir na ocasião, mas sabendo que não ia ser um repórter intrusivo, que ia haver mais imprensa lá, e que Pulido Valente tinha sido uma figura grande para o jornal, reforcei-me. Todavia, nunca fiz de passatempo meu ler reportagens de funerais, e tive que angariar conselhos aqui e ali, para o que iria escrever, e lá ganhei noção para o artigo que havia de ser. Depois de almoço, fui no táxi com o fotógrafo Daniel Rocha, que percebeu os meus receios e deu-me grande assistência nos meus registos no local, em particular a identificar figuras menos centrais da política nacional – assim como elementos de outros OCS ajudaram também, uma solidariedade que me impressionou e pela qual estou agradecido. Uma vez na redação, os nomes que faltavam conseguimos identificá-los nas fotos com a ajuda da secção de *Política*, e, despachado, acabei o maior desafio da minha carreira – até agora – a tempo e horas.

A minha nona semana começou com a publicação dum artigo a divulgar uma coleção de t-shirts solidária²¹. O contacto com proprietária da marca foi provavelmente dos mais difíceis que fiz ao longo de todo o estágio, por um simples motivo: era uma pessoa que em vez de falar, preferia ler o comunicado de imprensa ao qual eu já tinha tido acesso, e insistia que queria ler o artigo antes de ser publicado, como se eu a quisesse prejudicar de alguma forma. Tive que a reconfortar várias vezes, que não lhe podia mostrar o artigo, mas que não planeava de forma alguma magoar-lhe o negócio. Foi um artigo normalíssimo, e lá fiz o que podia com a participação “difícil” da visada, mas efetivamente ganhei defesas para lidar com entrevistados defensivos.

Essa sexta-feira, 28, foi um dia cheio de surpresas. Tínhamos informação de uma fonte aparentemente segura, de que tinha chegado o primeiro caso de coronavírus a Portugal. Ao início indagava-me por que não avançávamos com a notícia, mas cedo me

²⁰ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/24/fotogaleria/vasco-pulido-valente-400382>

²¹ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/24/p3/noticia/future-print-club-tshirts-designers-internacionais-ajudam-ong-1905101>

fizeram interiorizar que era bem provável que fosse mentira – e foi – e que só se podia dar essa informação com confirmação oficial. Todavia, tratou-se um artigo completo, no aguardo da confirmação que nunca chegou às 14h, com a conferência da DGS – que foi, de longe, o momento em que mais faltou o ar na redação durante aqueles meses. No dia em que confirmaram efetivamente a existência dum caso em solo nacional, não houve nem uma fração da comoção que aquela espera gerara.

Nessa manhã intensa começou também o meu “curso de combate” contra o coronavírus – como quem diz, fiz o meu primeiro direto/”ao minuto”²², uma atividade basicamente diária que durou até sermos enviados para teletrabalho. Começou por mera casualidade; o meu editor Pedro Rios sugeriu-me que fizesse uma entrada no direto daquela manhã, e eu, como já via as minhas colegas trabalhar diariamente no formato, depressa lhe peguei o gosto; foi a minha primeira vez na manchete da homepage. Adorava aquela dinâmica do imediato, da espera e da procura incessante por novo material para submeter. Ao início, fiquei maioritariamente com as agências, enquanto as minhas colegas ficavam com OCS estrangeiros. Depressa perdemos a noção de divisão, quando ganhei capacidade para me coordenar a dois, às vezes três, até com pessoas no Porto – se bem que ainda introduzi muitas vezes informação duplicada, na hora. Fui eliminando erros de principiante, como usar demasiadas imagens e criar demasiados destaques, e também aguçando práticas, como afinar a tradução, em particular de termos (como cargos políticos) que não tinham transição direta para o português, e deixar tempo para certas “bombas” respirarem, antes de dar mais atualizações. Rapidamente criei este horário mental, de quando saíam os números da pandemia em determinados países-chave na altura (como o Irão, a Itália, o Reino Unido), e também de várias conferências de imprensa, como as da OMS – tornei-me um viciado nas declarações-choque de Tedros Adhanom. Esforcei-me também por fazer do direto algo um pouco mais “fora da caixa”, com notícias de cancelamentos e adiamentos de eventos, espetáculos, filmes, etc., ideias que sempre foram apoiadas pelos meus editores. Senti que tinham confiança em mim, tanto que umas poucas vezes deixaram-me ficar sozinho a “aguentar o barco” durante períodos curtos, quando o meu companheiro de trabalho tinha que se retirar por algum motivo. Pode-se dizer que em pouco tempo o processo deixou de ser formativo, e passou a ser “lúdico”, porque efetivamente foi o que mais gostei de fazer ao longo de todo o estágio. Só acusei cansaço de expressões como “em

²² Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/28/mundo/noticia/nigeria-identifica-caso-covid19-africa-subsaaariana-1905806>

pleno surto do novo coronavírus”, “em tempos de pandemia”, “em plena crise pandémica”, e outras afins.

No início da minha 11.^a semana – a última na redação – recebi pela primeira vez um email que me era verdadeiramente destinado. Era de uma associação de pais dum colégio, onde já tinha sido registado um caso de coronavírus, e que não tinha enviado todos os alunos para casa; os pais estavam revoltados e apelavam a que fizéssemos alguma notícia. Não fizemos, mas tomei noção de que há quem considere os jornalistas como os seus RP em tempos de crise.

Também me chegaram, através de amigos, relatos de que uma faculdade de Lisboa tinha tido que isolar uma aluna e chamar o INEM, por esta estar infetada, e que tudo continuou como normal. Tive provas fotográficas e relatos, mas não me deixaram construir um artigo por motivos óbvios – carecia de confirmação oficial, que jamais nos seria dada.

Propus ainda nesse dia fazer um artigo sobre o decréscimo dos números de bilheteira de cinema à medida que o vírus se imiscuía nas preocupações do país. Apesar de eu notar que os números já tinham sido afetados, os editores de cultura discordaram de mim, mas propuseram-me que ligasse para exibidores e talvez houvesse material para um artigo. Só consegui contactar com uma exibidora, e apesar de ter conseguido vago material, a minha procura pela história acabou ali, porque no fim da conversa a representante disse-me “isto não foi para publicar, espero”, depois de um discurso algo sórdido. Fiquei alerta para a necessidade de entender quando o entrevistado fala em *on* ou em *off*, porque, parecendo que não, há quem pense que ligamos para passar o tempo.

Na mesma onda, algo que aprendi ao longo deste estágio foi que tenho responsabilidade de proteger entrevistados na medida do possível; isto porque alguém que entrevistei nestes meses deu-me um detalhe deveras interessante no âmbito do artigo, inocentemente. Esse detalhe, apesar de não ser tóxico ou nocivo de forma alguma – pelo contrário –, podia vir a prejudicar a pessoa, pelo que optei por manter a revelação de fora. Não ia melhorar o meu artigo em nada, e a pessoa não tinha de correr riscos.

Na quarta-feira, 11 de março, fiz o meu único trabalho fora da área metropolitana de Lisboa, nas Caldas da Rainha – a minha primeira vez na cidade, já agora. Ia entrevistar a designer de produto Eneida Tavares, para uma rubrica de vídeo e

texto do *P3*, a *Sub-30*²³ – uma reportagem que já tinha sido adiada duas vezes, devido à disponibilidade das câmaras. A minha colega Carolina Pescada iria fazer as filmagens e montar as imagens, e nessa manhã lá fomos no carro da empresa. Respirei de alívio quando vi a minha colega no processo da entrevista a fazer também perguntas espontâneas, todas elas relevantes e que não me tinham passado pela cabeça; não senti o cansaço de uma grande entrevista a solo, e ficámos com material muito mais diverso para trabalhar. Também descobri que, quando se está constipado, uma entrevista-vídeo é o momento ideal para a garganta decidir fugir do nosso controlo e tossir violentamente – foi uma agonia controlar-me para somente tossir entre perguntas. Comecei também a aperceber-me da maior felicidade que o jornalismo me traz, para lá de reportar a atualidade: o carinho com que os meus entrevistados descreviam os seus ofícios encantava-me sempre, ao ponto de me crescer um vago interesse próprio nas suas áreas. O artigo, contudo, ficou “em águas de bacalhau” eternamente, porque era impensável largar uma história sem coronavírus num momento em que todas as atenções para lá estavam viradas; só a 23 de abril foi para o ar, uma altura em que já tinha espaço para respirar entre a cobertura da calamidade – e foi o *Sub-30* com mais partilhas e visualizações à data.

Sexta-feira foi o meu último dia na redação, mas só o saberia ao longo do dia. Ironicamente, foi um dia em que solicitei entrar às 7h da manhã, e, para meu espanto, descobri que o *Online* basicamente “abria” a redação. Comecei a fazer o direto²⁴, fui fazendo ao longo do dia, e quando chegou a minha hora de saída, arranjei forma de o meu portátil chegar até mim, e levei-o à equipa de informática para me instalarem o VPN do jornal. Na altura disseram-me que talvez fosse melhor suspender o estágio, mas que a decisão estava nas minhas mãos. Esperançoso, e considerando que tudo o que tinha feito para o *P3* tinha sido em coordenação via telefone, optei por ir em teletrabalho – uma decisão que também foi a origem do tema do meu relatório.

Começava assim a minha 12.^a semana de estágio, na segunda-feira, 16. Liguei-me ao VPN, falei com as minhas colegas, e comecei a participar no direto. Aos primeiros dois, três dias, foi fácil q.b. manter a rotina de antes, senti-me integrado, os meus editores do *Online* às vezes mandavam-me puxar uma *Lusa* ou uma *Reuters*, tudo

²³ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/23/p3/video/sub30-tranca-a-tranca-entre-ceramica-e-cestos-eneida-resgata-raizes-20200323-140924>

²⁴ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/13/sociedade/noticia/governo-impoe-plano-choque-enfrentar-coronavirus-1907571>

corria bem. Até que eventualmente se instalou uma determinada inércia; deixei de receber trabalho e as minhas contribuições no direto deixaram eventualmente de ser bem-vindas, o que compreendi, porque certamente seria difícil lidar já com o pessoal contratado à distância, quanto mais com um estagiário. Passei alguns dias à espera de trabalho que raramente chegava; até ao 5 de maio, em que terminei o estágio fiz algumas traduções e uma ou outra breve para o *Online* – como o meu maior artigo de sempre, sobre a quarentena do rei da Tailândia com 20 mulheres, a 31 de março²⁵; valeu-me a minha maior quantidade de partilhas.

À minha 13.^a semana, contudo, começou a chegar mais trabalho do *P3*. Todos os dias as minhas editoras enviavam-me emails, geralmente comunicados de imprensa, para contactar os envolvidos e fazer uma notícia. Era um bocado complicado para mim, porque precisava de pedir outro telemóvel emprestado em casa, para ligar e gravar com o meu a entrevista, geralmente uma causa de constrangimentos, mas nada demais. Montei também algumas galerias fotográficas, o que já não era particularmente fácil, e também porque o equipamento onde tinha o VPN instalado não é o computador mais eficiente.

A 29 de março foi publicado um artigo meu sobre uma app que promovia a solidariedade em tempos do coronavírus²⁶. A chamada com os criadores foi das mais complicadas até hoje: quem dá uma entrevista geralmente procura promover-se sempre um pouco, mas durante meia hora foi por demais, e interromper pessoas ao telefone é ainda mais dantesco que ao vivo.

A 7 de abril foi publicada a minha primeira notícia feita com um entrevistado estrangeiro, inglês²⁷. Combinámos uma chamada via Skype, e foi embaraçoso no mínimo ser só eu com a câmara ligada – por algum motivo uma chamada telefónica pressupõe o aceitável de não se ver a cara da outra pessoa, mas ficar “coxo” numa videochamada é só desconfortável, enfim; são as alegrias do teletrabalho...

Esse foi também o dia em que recolhi material para a minha única reportagem neste período de teletrabalho, que eu já tinha sugerido fazia vários dias: falar com

²⁵ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/31/impar/noticia/rei-tailandia-faz-quarentena-20-mulheres-hotel-alemao-1910299>

²⁶ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/29/p3/noticia/quero-ajudar-plataforma-liga-precisa-ajudar-1909443>

²⁷ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/07/p3/noticia/ouve-quarentena-projecto-reunions-silencio-pandemia-1910896>

jovens a terminarem o 12.º ano, e que se viam agora parcos das celebrações do costume, e inseguros face a um futuro incerto²⁸. A minha proposta passou vários dias a marinar, até que dia 6 à tarde me deram luz verde – e tinha que estar pronta a publicar a 8, porque o Governo ia decidir sobre o regresso às aulas desses alunos dia 9. Arranjar cinco adolescentes, de pontos do país e áreas académicas diferentes... foi um suplício. Muitos contactos cruzados, muita paciência. Depois, um dos jovens literalmente era o tipo de pessoa que fala em monossílabas, “sim” e “não” só, basicamente; puxar dali um discurso coerente foi mesmo “a ferros”. Outro dos jovens tinha uma agenda muito precisa, e com o testemunho que ia dar ficou entendido tacitamente que também tinha que constar o que mais queria passar cá para fora; não me agradou particularmente, mas trazia alguma cor à reportagem, portanto lá me submeti. Depois, balançar os discursos, seleccionar o que queria destacar, ficar dentro do limite de caracteres... foi um contrarrelógio interessante.

A 16 de abril liguei para um entrevistado, a perguntar se podia dar-me o seu depoimento: disse-me que tínhamos somente seis minutos devido a compromissos. Geralmente as minhas entrevistas telefónicas não duravam muito mais que isso, mas efetivamente tive que fazer um exercício que pouco me agradava, de “despachar” a coisa e obter o essencial, algo que para mim era inédito, pois ao longo de três meses tinha-me habituado a dispor dos entrevistados durante tempo “indefinido”.

O Dia do Associativismo Jovem comemora-se a 30 de abril, e, uns dias antes, a Federação Nacional das Associações Juvenis contactou-nos, a apurar se tínhamos interesse em falar com o presidente. Lá fiz a entrevista, redigi o artigo; chega ao processo de edição e chamam-me à atenção de que “não há notícia” no que escrevi. Foi a primeira vez que fui confrontado com o facto de que falar com alguém não nos condiciona obrigatoriamente a usar o seu testemunho, uma lição que me marcou. Todavia, o artigo foi agregado a outro, e acabou por ter uso, ainda que não o original²⁹.

Ao longo do primeiro período de Estado de Emergência contactei com várias pessoas. No processo, acabei a falar com uma delas, que parecia particularmente predisposta dialogar, sobre a sua vida; era alguém que não estava numa situação exatamente fácil, relativa ao confinamento. Foi revelador, de um modo que talvez esteja

²⁸ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/08/p3/noticia/aulas-online-exames-incertos-verao-diferente-acabar-secundario-tempo-covid19-1911575>

²⁹ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/30/p3/noticia/apoio-maior-accao-jovens-pais-ajudar-tempo-covid19-1914533>

a endeusar, mas, efetivamente, há quem veja jornalistas como uma espécie de confidentes, em períodos difíceis. Fiquei comovido, e tentei transmitir preocupação e desejos de força à pessoa em questão; foi algo que me trouxe toda uma outra visão do meu ofício.

Ao fim de 18 semanas de trabalho, o meu estágio no Público chegou ao fim, a 5 de maio – ironicamente, o dia de teletrabalho em que mais tarefas tive: foram, no total, três artigos³⁰, um deles inclusive solicitado pelo *Online*³². As despedidas foram atípicas, obviamente, mas enviei uma mensagem a todas as pessoas que trabalharam diretamente comigo ao longo dos quatro meses de estágio, e devolveram-me o amor que lhes passei, e desejaram-me sorte.

I.3. Reflexão

O meu estágio foi “interrompido” por circunstâncias ulteriores, mas, ainda assim, não posso dizer que me senti inutilizado ao longo dos quase dois meses que trabalhei a partir de casa. Houve sempre trabalho para fazer, e senti que, mesmo que não tão essencial como o que desenvolvia em redação, era prezado para manter a rotina de assiduidade jornalística do *Público*.

Não faço da desgraça alheia a minha sorte, mas não ignoro também quão diversa foi a minha experiência devido ao confinamento – experienciei em primeira mão duas realidades do trabalho jornalístico – o que me trouxe toda uma visão completa para o desenvolvimento deste relatório – e sinto que fui desafiado e encorajado a dar o melhor de mim em ambos os momentos.

Uma vez mais, só posso também enaltecer o quanto fui acolhido no seio do *Online*, pese que não estava a estagiar lá, teoricamente. Ao início posso ter sido mais um estagiário, mas ao longo das semanas transmitiram-me crescentemente que eu era um elemento laboral tão digno como outro qualquer, ainda que em formação, e sempre apostaram em mim, mesmo em momentos mais complicados de atualidade jornalística.

³⁰ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/05/05/p3/fotogaleria/por-todo-o-mundo-os-filmes-voltam-aos-carros-o-drive-in-esta-de-regresso-401199>

³¹ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/05/12/p3/noticia/covid19-estudante-cria-sistema-avalia-risco-contagio-locais-publicos-1914653>

³² Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/05/05/p3/noticia/doenca-viral-ataca-abelhas-ritmo-alarmante-reino-unido-1915241>

Idem para as minhas editoras do *P3*. A distância nunca as impediu de me supervisionarem ao máximo e manterem-me sempre ocupado – e o cuidado que expressavam em todos os muitos telefonemas que fazíamos ao longo do dia, e preocupação em aguçar o meu desempenho jornalístico, foi incalculável e impagável.

Capítulo II: Desafios do jornalismo na atualidade e na era Covid

II.1. O jornalismo sentado

Paradigmas de redação

“Compreender o trabalho dos jornalistas é, antes de tudo, vê-lo sendo feito, dentro das salas e nas reuniões de redação, nas entrevistas, na caça às imagens, no jogo das negociações e informações de autoridades divulgadas na mídia”, declara Neveu no livro de referência *Sociologia do Jornalismo* (2006, p. 16).

A coordenação na produção de uma publicação ou boletim, quer quotidiano, quer semanal, a fim de dar coerência ao trabalho de todos os profissionais envolvidos, cunha-a o autor de “tão elevada”; por conseguinte, pressupõe-na como “uma relação tensa com o tempo, que proíbe as deliberações prolongadas” (p. 76). “A ossatura desse enquadramento materializa-se numa hierarquia organizacional e numa rigidez de sequências temporais” – a rotina (idem).

O que há de mais frequente no trabalho jornalístico são os acontecimentos “rotineiros previsíveis” – e, por conseguinte, a maioria dos eventos relatados também o são, já que o quotidiano se faz dessas datas em sequência, a formar um ciclo fácil de antever. Tal não invalida, contudo, que “a atualidade mais quente determine que uma cobertura importante seja feita de acordo com factos relevantes do tipo ‘escândalo’ ou ‘acidente’” (p. 89).

Para Witschge e Harbers (2018), nestas práticas entende-se continuidade, já que tais atividades, à medida que se tornam um standard, sublinham o entendimento da rotina, e também o oposto. Tal pressupõe o entendimento de mudanças que ocorram: “se as perceções ou as atividades do jornalismo mudam, então, novos standards podem vir a ser fixados, e a estruturar a prática do jornalismo”³³ (p. 111).

A estruturação é um fenómeno transversal a todas as áreas; de uma maneira geral, consideremos Grant (1996), que expõe quatro formas fulcrais de as empresas organizarem os seus profissionais – e por suposto as suas rotinas: a primeira, o uso das regras e diretivas para alinhar os especialistas rumo aos objetivos que partilham no seio

³³ Tradução própria de “If either the understandings or the activities of journalism change, then over time, these can set new standards, and structure the practice of journalism.”

da empresa; a segunda, a sequenciação, que envolve a coordenação do trabalho dos especialistas numa progressão de padrões temporais, levando ao rotineiro e institucionalização; por terceiro, a persistência ao longo do tempo das rotinas, que não são mais que padrões comportamentais repetitivos, mas que podem também evoluir e mudar, um processo que não é forçado pelas chefias; último, a interação que em tanto marca as resoluções de problemas em grupo, que se iniciam em tempos de incerteza.

Todavia, enquadrar estes eventos requer contemplar “o maquinário organizacional de uma redação” (Neveu, 2006, p. 78), o qual para ser percebido requer observação direta. Neveu baseia-se então nas descrições do ciclo temporal de Michel Mathien, na sua obra *Les Journalistes et le Systeme Mediatique* (Mathien, 1992, cit in Neveu, 2006), para conceder esta análise do local de trabalho, que até ao momento persiste a ser datada, no que toca às versões em papel.

Uma manhã num matutino começa “pela comparação entre a edição da véspera com as da concorrência, pelo acompanhamento dos fatos via consulta às outras mídias e pela análise dos fatos do dia a cobrir, que terão sido pré-selecionados a partir de mensagens enviadas por assessores de imprensa” (p. 78). Daqui nascem os debates nas editorias, que após uma primeira reunião de pauta no fim da manhã, preveem o preenchimento das páginas da publicação, alocação de repórteres e sugestão de ângulos. Editores e secretário de redação estão atentos à necessidade de improvisar mudanças que determinado acontecimento exija – e podem servir-se dos sistemas informatizados para acompanhar ao minuto o trabalho dos profissionais, que terão que vir a ser paginados. Ao final da tarde há uma segunda reunião, a terminar com decisões tomadas e a composição da primeira página do dia seguinte, e o fecho da paginação (p. 78-81).

Neveu e Mathien resistem a separar “as pressões temporais que pesam sobre a redação” de “um aval da produção da informação”, dados os horários de envio para impressão dos exemplares, muitas vezes levada a cabo por terceiros (p. 81).

Rotinas do jornalismo sentado

“Rotinas, definições, emoções, e outros elementos do que é considerado ‘aceite’, são todos parte da prática que é o jornalismo, e podem ser contraditórios, chocar, ou estar em sintonia”³⁴, dissertam Witschge e Harbers (2018, p. 116).

Não faltam dissertações na comunidade académica sobre este âmbito; a título de exemplo, na NOVA FCSH, a tese de mestrado *A queda da reportagem e os contributos da Internet para o sedentarismo da prática jornalística* (2012), de Rui Miguel Oliveira Gomes, e o relatório de estágio de Ana Sofia Pereira Tulha, *O jornalismo sentado e a dependência das agências: o caso da secção de Desporto do jornal PÚBLICO* (2012). Estes trabalhos versam suficientemente aprofundadamente sobre a contradição de fazer jornalismo entre quatro paredes.

No que toca à contradição, Neveu remete para as definições de Jeremy Tunstall, em *Journalists at Work* (Tunstall, 1971, cit in Neveu, 2006), sobre as “especializações temáticas e funcionais” da divisão do trabalho; este opõe os *processors* (redatoriais, jornalistas sentados) aos *gatherers* (investigativos, jornalistas de pé). Neveu aprofunda: enquanto o *gatherer* tem “por função principal a coleta da informação, a ida a campo” (p. 82), os *processors* têm “o tratamento de um material informacional que não produziram” (idem). Neveu toma esta oposição como “um cursor aplicável a cada jornalista, uns estando mais orientados para as fontes, outros mais centrados na coerência do produto final, sua adaptação ao público, mais interessados numa dimensão de comentário que de coleta da informação” (idem).

Agnez (2011) explora o facto de que a presença física do profissional na redação já não é necessária – conduzindo a “uma espécie de ‘redação móvel’, com jornalistas capazes de identificar um fato, apurar, coletar dados e imagens, produzir e editar e distribuir o conteúdo de onde quer que estejam” (p. 70).

Num aparte, Schatzki (2005), refere o conceito da ontologia de um local. Para o autor, o contexto, o “local” em si de uma prática, não pode ser equacionado com uma localização concreta, mas sim ser encarado como algo que engloba as “arenas ou mais

³⁴ Tradução própria de “Routines, definitions, emotions, and other elements of what is considered ‘proper’ all are part of the practice that is journalism, and they can be contradictory, clashing or in sync.”

amplios conjuntos de fenómenos – um edifício, uma instituição, um evento – que formam uma existência ou ocorrência”³⁵ (p. 467-468).

Santos Silva e Granado (2020) também dissertam sobre a imaterialidade de um local específico, em combinação com o tempo – para os autores, existem experiências espaço-temporais individuais. A comunidade que antes estava algures sediada, agora liga-se de forma efémera.

São tantas as funções que se verifica agora um esvaziamento da parte analítica; o jornalismo é “essencialmente de relato, com base em declarações de fontes” (Agnez, 2011, p. 70). O “furo” tornou-se quase uma obsessão, que remeteu para o encurtar do processo de produção – passa-se inclusive a distribuir informações até mesmo antes de concluir a apuração (p. 71).

A internet é um ponto fulcral nesta questão. Para Signates (2012), “não deixa de ser interessante esse nível de presentificação na atividade jornalística dentro da internet” (p. 12). Os motivos são variados, mas o autor aponta que já não é no jornalismo o lugar onde ocorre o primeiro anúncio daquilo que acontece. Signates frisa as atuais possibilidades de velocidade e interatividade, ambas constituintes da nova relação espaço-temporal, que, “na internet, assumiram formas radicais” (idem).

O contacto do profissional com o evento e fontes já há muito que encurta distâncias. O autor à época, resumia a nossa atualidade: “o contato entre jornalista e fonte não necessita ser mais aquele de buscar a notícia, e sim a de referendá-la, por meio da escuta exclusiva, que pode se dar inclusive via internet, pelos meios de comunicação ponto-a-ponto disponíveis na rede, como o MSN, o Skype, ou as ‘*direct messages*’ do Twitter” (p. 9). Aditava ainda que o uso do telefone era “corriqueiro”. Para este autor, o prospeto ainda retinha otimismo: o jornalista tinha “diante de si um conjunto de novas possibilidades, que se operam dentro do próprio quadro de novas atividades e contatos viabilizados pelos sistemas e redes digitais” (idem).

Possibilidades que incluem a facilidade de completar informações, mas também a queda na armadilha da amálgama do trabalho de outrem; entrevistado por Pereira (2003), Giulliano Fernandes descrevia uma rotina frequente nas notícias para a internet, na altura em que coordenava as *Últimas* do brasileiro *CorreioWeb*: “Na verdade a gente

³⁵ Tradução própria de “Arenas or broader sets of phenomena as part of which something – a building, an institution, an event – exists or occurs.”

abre milhares de sites e fica checando todos; eventualmente, a gente lê, pega as notícias de dois ou três sites, junta e faz uma nossa” (p. 78). Pereira liga indubitavelmente este testemunho ao jornalismo sentado de Neveu.

A moda do século XXI, do copy-paste de outros sites e do “diz-que-disse nas redes sociais, sempre com a rapidez como pano de fundo, contribuiu para alguma descredibilização da profissão de jornalista”, ponderam Santos Silva e Granado (2020). A causa do prejuízo está à vista, não fosse o aumento de erros e de falsas notícias propagadas pelos próprios media.

A competição é feroz, e para trás ficaram os tempos dos exclusivos e da grande investigação, resultando num expediente que consome menos recursos e dá resultados financeiros muito mais rápidos. Pelo caminho, perde-se “qualquer interpretação do que o jornalista poderia ter ouvido, visto, cheirado, isto é, experienciado no local, característica de um dos mais nobres géneros jornalísticos” (p. a determinar).

As notícias envelhecem rapidamente, sob este signo, e a dimensão da interatividade por parte de todos quantos estejam ligados à rede, amplia tais condições, segundo Signates. Por conseguinte, remete-se para o constante e danoso adágio da presentificação constante, decorrendo disso a extinção do prazo – as temporalidades disponíveis tornam-se, neste mesmo âmbito, “fluidas” (p. 12).

Este processo de informatização, por consequência, pressupôs a supracitada precarização da área, com corte nos cargos e afins. Deuze e Witschge (2017) aludem também a esta realidade: o indivíduo vê-se à mercê do “incisivo e omnipresente papel que as tecnologias (em constante desenvolvimento) operam na mutação”³⁶ da profissão (p. 117). Se as tecnologias resultaram em jornalismo de convergência dentro e fora das redações, pressupuseram também que o jornalista amplificasse as suas valências, que antes recaíam inclusive sobre outros. São pois os valores intrínsecos, a motivação para fazer o trabalho a preceito, o compromisso pessoal, que elevam a profissão hoje em dia. “O que o jornalismo é e o que significa ser um jornalista, tanto em termos ideológicos como praxeológicos, já não depende do trabalho feito dentro das instituições”³⁷ (p. 117-118)

³⁶ Tradução própria de “Pervasive and ubiquitous role that (ever-developing) technologies play in the changing nature”

³⁷ Tradução própria de “What journalism is and what being a journalist means in both ideological and praxeological terms are no longer dependent on work done inside institutions.”

Quem corre por gosto não cansa, conforme provam Hummel et al. (2012), que entrevistaram profissionais dos media austríacos sobre a natureza do seu trabalho: “mesmo que presumamos que as pessoas procuram apoiar-se numa autoimagem positiva e apresentar-se nesta, o entusiasmo com que falaram sobre o seu trabalho nas entrevistas era estonteante”³⁸ (p. 725). Podem admitir o stress, dificuldades familiares, entre outros choques que ser jornalista acarta, mas três quartos dos inquiridos referiram-se ao jornalismo como o “trabalho dos sonhos”. Os motivos elencados não eram poucos, e iam desde influência e estatuto social a experiências entusiasmantes; ora não, “com tantos jovens ainda a tentar marcar passo num mercado de trabalho já lotado, o que seria difícil de explicar”³⁹ (p. 725-727).

O século XXI e o Digital

A observação direta muda ao longo das décadas, fruto das novas dinâmicas introduzidas, e neste âmbito Agarwal e Barthel (2013) recolheram testemunhos no início da década passada, já integrados na realidade do online que chegou às redações.

Jornalistas do online sentem-se livres, quase em pleno, para trabalharem no que querem, ilacionam os autores; muitos desses profissionais, contudo, nem recebem feedback sobre o que deveriam e como deveriam estar a fazer, nem sobre a eventual qualidade do seu trabalho, entendendo-se que as empresas online não se preocupam muito com standards (p. 9-10).

Os entrevistados de Agarwal e Barthel apontaram a falta de estrutura formal das suas empresas, sendo que os que trabalhavam em equipa tinham liberdade para se auto-organizar entre si, e em todas as hierarquias havia por vezes necessidade de alguma tomada de funções de gestão; decisões estratégicas cabiam a um elemento das chefias, ou ao grupo e no decorrer do trabalho. Solidifica-se a informalidade na redação, reconhecem os dois autores, à medida que a estrutura formal fica no passado – um fenómeno a que um dos entrevistados atribui falta de debate (p. 10).

A informação movimenta-se a uma velocidade tremenda no contexto do jornalismo online, observam os autores, o que acaba por chocar com as rotinas de

³⁸ Tradução própria de “Even if we presume that people seek to uphold and present a positive self-image, the enthusiasm with which they talked about their job in the guided interviews was striking.”

³⁹ Tradução própria de “Other than that it would be hard to explain why so many young people attempt to gain a foothold in an already-crowded job market.”

trabalho dos profissionais; aponta-se assim o envolvimento de uma grande quantidade de agregação, particularmente quando o trabalho é estruturado como posts de um blogue. A maioria dos entrevistados de Agarwal e Barthel referiu que era frequente no início da carreira ficar maioritariamente encarregue ao longo do dia de peças curtas, de 150 a 300 palavras – “ler um artigo muito rápido, (...) recontar, agregar por palavras próprias, referindo a fonte, obviamente”⁴⁰, resumizava um entrevistado (idem).

O ritmo é uma grande fonte de tensão atualmente, como exemplifica um dos inquiridos por Agarwal e Barthel: “antes tinha-se um prazo até às 5 da tarde, e agora tem-se constantemente um prazo; quem faz jornalismo diário tem que estar sempre pronto; (...) as estórias começam e morrem depressa”⁴¹ (p. 11). Reaem dúvidas sobre a possibilidade de fazer reportagens aprofundadas neste paradigma, havendo quem recorra à Wikipedia para preencher buracos nas estórias – uma prática que frustra mais os jornalistas de empresas tradicionais que os de contemporâneas (idem).

Conforme apurado por Harro-Loit e Josephi (2020), esta perceção de pressão temporal está mais ligado a “democracias tecnologicamente desenvolvidas e orientadas para o mercado”⁴² (p. 407). O modelo de negócio mudou, e com todos os cortes nos custos, ficou-se com menos jornalistas para desenlear uma imensidão de materiais e fontes digitais (idem).

O fluxo de trabalho está a mudar também, referem Agarwal e Barthel (2013) – a maioria das empresas ainda funciona à base de hierarquia, mas os jornalistas online, com múltiplas habilitações, são mais autónomos e dependem menos de editores. A relação entre repórter e editor já raramente é hierárquica no sentido tradicional, sendo que os artigos partem de interesses pessoais de quem os escreve, das suas ligações, ou de ideias aleatórias (p. 11).

Comunicar com os editores cada vez mais se processa no online, tanto que reuniões editoriais com toda a equipa presente caminham a passos largos para a raridade. O contacto com os superiores é constante, por email ou mensagens

⁴⁰ Tradução própria de “To read a news article very quickly, (...) retell the story, aggregate it, in their own words – with credit, of course.”

⁴¹ Tradução própria de “Means you have a 5pm deadline then and now it’s constant deadlines; people who do daily journalism have to be ready all the time (...); stories start and die quickly.”

⁴² Tradução própria de “Technologically advanced market-oriented democracies.”

instantâneas – “a ideia de uma reunião diária é substituída com o que se pode considerar uma reunião virtual contínua”⁴³ (idem).

Já é raro o trabalho ser fortemente editado por terceiros, ao contrário de ambientes offline, tecem Agarwal e Barthel – um dos entrevistados diz que foi alvo de edição “zero vezes”, assim como outros; alguns, preferem ainda aconselhar-se junto das suas redes pessoais (p. 11-12).

Perante isto, “coordenação não equivale a colaboração”⁴⁴, sentenciam Westlund e Ekstrom (2019, p. 7). Uma empresa bem que pode tentar coordenar conhecimento entre os indivíduos, mas não tem que ser exatamente colaboração. Essa, segundo os autores, requer ter em vista a harmonização dos objetivos, da organização e seus membros, em linha com as ambições maiores da empresa.

Deuze e Witschge (2017) levantam dúvidas quanto a hipóteses de harmonia, e frisam a ascensão do jornalismo “pós-industrial”, o qual pressupõe “uma força laboral cada vez mais distribuída, consistindo de jornalistas empreendedores a solo, coletivos editoriais freelance, e a emergência global de start-ups noticiosas”⁴⁵ (p. 124). Sublinham então a crescente fluidez das redações – fragmentadas, dispersas, em rede, e tudo menos estáveis (idem).

Adghirni (2008) já alertava para uma grande confusão entre o papel clássico do jornalista – explanado pela função social, quarto poder e “síndrome de Clark Kent” – e o profissional do copy-paste (p. 139). Não era para menos, com os expedientes de 12 ou mais horas; “as rotinas produtivas do jornalismo online são semelhantes no que se refere à coleta de informações; o que muda fundamentalmente é a distribuição das notícias” (p. 145). Já em 2008 os jornalistas estavam conectados permanentemente aos seus telemóveis, e trabalhavam com múltiplos horários de fecho. A notícia já crescia ao ritmo do que chegava das agências (idem).

Ou isso, ou o tonalmente oposto, fruto da mudança dos critérios de noticiabilidade ao longo da produção. Pereira (2004) nota os valores-notícia ditados pelo tempo real – paralelizando o contexto em que a veracidade das informações perde terreno – ao aludir às “notícias antes sem importância”, que passam a ser publicadas,

⁴³ Tradução própria de “The idea of a daily meeting is replaced by what can be considered a continual, virtual meeting”

⁴⁴ Tradução própria de “Coordination is not equivalent to collaboration.”

⁴⁵ Tradução própria de “An increasingly distributed workforce consisting of individual entrepreneurial journalists, freelance editorial collectives and a worldwide emergence of news start-ups”

maioritariamente nos dias em que não há caudal de acontecimentos de relevância. “As informações passam a ser publicadas a ‘conta-gotas’. (p. 104)”

Neste âmbito, Domingo (2008) expressa que as rotinas analisadas em redações online parecem privilegiar critério profissional nos juízos de valor-notícia, não as preferências dos utilizadores. Editores questionados pelo autor sobre se estatísticas de usuários influenciavam as suas decisões na homepage defenderam-se com a prevalência do valor-notícia, mas concederam que “uma peça popular fica certamente mais tempo na homepage do que qualquer estória secundária com menos leitores”⁴⁶ (p. 692).

Cohen (2019) recolheu depoimentos junto de jornalistas americanos e canadianos, e o standard que estes lhe apontaram como guia foram, claro pois, as métricas sociais. Escrevem “num tom que é ‘parvo ou partilhável’”⁴⁷; integram vídeos, tweets, entre outros; e vão ao encontro das estórias nas redes sociais, não fossem a fonte e a distribuição ambas sociais (p. 577).

Dados analíticos podem minar a autonomia jornalística, tece a autora; ou o próprio juízo sobre o que é notícia. Os profissionais declaram que não prestam contas a editores, numa questão de liberdade, mas ao menos tempo transparecem que “consideram regularmente os requerimentos das audiências em primeiro lugar (e subsequentemente, dos anunciantes e empresas de redes sociais)”⁴⁸; o foco está em circular conteúdo que vá ser consumido, independentemente da credibilidade jornalística. E até esse consumo pode revestir-se de deprimência, conforme o põe um entrevistado: “a malta olha para as estórias por menos de um minuto”⁴⁹ (p.579-580).

Tão pouco olham que tantas vezes nem notam que a notícia nem é desse dia... nem desse ano. Um fenómeno sobre o qual Santos Silva e Granado se debruçam (2020): os conteúdos antigos que são repartilhados quando convém a alguém ou determinada entidade, e que se fazem “novos” ao olhar dos que estão na ignorância.

Os autores esmiúçam ainda mudanças que, neste âmbito de “tempos” por identificar, chegaram com a priorização do online versus o papel – tais como o desaparecimento de expressões como “hoje”, “ontem” e “amanhã”, para dar lugar a um

⁴⁶ Tradução própria de “Surely a popular piece will keep its place on the homepage rather than other secondary stories with fewer readers.”

⁴⁷ Tradução própria de “In a tone that is ‘silly or shareable’”

⁴⁸ Tradução própria de “Regularly consider the requirements of audiences (and, subsequently, advertisers and social media companies) first”

⁴⁹ Tradução própria de “People are looking at your stories for less than a minute each time”

quase imortal “este ‘dia da semana’”. Com isto, os media escudam-se de ter de atualizar a notícia.

As dores do jornalismo

“Associar o jornalismo às rotinas”, levanta Neveu (p. 87), “com o que elas sugerem de monotonia, parecerá chocante”; eis pois que “o quotidiano de muitos jornalistas desmente semelhante associação”, dado o horário de trabalho ter amplitude “considerável, a ponto de ser devastadora para a vida familiar”. Neveu alude ainda às pressões do inesperado: na presença de um “acontecimento, o jornalista é também seu prisioneiro”, isto é, fica obrigado a cobri-lo à última da hora. O autor remete ainda para *L’Urgence au Quotidien* de Patrick Rozenblatt (1995, cit in Neveu, 2006), o qual tece que a relação com a urgência “é inseparavelmente um fator de estresse e de satisfações possíveis da profissão, até se tornar uma mitologia” (p. 87).

Demarcados dessas satisfações, Fernandes e Jorge (2017) conduziram entrevistas na área, quanto ao peso da rotina. Uma das entrevistadas era perentória, sobre a atual rotina ser bastante pior, elencando componentes duma notícia online que têm que ser aplicadas – o chamado “trabalho braçal” (p. 31-32). Do jornalismo sentado, a confissão de outra entrevistada: “a gente precisa da agilidade, que é o principal do nosso trabalho, muitas vezes não é necessário ir para a rua” (p. 32). Todavia, concede uma terceira entrevistada, que apesar de no caso de se ir para a rua resultar em menos textos online, “ficar na redação limita, emburrece” (idem).

Essa mesma entrevistada expõe o trabalho individual no online, em que quem pega numa estória tem que fazer tudo; “a pessoa não vai pegar um pedacinho e outra completar, isso não existe” (p. 33). Não é inédita esta responsabilização, e as autoras do artigo caracterizam os jornalistas do online de se verem como “donos da notícia”, por perfazer toda a trajetória da idealização à publicação, comumente sozinhos (p. 34).

O panorama laboral não facilita, conforme dissertam Deuze e Witschge (2016), que veem o jornalismo mudar a uma escala global. Antes organizava-se em instituições formais, onde os contratados produziam conteúdo sob condições laborais informais, mas altamente estruturadas; hoje, a experiência é muito mais precária, fragmentada e em rede. Ambos tecem que há que se concetualizar a área para lá da organização na

redação, estando-se ainda longe do “coração do projeto de entender o jornalismo contemporâneo como uma profissão, e a sua função na sociedade”⁵⁰ (p. 115).

Práticas individuais são parte de um contexto profundamente precário, governado por indústria, local de trabalho e carreiras permanentemente impermanentes (p. 115-116). Afim de o jornalismo se adaptar, resumem, “os profissionais foram empurrados para o desenvolvimento de novas táticas, uma nova autoimagem, e novas estruturas organizacionais”⁵¹ – tudo enquanto o antigo persiste ainda (p. 116).

No que toca à autoimagem, os que tinham trabalhado maioritariamente para empresas de media contemporâneas, reparava Agarwal (2013) dos seus entrevistados, debatiam-se em identificar-se como jornalistas, mesmo que as suas rotinas de trabalho espelhassem de perto as dos tradicionais. Um deles dizia mesmo: “não me chamaria de jornalista; acho que sou um *writer* e um editor, que comete atos de jornalismo às vezes”⁵² (p. 7).

II.2. Impacto da Covid-19 nas rotinas jornalísticas

A Covid-19 e a crise

A crise pandémica em curso começou em finais de 2019. King-wa e Zhu (2020) analisaram dados do Global Database of Events, Language, and Tone entre 1 de dezembro e 31 de março já de 2020, e é possível pautarem-se três momentos iniciais, na cobertura aparentemente infundável relacionada com a Covid-19. Os esforços concentraram-se no novo vírus a partir de 20 de janeiro, quando o governo chinês confirmou o surto; o crescimento drástico atingiu o pico a 31 de janeiro. Daí, a cobertura do vírus voltou em força a 23 de fevereiro, com as situações graves na Itália, Irão e Coreia do Sul, entre outras nações; a escalada não parou, até ao grande pico: a declaração de pandemia da OMS, a 12 de março (p. 1047).

Publicidade digital paga uma mera fração do que se ganha em publicidade na versão papel (Olsen et al., 2020). Como bem expressam os autores, “numa crise social

⁵⁰ Tradução própria de “Heart of the project of understanding contemporary journalism as a profession and the way it functions in society”

⁵¹ Tradução própria de “Practitioners have been pushed to develop new tactics, a new self-conception and new organizational structures”

⁵² Tradução própria de “I would not call myself a journalist; I think I’m a writer and na editor who commits acts of journalism at times.”

como a pandemia de Covid-19, a imprensa, principalmente a local, providencia informação e dados que podem contribuir diretamente para o potencial dos cidadãos de se autoprotegerem e manterem em segurança” (p. 673-674)⁵³. Todavia, espalhava-se a Covid-19 pela Escandinávia e os cancelamentos de lucros publicitários esperados já ascendiam, desde um quinto a metade – um cenário que se repetia por todo mundo. Interrompiam-se prensas e entregas, cortavam-se salários e despediam-se jornalistas, assim como se registavam falências (p. 674).

Os autores sugeriam, todavia, que o crescimento em subscrições na senda do surto é prova de que há disponibilidade do público para pagar por notícias, em momento de crise. Apontam para a Europa, onde os editores durante a primavera de 2020 foram mais propensos a manter *paywalls* do que nos EUA, onde frequentemente a cobertura da pandemia foi tornada pública (p. 676) – não obstante, em Portugal caíram muitas *paywalls* também, como no caso do *Público* e do *Observador*, por exemplo.

Por outro lado, apesar de digna de aplauso quando considerado o serviço público, os autores encararam esta prática como uma “oportunidade perdida”, para os editores sensibilizarem os leitores de que uma cobertura tão vitalmente importante deve ser paga, em particular à luz do impacto que a pandemia tem nas finanças dos jornais (p. 676).

Para Casero-Ripollés (2020), “o desafio do jornalismo vai ser manter a vontade dos leitores de pagar ou apoiar economicamente”⁵⁴, a qual se gerou nestas circunstâncias pandémicas que um dia acabarão (p. 10). A mesma conjuntura demonstrou como reter o valor das notícias: apostar numa informação de qualidade e relevante, devendo portanto servir como mote para plantar modelos de pagamento, já que os leitores estão mais dispostos a aceder. O expectável: a Covid-19, a longo prazo, vai potenciar as versões digitais frente às impressas; no âmbito das digitais, vai contribuir pra configurar modalidades pagas e gratuitas, algo que o autor vê como um “conflito interessante” para a próxima década, em termos empresariais (p. 10).

Para já, a crise do mercado de trabalho do jornalismo está “a florir em pleno” (Dawson et al., 2020) dada a pandemia. Investigadores australianos auferiram o caso no

⁵³ Tradução própria de “During a societal crisis like the COVID-19 pandemic, news media, particularly on the local level, provides information and data that can contribute directly to citizen’s potential for self-protection and safety”

⁵⁴ Tradução própria de “El reto del periodismo será mantener la voluntad hacia el pago o el apoyo económico de los lectores”

seu país, e depararam-se com várias surpresas: anúncios de emprego só começaram a descer em 2016; a desigualdade de género está a piorar, com as jornalistas cada vez mais jovens e mal pagas face aos homens, mais velhos; e capacidades generalistas como “relações públicas” e “redes sociais” já são mais valorizadas que as tradicionais. Estas descobertas reforçam a realidade da crise do jornalismo, “mais preocupante do que se entendia”⁵⁵ (p. 2).

Jornalismo em casa

Stănescu (2020) relatou as suas experiências e outras que recolheu, no âmbito do jornalismo feito em casa, na primeira fase da crise pandémica. A primeira decisão crucial coube aos donos dos jornais, de decidir que as redações devessem ser divididas em “duas esferas: alguns jornalistas a trabalhar a partir de casa, outros vão para a redação”⁵⁶ – com vista, obviamente, a reduzir o risco de contágio, não estivessem os jornalistas de terreno em contacto direto com infetados. Para irem à rua, a máscara – e em muitos casos as luvas – tornaram-se indispensáveis, e foi necessário habituarem-se a conduzir uma entrevista com as mesmas (p.106).

A autora refere também o poder de persuasão dos jornalistas, que convenceram muitos especialistas e autoridades geralmente inacessíveis a filmarem-se, ou a apoiar causas; tudo com vista a gerar imagens e informação de forte impacto, “mas absolutamente necessárias para a correta informação do consumidor de media”⁵⁷ (p. 106-107).

Para quem gere os jornais, houve bons dividendos a tirar deste “jornalismo em casa”⁵⁸ – como o custo eficiente, dado que se eliminaram despesas de viagem. As notícias também atingiram o público-alvo mais rápido, já que não havia que se aguardar por horas de entrevista. Com o corte nos deslocamentos, muitos jornalistas “deram-se melhor”⁵⁹ – uma vez mais, a questão de já não haver tempo desperdiçado nos movimentos. (p.107)

⁵⁵ Tradução própria de “More concerning than was previously understood.”

⁵⁶ Tradução própria de “Two spheres: some journalists to work from home, others to come to the newsroom.”

⁵⁷ Tradução própria de “But absolutely necessary for the correct information of the media consumer.”

⁵⁸ Tradução própria de “Home journalism”

⁵⁹ Tradução própria de “Performed better”

Todavia, o lado negativo pesou, como por exemplo na falta de fontes, que tantas vezes se encontravam espontaneamente *in loco*. Houve também o risco de se perderem fontes antigas, quer por falta de socialização, quer por medo de represálias ao fazer revelações via telefone, caso haja escutas (p. 107).

Já a qualidade dos materiais audiovisuais recolhidos é precária, e em entrevistas online os visados poderão “fingir ou apresentar falta de emoções”⁶⁰, o que não se verificaria ao vivo. Já para o jornalista, induzir emoções no entrevistado ao telemóvel é difícil (p.107).

A informação, por todos estes fatores, passou muitas vezes a chegar “truncada” aos jornalistas, sob forma de comunicados de imprensa e materiais audiovisuais disponibilizados pelas instituições – processados, portanto, consistindo só do que as entidades queriam passar cá para fora. Ficou difícil aprofundar sobre estes supostos factos, fazer perguntas sobre os mesmos, eliminando-se por vezes o processo de verificação dos factos, devido à impossibilidade do mesmo (p.108).

Outro ponto baixo do período de confinamento, aponta a autora, foi a disseminação de notícias falsas por parte de políticos de oposição e de celebridades, cujo vasto número de seguidores nas redes sociais os tornou um problema. Os jornalistas tiveram que se debater ainda com o espalhar de informação falsa via WhatsApp, a maioria sobre “diferentes tratamentos contra o novo coronavírus, obviamente falsos”⁶¹. Tal fenómeno verificou-se em quase todos os países da União Europeia (p.109).

O jornalismo português durante o primeiro Estado de Emergência

Camponez et al. (2020) levaram a cabo um estudo em meados do ano, para apurar o efeito da pandemia no jornalismo português (p. 11-12). Dos resultados generalistas do estudo, a agenda jornalística da Covid-19 ocupou “de forma esmagadora o trabalho de 68% dos profissionais que desenvolviam a atividade”; desses, 39,3% afirmavam que a pandemia representou três quartos do seu trabalho, e 29% lidaram somente com esta.

⁶⁰ Tradução própria de “Fake or lack some emotions”

⁶¹ Tradução própria de “Different treatments against the new coronavirus which were obviously false.”

Antes do estado de emergência, 65,5% dos profissionais trabalhavam em redação; após este ser declarado, já 66,7% desempenhava funções em casa. O estudo frisa que a televisão e a rádio foram os meios onde se manteve mais preferência por jornalismo no local de trabalho. Os profissionais passaram a usar mais a sua própria viatura para deslocações em serviço; 11,5% dos que não saíam em reportagem escalaram para 33,5%.

Também passou para 27% com o estado de emergência, de uns 5,4%, a percentagem de profissionais que admitiam a perda de emprego a curto prazo como provável ou muito provável. Quanto à questão anterior, o estudo nota uma tendência maior neste medo junto das mulheres, dos jovens e dos profissionais regionais; todavia, foi junto dos jornalistas da rádio que o receio “sofreu maior variação relativa”.

Uns 83,5% dos jornalistas considera pouco ou nada provável encontrar um novo emprego na área, caso se veja a braços com um despedimento – uma ascensão dos 51,7% pré Estado de Emergência. Jornalistas com contrato a termo certo e estagiários são os que registaram piores expectativas.

Como é fazer jornalismo em casa?

O *home office* passou a ser a norma vigente com a pandemia, mas Figaro et al. (2020), que versaram sobre o trabalho dos comunicadores brasileiros, entre os quais jornalistas, durante a pandemia, apontam o caso que, na divulgação científica, no setor de saúde, “os profissionais da comunicação estão atentos, atuantes, presentes” (p. 3). Saídas à rua, para os demais, justificam-se com “pesquisa para a produção da informação qualificada sobre o produto e a verificação dos dados para traçar políticas de comunicação para as instituições” (idem).

Todavia, para aqueles em *home office*, as condições são desconfortáveis para as próprias famílias, e, para além de software e apps, há presente todo um aparato de equipamentos – entre eles suporte de energia elétrica, conexão à internet, entre outros. O trabalho aumentou e o ritmo intensificou-se (p. 5-6).

As equipas passaram a mediar-se por apps como o WhatsApp e por VPN, e a reportagem reinventou-se, a passar agora pela internet (p.15). No meio disto, “há também que realizar a gestão do ambiente e dos entes familiares” – uma luta que passa por muitos dos profissionais “pela gestão dos filhos”, conforme relata uma das

profissionais visadas no estudo dos autores que teve que balançar o cuidado da criança, com o stress e ansiedade de estar sempre a ler, ouvir e acompanhar informação sobre a Covid-19 (p. 15-16). Os autores são veementes neste sentido: “não é o filho que atrapalha, é o trabalho que está fora de lugar” (p. 16).

Delimitar tempo de trabalho e tempo para a família passou a ser a tarefa crucial no período em questão, e não há meias medidas, já que conviver sem respeito ao tempo e ao espaço de cada um provoca desentendimentos, sofrimentos e pode gerar violência. Certos visados referiram “a necessidade de reivindicar o direito ao afastamento social” (idem).

Uma ajuda: as empresas que providenciaram *home office* com equipamentos da empresa, com o objetivo de manter o software e os sistemas de antes, e permitir alguma “normalidade” (idem).

Para aqueles que viram jornadas ampliadas durante a fase inicial da pandemia, o aumento foi violento: duas a quatro horas diárias; acrescente-se a adaptação, na gestão do novo ambiente de trabalho e dinâmica familiar, e não se estranha o stress que se gerou. Os autores apontam ainda os que viram a sua carga de trabalho diminuída, ou até mesmo cortada em um dia – não foi indolor para nenhum destes, já que os proveitos financeiros foram reduzidos também (p. 17).

Na adaptação às novas rotinas temporais, as muitas dificuldades são elencadas, entre as quais as de quem nunca trabalhou a partir de casa – sem experiência, portanto – e agora debate-se com cumprir prazos e com qualidade (p. 19).

No imprevisto vale tudo, desde equipamentos inadequados a falta de apoio técnico; móveis inadequados e material de escritório pouco ergonómico, a acrescentar ao facto de que se fala da ambiência de uma casa, não de um local de trabalho. O deslocamento não é simplesmente físico, e as tarefas profissionais transbordam agora para dentro da habitação, assim como as mudanças constantes, que eram mais fáceis de gerir no escritório (p. 19).

Os autores frisam ainda a nova falta de “coletividade”, isto é, a interação cara a cara, em que se debatem conhecimentos e processos entre colegas – e por conseguinte, mudanças na rotina (p. 19).

O ritmo de trabalho ficou mais pesado para 70% dos questionados, que incluíam “comunicadores” para lá dos jornalistas. Para os que não mudou nada, ou até

tranquilizou, “as respostas estão diretamente vinculadas ao tipo de atividade que cada qual desempenha, à experiência anterior com o home office” – microempresários e freelancers, portanto (p. 20).

A questão dos custos do material tecnológico também se levanta: “possuir um computador, com capacidade de memória para conexão de internet, capaz de suportar aplicativos, softwares específicos de edição e de transmissão, com câmera e áudio adequados não custa barato, é preciso fazer um investimento”. O problema: tudo isto é custeado pelo trabalhador; na maioria dos casos, conforme apurou o estudo (p. 22-23).

A comunicação via texto constante aponta para a intensificação do trabalho e seu ritmo, “visto que as mensagens vindas via aplicativos demandam resposta imediata e assim faz-se um círculo virtuoso de aceleração”. *Home office* é portanto “estar em casa disponível para o trabalho todo o tempo”; somente basta uma temida apitadela do WhatsApp (p. 26).

A pandemia veio solidificar a tendência do jornalismo sentado avançada por Neveu; o método reduz custos de produção e a necessidade de equipas, e levanta a questão ética, “à medida que a apuração é praticamente *a posteriori*”, através de sucessivas correções e atualizações, minguando ainda o papel do repórter, que vai sendo substituído por outros agentes no terreno (p. 27).

Nesta realidade de trabalhar com tudo o que há à disposição no ecrã, múltiplos inquiridos relataram ainda mais dificuldades na prática, que sobem os níveis de tensão – problemas de conexão à internet, dificuldades de acesso ao banco de dados da empresa, entre outros (p. 27).

Ferraretto e Morgado (2020) mergulham no mundo da Covid-19 pelo prisma televisivo, e olham para o sinal mais gritante destes tempos: “o profissional passa a fazer conexões por vídeo com os entrevistados, ambos falando de algum cômodo de suas residências; imagens de arquivo, de câmeras de serviços públicos ou de drones operados à distância tornam-se comuns na cobertura de offs” (p. 17). Até mesmo para o repórter fechar a reportagem só se conta agora com um fundo neutro, ou o escritório mais ou menos improvisado em casa. Proliferam ainda o uso de materiais fornecidos por assessorias e, marcadamente, fornecidos pelo próprio público (idem).

Os autores destacam a coloquialidade que cada vez mais se imiscui em rádio e televisão – passou-se quase de uma palestra a conversa de café. O público agora retém

mais empatia pelo jornalista, que está em casa, cujo cotidiano abre a ver também, de certa forma – “o vazamento do som de um bebê chorando ou de um cachorro latindo (...), estreitando laços” (p. 17-18).

A responsabilidade social neste jornalismo pandêmico

Ferraretto e Morgado (2020) não dão tréguas na importância do chamado jornalismo de serviço, “mais relevante do que antes”. A ideia é pôr fontes sérias a explicar sucessivamente, mas ir rodando os especialistas diariamente; o objetivo: “é da redundância das boas práticas que se vai formar a compreensão do necessário para o enfrentamento da pandemia” (p. 18).

Informações sensíveis sobre consequências da Covid-19, por exemplo, devem ser alvo de reflexão por parte do jornalista; apresentá-las de forma sensacionalista pode prejudicar o processo social de lidar com a doença. “Não significa praticar a autocensura”, como aponta o autor, mas sim “ter responsabilidade sobre a narrativa e seus efeitos na sociedade” (p. 27).

Por outro lado, convém ser direcionado algum foco para as pessoas curadas, já que “o exemplo delas servirá alento ao público”, em tempos tão temerosos (p. 33). E nem tudo tem que girar à volta da Covid-19, defendem os autores, que apela a que haja dosagem na quantidade de cobertura sobre a pandemia, “evitando a overdose noticiosa a respeito”. Para lá de apurar junto de profissionais ligados ao combate ao vírus, é preciso oferecer escapismo: sugestões de entretenimento ou peças mais ligeiras, fora do tema (p. 36).

As jornalistas e as mães jornalistas

Ser jornalista durante a pandemia do século já é uma situação precária, mas quem melhor para o explicar, senão as jornalistas e as mães jornalistas?

Um estudo de caso foi levado a cabo por Solon et al. (2020) junto de mulheres jornalistas do Ceará, no Brasil, a fim de perceber a sua realidade profissional nos primeiros tempos conturbados da pandemia de Covid-19. Em suma: não ocuparem cargos executivos tem-nas mais vulneráveis, quer laboral quer sanitariamente, e é

particularmente doloso num período em que têm que unificar os espaços, doméstico e profissional (p. 4).

A precarização das mulheres brasileiras nesta profissão não é de agora – a posição é desempenhada, na sua maioria no país, por mulheres brancas, solteiras e com até 30 anos (p. 5) –, algo ligado pelas autoras à questão histórica da saída da mulher branca, de classe social mais elevada, “do espaço da casa para o mercado de trabalho”. Tal propagou uma construção social e cultural, que define o que seria “trabalho de mulher”, competência e lugar de mulher, limitando assim o seu estatuto em ambos os ambientes, e perpetuando a necessidade de uma fada do lar no fim do expediente (p. 7-8).

Para as mulheres, estas circunstâncias pandêmicas podem “significar o embaralhamento entre trabalho produtivo e trabalho doméstico a ponto de elas não conseguirem determinar uma jornada específica para o trabalho profissional” – para muitas, uma rotina de *home office* é encaixar trabalho doméstico nos tempos mortos (p. 11).

As jornalistas entrevistadas no âmbito do estudo tecem várias deficiências a este novo modelo de trabalho, como a já supracitada falta de “espontaneidade de uma consulta a um colega na mesa ao lado” (p. 15). Poder fazê-lo, ainda que à distância, é um fator atenuante na carga laboral, “do sofrimento psíquico diariamente imposto pela rotina produtiva” (p. 22).

Do lado mais gravoso, a sensação de “controle virtual imposto pelas empresas”, que intensifica a jornada, sugerindo desconfiança da chefia face aos trabalhadores. Cria-se como que uma métrica quantitativa de uma atividade fundamentalmente intelectual e criativa, o que leva a um peso acrescido na psique de quem trabalha. A sensação de exigência é tanta que resvala para lá do horário de trabalho, conforme relata uma entrevistada, que nem nos raros dias de folga se consegue desligar (p. 16). As oito horas tabeladas fazem-se no pleno, referem outras: “preciso ficar atenta ao que está saindo”; “oito horas, sem desligar nenhum instante” (p. 17).

Precauções sanitárias na redação, para algumas das inquiridas, só foram garantidas depois de “veemente exigência dos repórteres e até contato de profissionais com casos suspeitos e confirmados” (p. 17); uma das entrevistadas referiu inclusive uma

espécie de greve de uma hora, em que os repórteres reivindicaram os seus direitos junto da direção, que os instituiu então de forma célere (idem).

Algumas das participantes relataram que as pautas foram divididas ainda com base no género – acabaram a realizar trabalhos sobre a perspetiva da mulher no tempo da pandemia, e temas afins –, elogiando, no entanto, a possibilidade de poderem iluminar tal prisma na cobertura (p. 19). Divididas por perigo de contágio por Covid-19, todavia, não se verificou – o critério que uma das entrevistadas pontuou foi a potencial rapidez em desenvolver o artigo; isto carrega quase uma índole de descartabilidade, como se as apetências e sensibilidades do jornalista não fossem critério diferenciador (p. 21-22).

Quanto às lides da casa, nestes regimes de *home office* e “rodízio redação-casa”, algumas mulheres precisaram de contratar outras figuras femininas para levar a cabo o seu próprio trabalho doméstico (p. 21). Nenhuma das participantes referiu os companheiros a limpar a casa, somente a ir às compras e olhar pelos filhos – sendo que esta última tarefa também desempenharam, em igualdade, consoante a jornada laboral do seu homem (idem).

No fim, fica o temor destas jornalistas, face à possibilidade de o *home office* vir para ficar – “por elas interpretada como uma medida interessante (pois lucrativa) para as empresas, mas problemática” (p. 22).

Quando se trata de mães, o cenário é ainda mais dantesco, conforme indica pesquisa de Rios et al. (2020). A juntar-se às dificuldades anteriormente elencadas, somam-se tantas outras, como a de atender aos filhos quando estes estavam em regime de telescola, ao mesmo tempo da jornada laboral, e serem “cobradas por desempenho no teletrabalho sem ter qualquer empatia por parte dos superiores hierárquicos” (p. 11).

As que continuavam em trabalho presencial ou misto queixavam-se de falta de apoio, em situações de aulas suspensas dos seus petizes, e também no risco de levar o vírus para casa. Da precariedade, contam-se ainda as dificuldades quando o ordenado do parceiro foi também reduzido ou eliminado, e obviamente a dificuldade em encontrar novo trabalho, com filhos em casa para vigiar, para as que se viram desempregadas (idem).

A pesquisa integrou questões de resposta aberta, e a dimensão dos problemas mentais que estes inconvenientes acarretaram ficou à vista: “os relatos de sobrecarga mental, estresse, ansiedade, pânico e tristeza sugerem o nível de afetamento psicológico e emocional destas mulheres em total descompasso com ações/políticas mínimas de acolhimento” (p. 22).

O futuro dos estudos de jornalismo

Muitos acadêmicos da área da comunicação versam por estes dias sobre o impacto da pandemia nos estudos do jornalismo, e como estes devem ser dirigidos e encarados daqui para a frente. Lewis (2020) não mede palavras, em retrospectiva: “pode ser problemático que chegue, que o nosso campo tenha, sem intenção, sobre- ou desvalorizado certas dimensões do jornalismo”⁶² (p. 683). O objetivo, doravante, será preencher esses “*blind spots*” que estão mais aparentes que nunca; a área deve ser questionada, em particular as desigualdades estruturais cada vez mais exacerbadas, em matérias de raça, salário e estatuto (p. 683-684).

Em primeiro lugar, o autor avança o negócio do jornalismo em si, que tem sido negligenciado nas pesquisas. O momento imperativo que agora se apresenta deve explorar as possibilidades e perigos de gerar lucro e do suporte filantrópico, já que se está numa altura em que a recessão ditará o fim de muitos projetos que se têm aguentado devido aos preços da publicidade. Requer-se então “colaboração com economistas, estratégias empresariais, ou outros com as capacidades concetuais e metodológicas”⁶³ (p. 684).

Em segundo, a questão do consumo noticioso. A publicidade pode ter diminuído, mas os leitores explodiram logo no início da crise, com interesse na informação sobre o vírus. É necessário aferir como as pessoas experienciam as notícias neste contexto, sem fim à vista; será danoso para a sua saúde mental? Crescimento de receitas é sempre bem-vindo, mas importa perceber à custa/em benefício de quê (idem).

Finalmente, Lewis aponta para a falta de investigação sobre a experiência do próprio jornalista, a solo ou partilhada. Stress e vulnerabilidade são uma constante,

⁶² Tradução própria de “It may be problematic enough that our field has unwittingly over- or under-emphasized certain dimensions of journalism”

⁶³ Tradução própria de “Collaborating with economists, organizational strategists, or others with the conceptual and methodological tools and skill sets”

particularmente numa pandemia, sem contar já com a falta de proteção sanitária para os que têm que sair à rua no âmbito de investigação. Não há falta de relatos de jornalistas que cobrem uma crise massiva com poucos recursos, e ainda sob o espectro de cortes salariais e despedimentos a curto prazo. Contam-se ainda as ameaças à liberdade de imprensa e o assédio, que tanto cresceram nos períodos de confinamento devido à Covid-19 (p. 685).

Lewis sublinha ainda uma crescente necessidade de entender porquê confia o público nos especialistas, de entre eles os jornalistas, ligada intrinsecamente ao porquê da designação do jornalismo como “serviço essencial”⁶⁴. “Académicos do jornalismo têm muito para dizer sobre estes assuntos, mas talvez a nossa forma de lidar com a incapacidade, de levar as pessoas a encarar o nosso trabalho com mais seriedade, nos barre de fazer uma contribuição mais robusta”⁶⁵ (p. 686).

⁶⁴ Tradução própria de “Essential service”

⁶⁵ Tradução própria de “Journalism scholars have much to say about these issues, but perhaps our ways of working or our inability to get people to take our work more seriously preclude us from making a more robust contribution.”

Capítulo III: Desenho da investigação

III.1. Perguntas de partida e de investigação

O propósito de aferir o desempenho da redação do Público durante esta pandemia, em múltiplas vertentes – quer presencial, quer remotamente, quer na rua, quer a partir de uma chamada telefónica –, nasceu no âmbito de uma experiência de estágio curricular coartada de uma vertente presencial logo a 13 de março. Viu-se lógica em desenvolver este pequeno estudo, num período tão histórico para o jornalismo, e desta forma gerar algum contributo académico nesse sentido.

Para tal, foi desenhada a seguinte pergunta de partida, depois de várias calibrações e apuramento do objetivo deste relatório de estágio: “Qual o impacto da pandemia de Covid-19 na rotina jornalística do Público?”

Transposto este primeiro passo, chegou a vez das perguntas de investigação, que se cristalizaram com a chegada de vários artigos científicos debruçados sobre o tema, e que compuseram a revisão de literatura; foram elas “Qual o impacto da pandemia na cobertura noticiosa?”, “Quais as condições de trabalho em período pandémico?”, “Qual o impacto das circunstâncias na vida pessoal?”, e “Quais os prospetos de empregabilidade num futuro próximo?”

III.2. Metodologia da investigação

A investigação empírica que consta deste relatório teve um começo já relativamente tardio, por oposição à expectativa inicial de partir para a mesma mal o país saísse do primeiro período de Estado de Emergência; isto porque não foi encontrada virtude em iniciá-la sem uma base sólida de literatura consumida neste âmbito.

O tema é recente, e em constante evolução, pelo que só em meados do verão começaram a surgir explorações académicas sobre o caso em questão, do teletrabalho no jornalismo neste período pandémico; a investigação bibliográfica foi terminada a 16 de outubro.

Acabada a revisão desta literatura, aí sim, foi dado início à investigação empírica: para tal, foram utilizados inquéritos e entrevistas.

Os inquéritos, em formato Google Forms, foram divulgados por email junto de toda a redação, em vários momentos, tendo havido disponibilidade para acolher resposta entre 4 e 22 de dezembro de 2020. O guião do inquérito está disponível como anexo deste relatório.

Quanto às entrevistas exploratórias, foram convidados quatro elementos da redação, simbólicos em quantidade, para trazer várias perspetivas a alguns pontos-chave. Foram eles Inês Chaíça, jornalista do Online, presencialmente a 20 de dezembro; Amílcar Correia, diretor-adjunto do Público, via Skype a 11 de dezembro; e via chamada telefónica, Amanda Ribeiro, editora do P3, e Pedro Rios, editor do Online, a 15 e a 17 de dezembro, respetivamente.

Cada entrevista levou cerca de 20 minutos; tentou-se dar a maior liberdade possível aos entrevistados para tecerem as suas retóricas, com um mínimo de interrupções, e constam as transcrições integrais (salvo casuais edições por motivos de clareza) dos anexos deste relatório.

Capítulo IV: Análise e discussão dos resultados

IV.1. Caracterização da amostra

A amostra conseguida através dos inquéritos via Google Forms foi constituída de 35 respondentes de toda a redação (146). Não foi possível obter acesso aos quadros da redação; todavia, analisou-se a fidelidade da amostra, em termos de género (na assunção de que os nomes dos elementos correspondem ao sistema binário) e funções, com base na ficha técnica do Público.

Entre todas as categorias de respondentes aos postos de trabalho propostos no inquérito – que foram análise de dados, copy-desk, “digital/infografia/multimédia”, editor, “fotografia/vídeo”, “jornalista/repórter” – contabiliza-se o número de 146 pessoas na ficha técnica; de entre os quais, pressupõe-se que 84 sejam do género feminino, e 62 do género masculino – percentagens de 57,5% e 42,5%, aproximada e respetivamente. Há uma quase exata correlação com os resultados extraídos do inquérito: obteve-se 57,1% de mulheres e 42,9% de homens (20 e 15 pessoas).

Em termos de faixas etárias, a maioria dos respondentes encontra-se na casa dos 40 anos (34,3%) e na dos 20 (31,4%). Foram obtidas respostas também de profissionais de 30 a 39 anos (22,9%), e dos 50 aos 59 (11,4%).

Dos postos de trabalho que desempenhavam os respondentes do inquérito, no todo dos 146 apurados da ficha técnica, distribuíam-se da forma seguinte: um analista de dados (0,7%), quatro copy-desks (2,7%), 13 pessoas em “digital/infografia/multimédia” (8,9%), 36 editores (24,7%), 12 pessoas em “fotografia/vídeo” (8,2%), e 80 pessoas como “jornalista/repórter” (54,8%).

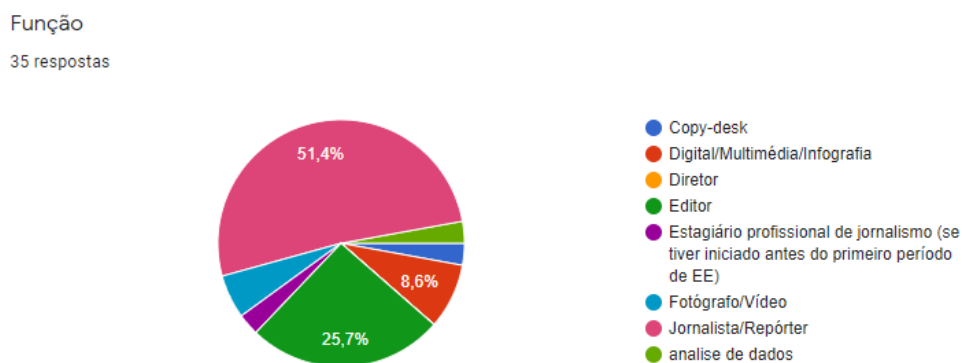


Gráfico 1: Função dos entrevistados

As percentagens apuradas no inquérito têm bastantes semelhanças: uns 53,3% de jornalistas (ou seja, 19, nos quais se incluiu um estagiário profissional do IEFP); 25,7% de editores (nove); 8,6% de pessoas no campo do digital, multimédia ou infografia (três pessoas); e 2,9% de copy-desks (um respondente).

Os postos de fotografia/vídeo (5,7%, duas pessoas) e de análise de dados (2,9%, uma pessoa) apresentaram valores discrepantes – até mesmo pelo facto de serem tão irrisórios numa amostra de pequena escala, mas, uma vez mais, é possível declarar que o público inquirido, pelo menos a nível de género e função profissional, reflete a realidade da redação do *Público*.

IV.2. Cobertura noticiosa

Numa parte dedicada somente à temática da cobertura noticiosa, o questionário foi vedado aos 18 jornalistas efetivos, ao estagiário do IEFP, aos nove editores inquiridos, e aos dois profissionais de fotografia e/ou vídeo – 30 respostas, portanto.

Quando indagados se achavam que a cobertura jornalística da pandemia tinha afetado a cobertura dos restantes tópicos, 53,3% foram perentórios, que a cobertura fora do tema tinha passado a ser insuficiente; 16,7% acharam que se manteve uma cobertura suficiente para os restantes tópicos, por oposição aos 13,3% que acharam que se manteve uma cobertura “normal”, e outros 13,3% que acharam que essa cobertura foi eliminada “quase por completo”.

De acordo com a sua experiência, a cobertura jornalística da pandemia afectou a cobertura dos restantes tópicos?

30 respostas

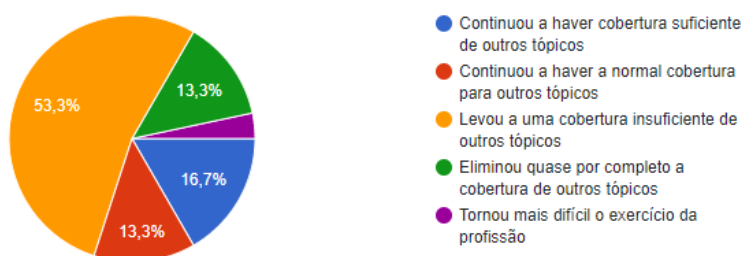


Gráfico 2: Efeito da cobertura da pandemia noutros tópicos

Alguns profissionais deram o seu contributo escrito nos campos de resposta aberta: “vários temas da atualidade internacional foram ignorados por causa do enfoque

sobre a pandemia”, vaticinou um; outro frisou os “termos de relevância, abrangência e atualidade” relacionados com o evento. Um profissional caracterizou a cobertura da pandemia como “omnipresente”, apontando o foco de fontes estrangeiras e de agência a ajudar a causa, assim como a dificuldade em estar presencialmente com fontes que pudessem originar outro tipo de conteúdo. Houve quem comparasse este “tema global” à II Guerra Mundial, a qual “muita parte do mundo não viveu”, por oposição à pandemia que “é planetária”, sublinhando o momento histórico. “Absorvidos pelo trabalho da pandemia, acabámos por deixar assuntos pendentes até agora e, em certos casos, ainda sem terem sido tratados devidamente”, confessou outro profissional. “Acompanhámos aquele que foi o ritmo e o correr do mundo”, expressou outro, que rejeitou a expressão “cobertura insuficiente” face ao demais, pela cobertura geral “porventura mais adequada”. Há quem refira que neste segundo período de estado de emergência que agora se vive é que “a Covid começa a retirar espaço (e tempo) a assuntos importantes”, denotando ainda outra pessoa a pouca atenção prestada, a título de exemplo, ao caso do assassinato de Ihor Homenyuk por agentes do SEF.

Amanda Ribeiro, editora do *P3*, viu a dificuldade de adequar os focos da secção à realidade pandémica, e só “à medida que o tempo ia passando – (...) ao fim de dois ou três meses – [puderam começar] a incluir outro tipo de conteúdos” (2021, entrevista própria feita a Amanda Ribeiro). Já Pedro Rios, no *Online*, dado toda a gente estar “habilitada e ser “capaz de cobrir estas novas emergências da pandemia”, desvenda ter-se optado por uma distribuição da cobertura pandémica no dia-a-dia – “para que não sejam sempre as mesmas pessoas a fazer isso; (...) para que os jornalistas não fiquem ainda mais saturados do tema Covid-19” (2021, entrevista própria feita a Pedro Rios).

Confirmando-se literatura atrás, como as entrevistas de Fernandes e Jorge (2017), 56,7% destes 30 inquiridos nunca saíam à rua em reportagem; 20% afirmavam sair uma vez por semana, e outros 20% duas ou mais vezes, sendo que uma única pessoa disse sair todos os dias, numa vida profissional pré-pandémica.

À questão de quantas vezes os profissionais saíram à rua em reportagem durante o primeiro período de Estado de Emergência, registou-se uma percentagem de 73,3 de profissionais que nunca saíram; o maior número seguinte, 13,3%, para entre duas e quatro saídas. Diga-se de passagem que a pessoa que já saía todos os dias antes de meados de março continuou a fazer reportagens diárias e presenciais neste período.

Foram dadas a seleccionar aquelas que os respondentes reconheciam como as duas principais dificuldades em sair em reportagem nesse período. A mais elencada foi a falta de segurança relativamente ao cuidado sanitário de terceiros (45% dos respondentes), seguida do receio de falar com pessoas ao vivo (30% dos respondentes). Uns 20% demonstraram preocupação no uso dos transportes, e 15% relataram dificuldade em verificar factos. Um dos profissionais apontou o “sentimento de insegurança generalizado”, confessando não ter saído em reportagem nesse período, mas que os colegas partilhavam “dificuldade acrescida na abordagem de pessoas na rua” e “no distanciamento adequado nas entrevistas agendadas”.

Amanda Ribeiro recorda os trabalhos que o *P3* chegou a considerar, mas perante os quais o receio prevaleceu: “ou era difícil entrar porque as pessoas estavam em isolamento, imagina, ou também as próprias pessoas às vezes tinham receio de andar na rua” (2021, entrevista própria feita a Amanda Ribeiro).

As dificuldades nas verificações de factos ficaram marcadas pelas dificuldades em aceder a certos entrevistados, afirmaram 50% dos entrevistados numa questão do mesmo modelo da anterior; 43,3% lamentaram que o material muitas vezes ficou cingido a comunicados de imprensa. Uma pessoa alegou ainda “demasiada contrainformação” como impedimento, ao passo que outra o “excesso de comunicação”. “A falta de dados muito concretos levaram algumas fontes a retrainformar-se nas declarações”, aprofundou um dos respondentes; outro, a dificuldade de conseguir informações a respeito da “distribuição geográfica dos casos ativos” de Covid-19, as quais caracterizou como das “mais preciosas”.

Quanto às dificuldades em conduzir entrevistas à distância, numa pergunta no mesmo regime das anteriores, 43,3% foram perentórios nos problemas técnicos – houve quem identificasse as quedas na rede, outra pessoa a importância da qualidade do som, e também outra isolou a qualidade de vídeo –; seguiram-se 33,3% com reticências em “interromper rodeios e ir direto ao assunto”, e 30% que acharam difícil induzir reações ou emoções nos entrevistados. Houve ainda quem realçasse em resposta livre que “no dia-a-dia, para confirmação de informações, o meio de contacto com muitas fontes já era – e continuou a ser – o telefone”; alguém da secção *Mundo* referiu em particular que entrevistar à distância já era um hábito.

Nos mesmos moldes, 53,3% dos inquiridos consideraram que, no que concerne a recolha de informação, as redes sociais intensificaram o contacto inicial com fontes;

43,3% viram nelas o mote para mais notícias e investigações – “foram úteis para buscar ideias sobre os desafios que as pessoas encontraram durante a pandemia”, afirmou um profissional –; e 30% acham que estas dificultaram a verificação de factos, por oposição a 10% que acham que estas o facilitaram. “Muitas informações surgiam nas redes e era preciso rebater”, sentenciou alguém.

Numa questão em grau, de 1 (nenhuma influência) a 5 (muita influência), foi questionado se se considerou que neste período as métricas sociais ditaram o desenvolvimento de estórias: 46,7% ficou-se pelo grau intermédio de 3; 26,7% atribuíram um elevado 4, e 20% um 2; não houve quem desse um 5, o grau mais elevado.

“No que toca ao posicionamento de artigos na homepage e redes sociais do *Público*, diria que prevaleceu o critério editorial ou o comercial?”, outra pergunta de resposta em graus de 1 a 5, significando “sempre o editorial” e “sempre o comercial” respetivamente, prevaleceu o 2, em 56,7%; seguiu-se o “sempre o editorial” com 23,3%, tendo os graus 3 e 4 obtido uma resposta cada, e o grau “sempre o comercial” nenhuma. É possível aferir que a maioria dos profissionais vê a influência do critério comercial como reduzida, mas um ainda dissertou que o critério comercial, o “potencial viral”, é “parte indissociável da existência online de um jornal”; outro confidenciou que “não foi só no Estado de Emergência” que esta questão se pôs.

No que toca ao posicionamento de artigos na homepage e redes sociais do PÚBLICO, diria que prevaleceu o critério editorial ou o comercial?

30 respostas

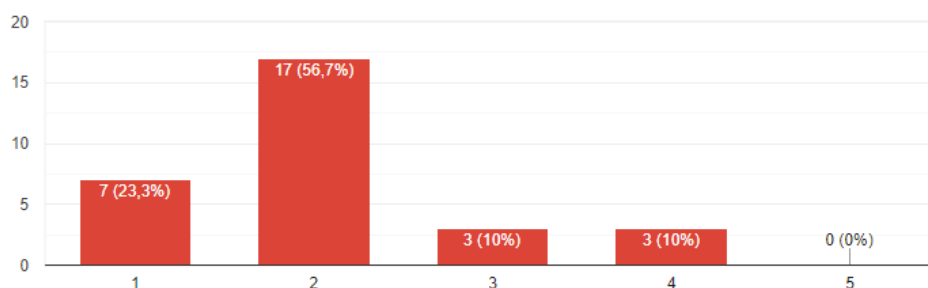


Gráfico 3: Critério de artigos na homepage

O editor do *Online* entrevistado refere o destaque da Covid-19 como “inevitável, porque o merece; porque se num certo dia for a TAP, passa a ser a TAP que merece mais importância” (2021, entrevista própria feita a Pedro Rios). Já a jornalista do *Online*

explicou o mecanismo usado na homepage, em termos técnicos; o da ferramenta Chartbeat, que revela os conteúdos com mais engajamento, permitindo que sejam ordenados por tal – “é um bocadinho uma pescadinha de rabo na boca, tu estás a promover que mais pessoas cliquem porque já há muita gente a clicar”. Todavia, Inês Chaíça confirma que “o critério que é sempre prevalente é o editorial”, e por tal, não têm “uma homepage automática, não é um robot a construí-la” (2021, entrevista própria feita a Inês Chaíça).

IV.3. Condições de trabalho

Na secção reservada às condições de trabalho, o questionário já esteve aberto a toda a redação, neste caso, os 35 respondentes do inquérito.

Questionados sobre quantas vezes foram à redação no primeiro período de Estado de Emergência, a esmagadora maioria, 65,7%, não compareceu uma única vez. Atrás, 11,4% de respondentes afirmaram ter ido mais de três vezes; 5,7% afirmam ter ido perto de uma vez por semana, e uma pessoa afirmou ter ido quase todos os dias.

A jornalista do *Online* Inês Chaíça não foi “uma única vez à redação, só [já] em julho”; a partir daí tentou “ir semana sim, semana não” (2021, entrevista própria feita a Inês Chaíça). Já o diretor-adjunto Amílcar Correia praticamente deixou de ir “a partir do momento da declaração do Estado de Emergência” (2021, entrevista própria feita a Amílcar Correia). A editora do *P3* Amanda Ribeiro “à medida que o tempo passava”, continuou a ir “uma ou duas vezes por semana”, mas isto depois do período que esteve “mais tempo sem ir à redação, sem contar férias” (2021, entrevista própria feita a Amanda Ribeiro). Já Pedro Rios, pouco tem ido, porque mesmo indo para a redação, na prática vai estar a comunicar remotamente, “porque a maior parte das pessoas estão assim” (2021, entrevista própria feita a Pedro Rios).

A respeito dos apoios concedidos pela entidade empregadora, numa questão em que podiam ser selecionadas duas opções principais, 65,7% dos inquiridos afirmou que foram fornecidas condições e material sanitário; 17,1% sublinhavam que viram compreensão aquando do falho de prazos, e 11,4% exortou ter tido maior liberdade para tirar baixas por doença.

Tentou avaliar-se a pressão laboral neste período, numa gradação de 1 (muito menor pressão) a 5 (muito maior pressão). O grau intermédio, 3, foi o mais votado, por 40% dos inquiridos – que terão tomado o grau de pressão como isento de mudança. Seguiu-se o grau 4, com 28,6% das respostas, e então o de “muito maior” pressão, com 22,9%. Uns 5,7% dos respondentes optou pelo grau 2; um único respondente caracterizou o grau de pressão como “muito menor”. “O trabalho à distância obriga-nos a ‘provar o dobro’; estar ligados a horas em que na redação já não estaríamos é um dos exemplos”, desenvolveu um dos profissionais.

Sentiu uma maior pressão laboral?

35 respostas

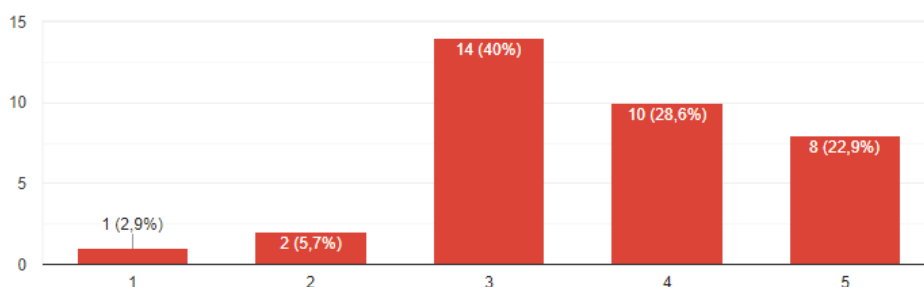


Gráfico 4: Pressão laboral

Amílcar Correia endereça “a tensão e cansaço acrescidos” do período laboral e do ciclo noticioso: “uma semana sem a Covid é uma semana muito mais tranquila, (...) os picos de tensão editorial (...) eram coisas muito pontuais; agora isto é uma constante” (2021, entrevista própria feita a Amílcar Correia). Todavia, o editor Pedro Rios prefere encarar de outra forma: “a própria energia da cobertura jornalística também te alimenta” (2021, entrevista própria feita a Pedro Rios).

Quanto a lidar com prazos no primeiro período de Estado de Emergência, foi usado o mesmo molde da questão interior, de 1 (muito mal) a 5 (muito bem), e a distribuição foi bastante semelhante; por ordem gradativa, 3 (42,9%), 4 (25,7%), 5 (20%), 2 (8,6%) e 1 (2,9%, um único respondente). Em respostas alongadas, uma profissional apontou a responsabilidade de ter “um bebé em casa e o marido também em teletrabalho”; da secção *Mundo*, uma queixa, “não se dorme e o contínuo de notícias é ininterrupto”; houve quem expusesse que com algum do trabalho extra ficou “bloqueado”, enaltecendo “a sorte de ter uma boa rede de apoio quando a exaustão chegou”.

Quanto a alterações no horário de expediente, a maior fatia (37,1%) dos respondentes disse ter registado um aumento de até duas horas no mesmo; seguem-se os que dizem ter aumentado mais de três horas, com 31,4%; e a seguir 11,4%, que não sofreram mudanças. Só 5,7% dos respondentes alegam ter visto o seu horário de trabalho diminuído. Houve quem não correlacionasse o aumento com a questão do teletrabalho, apontando como causa o tema da pandemia; outro profissional explicou o seu dilema: “os horários tornaram-se mais ‘flexíveis’, mas não necessariamente alargados; há uma espécie de autocensura maior, se antes uma pausa maior para o almoço era vista como parte do horário de trabalho, agora vejo-a mais como uma interrupção que tenho que compensar”.

Que alterações, em média, houve no horário do seu expediente?
35 respostas

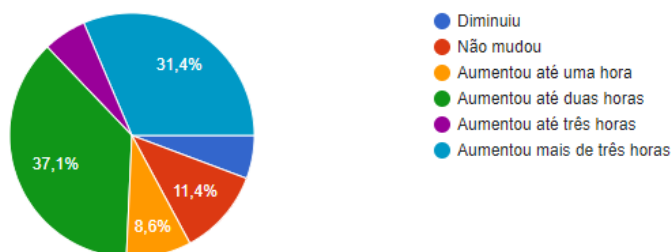


Gráfico 5: Alteração do expediente

O diretor-adjunto Amílcar Correia reconhece que o teletrabalho “obriga-te a ficar fixo na secretária, em frente ao computador; não há desculpas para que alguém chegue tarde ou não possa ir, porque não há mobilidade”. “A carga horária aumentou”, assim como “a necessidade de reuniões para estruturar a equipa” (2021, entrevista própria feita a Amílcar Correia). Amanda Ribeiro apercebeu-se cedo “que as horas iam derrapando, acabava por trabalhar mais – nem sempre tão produtivamente” (2021, entrevista própria feita a Amanda Ribeiro). Dos dias mais longos, Inês Chaiça relata o seu pior: “entrei às 7h e saí às 21h, trabalho sem folgas”. Exorta, todavia, a possibilidade de os profissionais serem compensados: “se trabalhava muito num dia, depois no dia a seguir conseguia sair um bocadinho mais cedo – era uma questão de falar com os editores, eles estavam muito recetivos a isso também”. A gestão das escalas continuou igual, confirma (2021, entrevista própria feita a Inês Chaiça).

A fim de se aferir o apoio da Direção em termos tecnológicos, deu-se a escolher um máximo de duas opções numa questão: 60% garantiu ter-lhe visto cedidos

equipamentos tecnológicos necessários ao teletrabalho, seguindo-se 48,6% que agradeceram o apoio técnico passível de ser prestado durante o expediente; 25,7% sentiram compreensão quando não puderam levar a cabo trabalhos dados problemas técnicos. Um dos profissionais inquiridos denotou, contudo, a falta de opções no que tocava a equipamentos tecnológicos que foram cedidos.

Quando questionados com os principais problemas tecnológicos com que se depararam, numa questão nos mesmos moldes, 51,4% dos inquiridos reportou dificuldades em aceder à VPN do jornal; 42,9% queixaram-se de fracas conexões à internet, e 20% de problemas em aceder ao banco de dados. Dificuldades em registar ou submeter o trabalho desenvolvido, e a tecer contacto com a equipa, equipararam-se, ambas com uma percentagem de 8,6%.

Uma outra pergunta com as mesmas regras questionava como se deu maioritariamente a organização em equipas; 85,7% referiu os chats de grupo, seguido de 60% que participavam em reuniões, quer presenciais, quer vídeo, quer híbridas; em último ficaram as mensagens.

No mesmo estilo de questão, uma vez mais, questionaram-se as plataformas mais usadas para tecer o contacto: 85,7% respondeu WhatsApp, seguindo-se 57,1% com o email; o Messenger foi apontado por 14,3% dos respondentes, o Zoom por 8,6%, e o Skype não registou junto da preferência de nenhum inquirido. Nas respostas espontâneas, surgiram ainda os não considerados inicialmente Whereby, com 22,9%, e Microsoft Teams, com 11,5%.

“Diria que os momentos diários de reunião se tornaram uma reunião diária contínua?”, foi a pergunta seguinte, numa gradação de 1 (decididamente não) a 5 (decididamente sim). No meio está a virtude, com uns 40% registados; seguiu-se o 2, como opção de 22,9% dos respondentes, e 17,1%, que acham que “decididamente não” encaram esse cenário; quem decididamente encara que “sim”, foi a percentagem mais baixa, com 8,6%; acima, o grau 4, com 11,4% das respostas. “É óbvio, o debate não é interrompido, como se fosse natural estarmos sempre ligados”, lamentou um dos inquiridos.

Inês Chaiça refere os vários grupos de WhatsApp, em que “há sempre gente a falar, e (...) que te liga quanto mais não seja porque te queria dar um recado”; por conseguinte, caracteriza o horário de trabalho de “difuso” – “não necessariamente a

trabalhar ao computador, era mais [a] saber que se me ligassem (...) ou (...) mandassem uma mensagem, à partida teria que responder” (2021, entrevista própria feita a Inês Chaíça). As ligações por telefone antes eram comuns; agora nem tanto, e nesse sentido, o diretor-adjunto Amílcar Correia ressalva que “houve até um ganho organizacional” (2021, entrevista própria feita a Amílcar Correia); o editor do *Online* Pedro Rios confere: “às vezes com mais redundâncias, mas isso por vezes tem algumas vantagens de organização, porque obriga-nos a comunicar mais, porque não há outra forma, e há menos equívocos, porque a comunicação é escrita” (2021, entrevista própria feita a Pedro Rios).

“Considera que a hierarquia se manteve tão rígida quanto antes, ou que ganhou maior liberdade?”, perguntou-se nos mesmos moldes, entre 1 e 5, respetivamente. Voltou a registar-se a prevalência do grau intermédio, aos 54,3%; o grau 2 registou 17,1%, e o grau 4 uns 14,3% de preferência. Uns 11,4% de respondentes acharam que a hierarquia continuou com a rigidez de outrora; um respondente enalteceu a maior liberdade que assim considerou.

As medidas em que sentiram maior efeito foram dadas a escolher, com uma preferência em duas, e opção de resposta extra. Em suma, 40% viu surtir mais efeito na escolha do expediente, seguindo-se uns 37,1% na escolha do trabalho a desempenhar; 34,3%, em terceira posição, foi a liberdade editorial. Assinalou um dos inquiridos ainda: “os editores pareceram mais recetivos a propostas”.

IV.4. Impacto na vida pessoal

Esta parte da investigação esteve igualmente disponível para o grosso da redação. Começou-se por mais uma questão gradativa de 1 (prático, fácil) a 5 (moroso, difícil), sobre como foi adaptar a rotina no primeiro período de Estado de Emergência. Equiparou-se quem atribuiu o grau intermédio de 3 e o 4, contabilizando 28,6% de respostas cada; 22,9% escolheu o grau 2; 11,4% deram a adaptação por morosa e difícil, ao passo que 8,6% consideraram-na prática e fácil.

A jornalista Inês Chaíça revela o propício que foi já ter tido alguma experiência com trabalho à distância, neste sentido: “já o tinha feito antes nalgumas datas – do estilo do Natal –; (...) quando o Público fez umas grandes obras e [eu] tinha alergias (...); já tínhamos conseguido afinar um bocadinho todos os processos”. Não obstante, refere que

apesar de sentir que “diferenças que ao início se sentiam mais já se foram esbatendo”, “em termos de literacia digital, as equipas são muito heterogéneas; talvez o *Online* seja a equipa mais homogénea” (2021, entrevista própria feita a Inês Chaíça). Amílcar Correia expõe a transposição das “rotinas da redação”, as reuniões, para o online, como longas, no início da pandemia; “entretanto isso foi-se tornando mais versátil, mais rápido”, aludindo ainda às equipas digitais, que falam ao longo do dia nas plataformas de videochamada, em “salas” pelas quais podem ir rodando (2021, entrevista própria feita a Amílcar Correia).

Quando questionados se o labor perdeu algo com o desempenho à distância, com a possibilidade de se escolherem duas opções no máximo, 85,7% referiu ter sentido falta do contacto interpessoal com colegas; 37,1% acusou problemas em concentrar-se nas tarefas, e 28,6% disseram ter sentido falta da sensação de uma rotina diária; 8,6% denotaram ter sentido perda de rendimento com a falta de supervisão presencial.

Inês Chaíça corrobora: “não tinhas aquela partilha (...), de estar no mesmo espaço (...) a falar com ‘não sei quem’ e de repente surgir uma ideia”. Todavia, diz ter-se aproximado de pessoas com quem não falava muito, “pessoas que estão no Porto, ou pessoas mesmo da redação de Lisboa” (2021, entrevista própria feita a Inês Chaíça). Amílcar Correia contempla o quanto a circunstância pandémica “obriga-nos a olhar para a redação (...); não como um posto de trabalho fixo, mas sim como uma espécie de trabalho amplo, de *coworking*, flexível e móvel” (2021, entrevista própria feita a Amílcar Correia); o editor Pedro Rios revê-se nisto: “a redação em si é só um sítio, o que é bom na redação é as pessoas que estão lá” (2021, entrevista própria feita a Pedro Rios), retomando as ideias de Schatzki (2005) e de Santos Silva e Granado (2021) que já antes haviam sido avançadas, sobre a “ontologia de um local”, a “ubiquidade”. E no mesmo âmbito, Amanda Ribeiro alude à questão do espaço, mas por outro prisma: “é incrível como o espaço funcional, o espaço em que tu habitas, também muda a forma que tu vives”. No começo da pandemia, instalou um escritório na sala, e “para aí durante um mês e meio não tinha mesa de jantar, então comia imensas vezes em bancos” (2021, entrevista própria feita a Amanda Ribeiro).

Nos mesmos moldes, questionou-se quais foram os fatores mais complicados de balançar nesta nova circunstância, tendo a família registado uma maioria absoluta de 62,9%. Seguiu-se o expediente com 34,3%, receios relacionados com a questão

pandémica em 25,7%; tecnologia, em 17,1%; e prazos, em 14,3%. Um dos respondentes salientou que foi difícil manter a equipa motivada perante o cenário.

Já no mesmo esquema, quanto às virtudes encontradas no teletrabalho, uns avassaladores 91,4% referiram o tempo diminuído passado em transportes; 62,9% deram conta das menores despesas no fator anterior, assim como em alimentação, e 14,3% enalteceram a diminuição de contactos sociais indesejados. Uns 5,7%, todavia, não encontraram nenhuma virtude no teletrabalho; um inquirido espontaneamente contribuiu poder passar mais tempo com os filhos, já outro enalteceu a redução de distrações que encontrava no trabalho presencial.

Que virtudes encontrou no teletrabalho? Escolha no máximo duas opções.

35 respostas

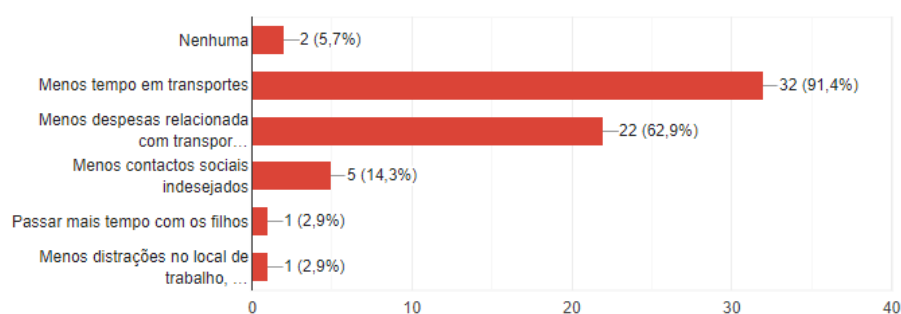


Gráfico 6: Virtudes do teletrabalho

A jornalista Inês Chaíça, quanto a um modelo de trabalho híbrido, é perentória nas virtudes, condicionais, do teletrabalho: “quando bem aplicado, quando consegues efetivamente fazer o teu horário e sair, tu tens muito mais tempo para tratar das tuas coisas pessoais; muito mais tempo de vida, podes dedicar-te mais a hobbies” (2021, entrevista própria feita a Inês Chaíça).

Questionados diretamente se houve dificuldade em conjugar o trabalho com a vida pessoal, cerca de um quarto (25,7%) negou; os restantes, afirmaram que sim.

Amanda Ribeiro recordou que muitas vezes “acabava por estar muito mais presente” na sua vida pessoal – mas também que “muitas vezes depois voltava ao computador para fazer uma série de tarefas que às vezes ainda não tinha feito” (2021, entrevista própria feita a Amanda Ribeiro).

De todas as medidas propostas, num máximo de duas por resposta para quem respondeu “sim” na questão anterior, a componente psicológica e emocional foi

avançada por 72,4% dos inquiridos; na sua senda, as lides domésticas, com 44,8% das respostas, tendo empatado aos 31% a confeção alimentar e o acompanhamento dos filhos. Empatados também, aos 20,7%, as saídas em tarefas essenciais, e a distribuição de tarefas com o parceiro – houve um inquirido que singularizou, espontaneamente, a relação interpessoal com o próprio parceiro. Este fator foi ainda aprofundado por outros respondentes num texto submetido opcionalmente: “estou o dia inteiro no mesmo local que o meu companheiro, não é fácil de gerir quando estamos com alguém com quem costumamos estar com outra postura, sentia-me culpada de passar horas seguidas concentrada no trabalho e a não dar atenção à pessoa”, expressou uma das profissionais. Houve quem aditasse ainda que “a dificuldade em conjugar o trabalho com a vida pessoal já era anterior; parece ser parte da profissão, a pandemia apenas tornou mais evidente e acrescentou uma dimensão emocional mais carregada, retirando da equação os momentos de ócio”. “Aumentou uma certa sensação de claustrofobia”, referiu uma outra pessoa, a respeito do trabalho em confinamento.

Amílcar Correia ressalva, contudo, a adaptação dos profissionais, que “interiorizaram a necessidade de sobreviver a isto tudo – até do ponto de vista psicológico –, e aí o teletrabalho é também uma forma de garantir alguma ocupação pessoal” (2021, entrevista própria feita a Amílcar Correia).

IV.5. Prospetos de empregabilidade

O futuro no emprego foi abordado na fase final do inquérito, também aberta a toda a redação. Começou-se pela sensação de segurança de que se manteria o posto de trabalho num futuro próximo: de 1 (nenhuma segurança) a 5 (muita segurança). A maioria das respostas recaíram no grau 4 (54,3% dos inquiridos); houve hesitação em declarar muita segurança, sendo esta acusada apenas por 8,6% dos respondentes – todavia mais que os que declararam nenhuma segurança, apenas 5,7%. O grau de segurança intermédio foi a opção de 28,6% dos profissionais.

A possibilidade de subir na carreira num futuro próximo também foi graduada de 1 a 5, e é avassalador o quanto 57,1% dos respondentes optaram pelo grau 1, “muito reduzida”; já o 5, “muito elevada”, não foi escolhido por ninguém. Os graus 2 e 3 empataram, cada com 20% de respostas submetidas; o grau 4 registou 2,9% das respostas.

Como encara a possibilidade de subir na carreira num futuro próximo?

35 respostas

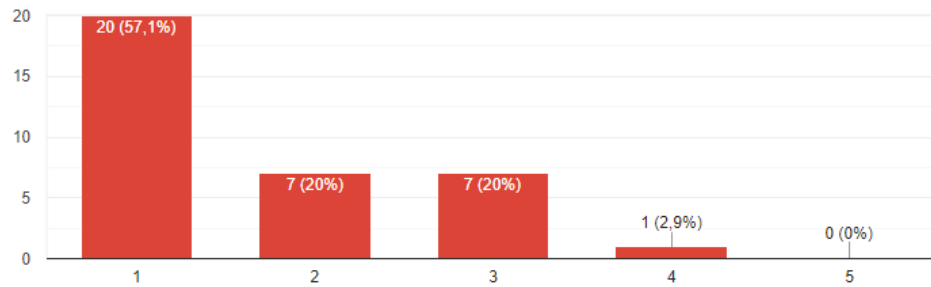


Gráfico 7: Subir na carreira num futuro próximo

O diretor-adjunto Amílcar Correia sublinha que o Público não passou por nenhum layoff nem por redução de salários, “manteve-se tal como está”, “em suspenso, com a confiança do acionista, à espera de alguma retoma do mercado publicitário” (2021, entrevista própria feita a Amílcar Correia).

Quanto ao teletrabalho, Amanda Ribeiro vê-se preocupada “a nível de leis laborais e flexibilização”, estando-se a levantar “uma série de novas questões que ainda não estão a ser traçadas (...); a nível de subsídios de alimentação, de, por exemplo [contas de] aquecimento, (...)”. O receio é que algumas “empresas se possam aproveitar (...) para fomentar a exploração de trabalhadores”, em particular pessoas “recém-licenciadas, que estão agora a ser atiradas para o mercado de trabalho” (2021, entrevista própria feita a Amanda Ribeiro).

IV.6. Insights dos inquéritos

Para finalizar o inquérito propôs-se aos respondentes, caso quisessem, partilhar algum insight que achassem relevante, a respeito da sua profissão e/ou método de trabalho depois de nove meses desta nova experiência. Doze optaram por dar este contributo extra, e o vago consenso é simples: “o teletrabalho pode resultar no futuro sem pandemia”, “deve tornar-se mais frequente”, e “pode funcionar tão bem como o trabalho presencial”; “acho que seria ótimo tentar ter o melhor de dois mundos – flexibilidade para ter alguns dias por ano com possibilidade de trabalho em casa, além do trabalho na redação”, elaborou um dos profissionais.

Não houve falta de detrimentos apontados, todavia; o principal: a importância da redação e o que esta representa. “É muito importante para se discutirem não só trabalhos, mas também questões éticas do nosso trabalho e do próprio jornal; com a pandemia, considero que esse envolvimento ficou mais concentrado nos editores, tendo ficado os jornalistas/repórteres mais afastados desse processo de discussão”, confessou um dos jornalistas. Houve quem tivesse tido uma revelação: “estar com colegas na redação faz muita falta, nos últimos meses, esta tem sido um refúgio onde tento ir pelo menos alguns dias por mês; sempre achei que preferia trabalhar autonomamente, mas percebi que ter editores atentos e interventivos ajuda a dar algum senso de propósito ao trabalho que fazemos”.

IV.7. Insights das entrevistas individuais

Decorrem muitos estágios na secção *Online*, e para Pedro Rios, orientador no local do estágio retratado neste relatório, as circunstâncias correntes dificultam “a já difícil arte de ser estagiário”; a “aprendizagem é um bocadinho mais difícil quando estamos à distância, e às vezes é mais difícil estar-se a explicar ao estagiário o que é que se fez a um determinado texto”. Recorda ainda que “há é menos trabalho presencial, é um bocadinho mau, porque é suposto haver reportagens”; em contraponto, “há muitas oportunidades de cobrir o que está a acontecer, (...) e tem havido estagiários que têm aproveitado isso” (2021, entrevista própria feita a Pedro Rios).

Também na secção do *Online*, a saída de uma colega em licença de paternidade posicionou as jornalistas da secção e as editoras do *P3* como editoras rotativas neste período. Inês Chaíça caracteriza a experiência como positiva, mas “não necessariamente no meio de uma pandemia; porque lá está, uma pandemia nunca é a altura certa para aprender o que quer que seja”, mas considera importante haver “alguém dentro de uma equipa que seja um quadro intermédio – uma pessoa que consiga ser jornalista, mas também tenha aquela valência de numa necessidade poder editar o site” (2021, entrevista própria feita a Inês Chaíça).

Amanda Ribeiro ficou a cargo da tarefa igualmente, tendo sido entrevistada a meio do seu primeiro mês a substituir. Aludiu à secção *Megafone* do *P3*, uma plataforma de *crowdsourcing* que também gere: “a nossa caixa de email que não pára; nós durante a pandemia, assim no pico, estávamos a receber *Megafones* assim às

dezenas por dia”. Liga isto à ligação dos leitores, também eles envolvidos no momento: “as pessoas estavam em casa, queriam dizer alguma coisa, queriam ter voz”.

A própria Amanda viu-se a braços também com a realidade histórica da conjuntura: “se houve uma altura, talvez, da vida e do jornalismo em que a informação fidedigna foi realmente valorizada, e o *breaking news*, e rápido, e dar certo, foi agora”. O *P3* viu-se a braços “para dar resposta (...) às necessidades que sentimos dos utilizadores”, o que diz ter reforçado a criatividade (2021, entrevista própria feita a Amanda Ribeiro).

Para Pedro Rios, “uma muito maior sensibilidade para temas de ciência e saúde” é uma necessidade que sairá desta pandemia para os jornalistas, pese o agoiro de que talvez nem dure assim tanto (2021, entrevista própria feita a Pedro Rios).

Já Inês Chaíça antevê que o *Público* vai dedicar-se mais à edição online, reparando que “se calhar havia jornalistas mais da velha guarda que passaram a olhar para o Online (...) com mais respeito; porque eles próprios começaram a construir aquilo; (...) já [se] percebeu que trabalhar com os timings do *Online* é trabalhar agora, e não para o final do dia” (2021, entrevista própria feita a Inês Chaíça).

Amílcar Correia já vê no número de assinantes online o “principal sustento”, e são estes que têm “vindo a crescer ano após ano, desde 2018”. Encara a “manutenção de sustentabilidade” dos jornais por este prisma, já que as edições impressas “têm vindo a perder ano após ano a venda em banca”, e que “o caminho terá que ser [trilhado] por projetos editoriais bons” (2021, entrevista própria feita a Amílcar Correia).

Conclusão

Este relatório teve como objetivo analisar qual o impacto da pandemia de Covid-19 na rotina jornalística do jornal Público – e é pois essa, formulada, a pergunta de partida que serviu de mote para a investigação teórica e empírica desenvolvida.

Da própria experiência de estágio retratada, com um antes e um depois, marcado pela declaração do primeiro Estado de Emergência, partiu-se para uma revisão de literatura, que também faz a ponte entre este “antes”, que se vinha a precarizar há já décadas, e um “depois”, que confere o aceleração do desgaste causado pela profissão do jornalismo.

As chamadas “rotinas sentadas” já vigoravam, às quais se acrescentava uma submissão cada vez mais rigorosa à lei das métricas sociais; com jornalistas obrigados a trabalhar a partir de casa, apanhados totalmente desprevenidos, pouco sobrou do jornalismo tradicional que em tempos áureos se praticou – e quem o diz retoma conceitos “antigos”, como uma redação física e presencial, convívio entre colegas, saídas para a rua em reportagem, etc.

Por suposto, houve investigação, na forma de um inquérito online passado a toda a redação, no qual se obtiveram 35 respostas, com uma divisão em funções e género bastante semelhantes às do grosso dos trabalhadores; e de entrevistas, levadas a cabo junto de quatro profissionais proeminentes e simbólicos, das suas funções compartilhadas, no jornal. É com afinco que se pode afirmar que foi possível responder às perguntas de investigação levantadas aquando do traçar deste relatório, as quais passa-se agora a elencar, mais um semblante das devidas respostas.

À primeira, sobre “Qual o impacto da pandemia na cobertura noticiosa?”, a resposta é avassaladora: a Covid-19 é rainha, impassível e imparável, desde março passado. Cerca de 67% dos inquiridos via formulário achou, pelo menos, que qualquer cobertura fora do âmbito da pandemia se viu vastamente reduzida. Não há escassez de assuntos importantes que considerem ter sido obliterados numa fase inicial deste processo de adaptação; da mesma forma, as já poucas saídas em reportagem que era possível registar ainda mais minguaram em número, por toda uma multitude de motivos relacionados com segurança. Os profissionais viram a dificuldade de verificar informações crescer, e com ela também a de obter material noticioso nas melhores

condições, dados os impedimentos tecnológicos de determinados contactos à distância. A maioria do pessoal jornalista do *Público*, todavia, não abriu mão dos critérios editoriais de sempre, e fica presente que grande parte dos respondentes vê o posicionamento de estórias como isento de populismo.

À segunda pergunta, “Quais as condições de trabalho em período pandémico?”, numa profissão que ficou isentada da obrigatoriedade de realizar teletrabalho, fica clara a preferência pela segurança, sendo que, podendo fazê-lo, cerca de 66% dos respondentes não foi à redação durante o primeiro período de Estado de Emergência. Para os que foram desde então, a entidade empregadora providenciou, a um nível sanitário. A maioria não viu uma maior pressão laboral no desempenho das suas tarefas, mas vale a pena ressaltar que os resultados inclinam-se no sentido de uma maior tensão; idem para a gestão de prazos de trabalho. O expediente aumentou bastante – para a maioria dos respondentes, na ordem de cerca de duas horas, pelo menos –, e ainda que entraves tecnológicos muitas vezes tenham estado na origem do problema, é bom sinal aferir que a direção foi compreensiva nesse sentido para com os trabalhadores. Houve uma prevalência de organização via WhatsApp, e uma tendência para desconsiderar alegações de que o expediente tivesse virado uma reunião virtual contínua; idem para o enrijecer da hierarquia, que tendeu para ser encarada como mais permissiva neste período.

“Qual o impacto das circunstâncias na vida pessoal?”, foi esta a terceira pergunta, e as respostas não foram felizes, na maior parte, sendo que muitos dos respondentes registaram obstáculos significativos na adaptação à nova rotina. Havia heterogeneidade entre secções e demografias de redação, mas estas acabaram por ser ultrapassadas a seu tempo, não estivesse o *Público* a preparar-se desde há muito para dar ênfase maior à componente online do jornal. O decréscimo do contacto interpessoal e problemas de concentração foram apontados como detratores de peso nesta nova experiência laboral; e as gestões de uma família, de um expediente, e de receios de saúde, como as mais difíceis de balançar neste período. Nem tudo é negro, e os profissionais viram virtudes no desempenho do teletrabalho, como o eliminar de tempo perdido a comutar e uma redução dessas despesas e das de alimentação. Todavia, cerca de três quartos dos respondentes afirmaram ter tido dificuldades em separar a vida profissional da pessoal, com regressos recorrentes ao computador fora do expediente, e

pouco sucesso no autocuidado emocional e no desempenho de lides domésticas e essenciais.

Como pergunta de investigação final, “Quais os prospectos de empregabilidade num futuro próximo?”, os resultados não são brilhantes, como é possível atestar. A maioria dos inquiridos revelou relativa segurança, quanto a manter o seu posto de trabalho, mas a progressão na carreira afigura-se um grande “não” para muita gente. O *Público* em si não passou por despedimentos nem layoffs, e apesar de lá não se terem registado ocorrências negativas, há quem expresse medo por exploração na indústria, no que toca a gastos extraordinários para trabalhar a partir de casa.

Aprofundadamente, os profissionais de redação acreditam que o teletrabalho veio para ficar, mas não subestimam os impedimentos que uma constante do mesmo causaria, acima de tudo no que concerne ao contacto com colegas e à noção de uma rotina diária. Tarefas acessórias do trabalho, como acolher estagiários e substituir colegas, dificultam-se nestes moldes. O que se afigura, realmente: uma mudança definitiva de paradigma, em que será dada primazia ao jornalismo digital, com tudo o que ele acarreta; mas ainda assim, mais próximo de quem o lê – quer se esteja a falar de *breaking news*, quer de um espaço de *crowdsourcing* para dar voz aos leitores, quer da necessidade de um maior conhecimento científico, tão apreciado em tempos pandémicos.

É aqui que se abre um de vários caminhos para investigações futuras nesta área, do jornalismo pós-pandémico: aferir em número e em qualidade como é que os jornalistas estão preparados para noticiar um evento deste género, tão sensível de um ponto de vista científico.

Outra avenida: explorar o impacto no psicológico que uma cobertura destas, sem paragens, causa a longo prazo – e a avaliar por algumas das respostas aqui recolhidas, e outros tantos relatos recolhidos na revisão de literatura, isto pode vir a ser equiparável às situações mais tradicionais de síndrome de stress pós-traumático.

Avaliar o mercado de trabalho pós-pandemia será também um ponto sensível – perceber como evoluiu a situação até então registada, da prevalência de profissionais do género feminino, mas concentrando-se no género masculino os cargos de peso.

Não tomando este trabalho por pioneiro – dado que já existir inclusive uma investigação da Carteira Profissional neste país que incide nesta questão, de Camponez

et al. –, espera-se com este relatório de estágio poder deixar claro que há que colocar a tónica nos impactos da pandemia no mundo do jornalismo; a larga escala, a longo prazo, custe o que custar.

Este é um trabalho desenvolvido junto de 35 profissionais, que por acaso têm correspondência significativa com a demografia de género e função na redação em que se inserem, mas são precisos muitos mais, e mais extensos, numa miríade de variantes e focos, com objetivo de ilacionar se o jornalismo, desta pandemia, incorreu em dano – e se tal, como repará-lo, e torna-lo mais nobre, pois é isso que todos, quer enquanto profissionais, quer enquanto consumidores, tanto precisam e merecem.

Bibliografia

Adghini, Z. L. (2008). Informação on-line: Jornalista ou produtor de conteúdos? *Revista Contracampo*, (06), 137-152. doi:10.22409/contracampo.v0i06.470

Agarwal, S. D., & Barthel, M. L. (2013). The friendly barbarians: Professional norms and work routines of online journalists in the United States. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 16(3), 376-391. doi:10.1177/1464884913511565

Agnez, L. F. (2011), A convergência digital na produção da notícia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agnez-luciane-a-convergencia-digital-na-producao-da-noticia.pdf>

Camponez, C., Miranda, J., Fidalgo, J. Garcia, J. L., Matos, J. N., Oliveira, M., Martins, P. & Silva, P. A. (2020). *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19. Relatório*. Lisboa: Sopcom

Casero-Ripollés, A. (2020). La COVID-19 en el periodismo: Un impacto ambivalente. *Revista De La Asociación Española De Investigación De La Comunicación*, 7(14), 2-26. doi:10.24137/raeic.7.14.1

Cohen, N. S. (2018). At Work in the Digital Newsroom. *Digital Journalism*, 7(5), 571-591. doi:10.1080/21670811.2017.1419821

Dawson, N., Molitorisz, S., Rizoju, M., & Fray, P. (2020). Layoffs, Inequity and COVID-19: A Longitudinal Study of the Journalism Jobs Crisis in Australia from 2012 to 2020. 1-16. DOI: 10.1177/ToBeAssigned

Deuze, M., & Witschge, T. (2017). What journalism becomes. In C. Peters & M. J. Broersma (Autores), *Rethinking journalism again: Societal role and public relevance in a digital age* (pp. 115-130). Abingdon, Oxon: Routledge.

Domingo, D. (2008). Interactivity in the daily routines of online newsrooms: Dealing with an uncomfortable myth. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(3), 680-704. doi:10.1111/j.1083-6101.2008.00415.x

Fernandes, S. G., & Jorge, T. M. (2017). Rotinas no webjornalismo: Multitarefa e pressão do tempo sobre os jornalistas de internet. *Brazilian Journalism Research*, 13(1), 20-39.

Ferraretto, L. A., & Morgado, F. (2020). *Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise*. Rio de Janeiro: Válega.

Figaro, R., Barros, J. V., Silva, N. R., Camargo, C. A., Silva, A. F., Moliani, J. A., . . . Oliveira, D. F. (2020). Como trabalham os comunicadores na pandemia do Covid-19? *Revista Jurídica Trabalho E Desenvolvimento Humano*, 3. doi:10.33239/rjtdh.v.76

Fu, K., & Zhu, Y. (2020). Did the world overlook the media's early warning of COVID-19? *Journal of Risk Research*, 23(7-8), 1047-1051. doi:10.1080/13669877.2020.1756380

Grant, R. M. (1996). Toward a knowledge-based theory of the firm. *Strategic Management Journal*, 17(S2), 109-122. doi:10.1002/smj.4250171110

Greene, G. (2002). *O Fim da Aventura* (5th ed.) (J. Sena, Trans.). Porto, Portugal: Edições Asa. 36

Harro-Loit, H., & Josephi, B. (2019). Journalists' Perception of Time Pressure: A Global Perspective. *Journalism Practice*, 14(4), 395-411. doi:10.1080/17512786.2019.1623710

Hummel, R., Kirchhoff, S., & Prandner, D. (2012). "We Used To Be Queens And Now We Are Slaves". *Journalism Practice*, 6(5-6), 722-731. doi:10.1080/17512786.2012.667276

Lewis, S. C. (2020). The Objects and Objectives of Journalism Research During the Coronavirus Pandemic and Beyond. *Digital Journalism*, 8(5), 681-689. doi:10.1080/21670811.2020.1773292

Neveu, É. (2006). *Sociologia do jornalismo* (D. Dariano, Trans.). São Paulo, SP: Edições Loyola.

Olsen, R. K., Pickard, V., & Westlund, O. (2020). Communal News Work: COVID-19 Calls for Collective Funding of Journalism. *Digital Journalism*, 8(5), 673-680. doi:10.1080/21670811.2020.1763186

Pereira, F. H. (2003). *O jornalista on-line: Um novo status profissional?* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília.

Pereira, F. H. (2004). O 'Jornalista Sentado' e a Produção da Notícia on-line no CorreioWEB. *Em Questão*, 10(1), 95-108.

Rios, A. O., Padilha, P. Z., Nogueira, R. D., & Cunha, S. C. (2020). *Mães Jornalistas e o Contexto da Pandemia* (Research). Brasília-DF: Federação Nacional dos Jornalistas - FENAJ. Retirado de <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/08/PESQUISA-MULHERES-JORNALISTAS-NA-PANDEMIA-WEB.pdf>

Santos Silva, D.; Granado, A. (2020) Reconfigurações espaço-temporais nos media digitais: 10 princípios para um jornalismo à prova do tempo e do espaço. In *Media e Zeitgeist*. Florianópolis: Editoria Insular. [no prelo]

Schatzki, T. R. (2005). Peripheral Vision: The Sites of Organizations. *Organization Studies*, 26(3), 465-484. doi:10.1177/0170840605050876

Signates, L. (2012). Jornalismo e Internet: 10 sinais de uma mudança de lugar. In *O jornal: da forma ao sentido*, Brasília: Editora UnB. Retirado de https://www.researchgate.net/publication/333198878_Jornalismo_e_internet_10_sinais_de_uma_mudanca_de_lugar

Solon, M., Araújo, M., Rodrigues, N., & Nunes, M. V. (2020). O trabalho de mulheres jornalistas durante a pandemia da COVID-19: Um estudo de caso dos reordenamentos produtivos no Ceará. *INTER-LEGERE*, 3(28).

Stănescu, G. (2020). The importance and role of the journalist during Covid-19. Lessons learned from home journalism. In D. V. Voinea & A. Strungă (Eds.), *Research terminals in the social sciences* (pp. 105-114). Craiova, Romania: SITECH Publishing House.

Westlund, O. & Ekstrom, M. (2019). News organizations and Routines. In *The handbook of journalism studies*. London: Routledge. [authors version]

Witschge, T., & Harbers, F. (2018). Journalism as Practice. *Journalism*, 105-124. doi:10.1515/9781501500084-006

Anexos

Entrevistas

Inês Chaíça, Jornalista do Online

Foste muito à redação no primeiro Estado de Emergência?

Não fui uma única vez à redação, só fui em julho; ou seja estive sempre a trabalhar a partir de casa, fazia todos os meus turnos a partir de casa, e depois também não saía em reportagem, portanto acabei por estar bastante protegida da Covid-19.

E como foi a tua adaptação pessoal nesse período?

É assim, ao início, não posso dizer que tenha sido difícil, porque nós já tínhamos os meios, e eu pessoalmente já sabia como era trabalhar a partir de casa, porque já o tinha feito antes nalgumas datas – do estilo do Natal; quando estava a trabalhar nesses dias era a partir de casa, já davam essa hipótese. Portanto, o que eu senti é que estávamos um bocadinho "ok, era extraordinário, mas não era inédito", era uma coisa que nós já tínhamos feito antes. Até, por exemplo, quando o *Público* fez umas grandes obras, e havia muita gente que tinha alergias – e era o meu caso –, e eu não conseguia trabalhar com o pó das obras, e então simplesmente trabalhei a partir de casa, e foi toda uma semana onde nós já tínhamos conseguido afinar um bocadinho todos os processos necessários para trabalharmos a partir de casa.

Portanto, eu diria que o primeiro mês até foi bom num aspeto, porque estávamos a conseguir cumprir mais ou menos os horários. Havia dias em que sim, trabalhávamos muito; mas depois também havia toda a questão de podermos ser compensados, ou seja, se trabalhava muito num dia, depois no dia a seguir conseguia sair um bocadinho mais cedo – era uma questão de falar com os editores, eles estavam muito recetivos a isso também. E depois também senti que ganhei um bocadinho de "vida pessoal", porque não perdia tanto tempo nos transportes e conseguia gerir um bocadinho melhor o meu horário, no sentido das horas de me deitar e levantar.

Portanto, lembro-me que o primeiro mês até foi bom nesse aspeto, porque estávamos a conseguir até ter alguma dinâmica de grupo; mas depois a partir dos meses

seguintes, houve ali uma grande quebra, pelo menos para mim. Não necessariamente em termos de produtividade, mas às vezes procurávamos ter ideias inéditas, nossas, originais, e era um bocadinho difícil; porque não tinhas aquela partilha da redação, de estar no mesmo espaço, estar a falar com "não sei quem" e de repente surgir uma ideia, que era uma coisa que acontecia muito, antes, e que deixou de acontecer. Porque simplesmente não estávamos todos no mesmo espaço, e tínhamos as reuniões pelo Whereby – videochamada basicamente –, mas não era bem a mesma coisa, porque não era como estar oito horas com aquelas pessoas, a falar sobre coisas que às vezes um de nós tinha visto na televisão, ou num documentário, e achámos interessante. E aí, sim, comecei a sentir muito a falta de estar com pessoas, na redação, para além do meu círculo familiar -- estava com a minha mãe e com o meu pai --; e isso acabou por ser um bocadinho árido em termos de estímulo intelectual, quase.

Só que lá está, não o suficiente para eu ou qualquer outra pessoa nos esforçarmos a ir a redação quando ainda não achávamos que era seguro, ou quando ainda não se sabia muito bem ou que é que se podia ou não fazer, o que era perigoso; ainda estávamos muito na descoberta, e lembro-me que nesse aspeto foi um bocadinho mais complicado.

Depois lá está, quando as coisas começaram a acalmar um bocadinho, eu e outras pessoas começámos a ir de vez em quando à redação. Eu lembro-me que em Julho tentei ir semana sim, semana não, porque achava que as coisas já estavam mais ou menos a acalmar, por assim dizer; havia menos casos, e as pessoas já sabiam mais como é que se podiam proteger, e ao mesmo tempo não ia gente suficiente à redação por ser perigoso – então voltei um bocadinho a ter mais ou menos essa rotina, ou pelo menos a tentar, mas, lá está, assim que os casos voltaram a subir novamente, nós voltámos outra vez pra casa, e eu voltei novamente pra casa, e agora sim, sinto um grande cansaço pandémico, de estar já um bocadinho farta de este ser o tema principal de todos os dias.

A questão do contacto constante, teres que prestar contas aos teus superiores, sentes que estás sempre online?

Sim, nós acabámos foi por criar vários grupos do WhatsApp, e esses grupos quase nunca vão dormir, por assim dizer; há sempre gente a falar, e há sempre gente, por exemplo, que te liga quanto mais não seja porque te queria dar um recado. E

imagina, eu às vezes entro às 7h, e às 21h ainda estou a responder a pessoas, ou a atender telefones, quando já não devia. Mas também compreendo, às vezes quando eu preciso, basta-me ligar a alguém; essa pessoa, eu sei que também me vai atender. Mas sim, tornou-se muito difuso o meu horário de trabalho, porque às tantas já não era das 7h às 15h, era das 7h às 20h; mas não necessariamente a trabalhar ao computador, era mais saber que se me ligassem, eu à partida iria atender, ou saber que se mandassem uma mensagem, á partida teria que responder -- também por respeito pelo trabalho das outras pessoas. Mas sim, houve ali um equilíbrio difícil.

Tens que lidar com outras equipas por estares no *Online*, como é que é esta questão à distância?

É assim, mesmo em termos de literacia digital, as equipas são muito heterogéneas; talvez o *Online* seja a equipa mais homogénea de se saber que toda a gente tinha meios de começar a trabalhar à distância. Claro que atualmente acho que essas diferenças que ao início se sentiam mais já se foram esbatendo, porque já é quase um ano de pandemia, já é quase um ano de estar a trabalhar em casa. Mas ao início notava-se muito que havia equipas que não estavam de todo preparadas se calhar para passar para o teletrabalho, porque ainda tinham bastante dificuldade, por exemplo, a ligar-se ao Whereby, para nós conseguirmos fazer as reuniões, ou que tinham mais dificuldade por exemplo a trabalhar com o *back-office*, e tinham mais aquela necessidade se calhar de ir perguntar a alguém, e a distancia acabavam por não o fazer ou por deixar para o *Online* fazer.

Mas acho que isso agora já não se coloca tanto, há muitas coisas já que eles te ligam a perguntar como é que aquilo se faz, e agora são mais coisas específicas, que não usas todos os dias, portanto é normal que não saibas.

Tu antes editavas às vezes ao fim de semana. Uma colega vossa saiu em licença de maternidade; estiveste um mês a editar, estarás outro mês brevemente. Como é que é esta experiência, de uma jornalista no meio de uma pandemia, que se vê a editar um mês todo?

É assim, eu já tinha a experiência de editar aos fins-de-semana; essa experiência já tinha quase um ano, foi para aí no início de 2019, fins-de-semana e feriados, que são dias particularmente lentos, eu já tinha essa experiência.

Mas claro que editar à semana é bastante diferente e é bastante mais stressante; só porque tu sentes mesmo a responsabilidade, especialmente quando estás sozinha e não tens outro editor contigo. Sentes muita responsabilidade e é bastante stressante, porque tens que dar uma resposta muito rápida, e tens que ter uma capacidade de julgamento também muito rápida, para determinar o que é, e o que não é, notícia. E também fui percebendo ao longo do tempo que há coisas em que isso se calhar até é um bocadinho subjetivo, e mesmo a urgência de cada coisa depende muito de editor para editor. No geral acho que foi uma experiência positiva, e ainda bem que tive oportunidade de a ter – não necessariamente no meio de uma pandemia; porque lá está, uma pandemia nunca é a altura certa para aprender o que quer que seja.

Mas acho que é importante tu teres alguém dentro de uma equipa que seja um quadro intermédio – uma pessoa que consiga ser jornalista, mas também tenha aquela valência de numa necessidade poder editar o site, poder entrar, saber o que é que vale. Mas acho na mesma que, e falando apenas por mim, serviu-me para amadurecer um bocadinho, enquanto editora – que ainda era muito proto-editora, porque editava nos dias mais fáceis de se editar –, e também para ganhar, não só alguma responsabilidade, mas também algum crédito pelo resto da redação, porque depois também foram reconhecendo-me não só enquanto jornalista, mas também editora, e também com outras valências para além disso.

A questão das escalas, sentes que eram tão justas ou parecidas como antigamente?

A minha escala já não era tão "aberta" como era ao início, porque eu já não rodava da manhã até à noite; eu antes da pandemia já só fazia quase dois horários enquanto estava de jornalista: durante a semana ou entrava as 7h da manhã, ou entrava às 9h. Portanto, eram horários muito diurnos, e depois quando editava aos fins-de-

semana, aí sim, fazia o fecho, era quase sempre de noite. E durante a pandemia continuei praticamente a fazer os mesmos horários, quase nada mudou nesse aspeto.

O que mudou um bocadinho foi: se calhar, antes eu até podia ter um dia em que entrava às 7h, e se calhar tinha muito trabalho, e saía às 18h, e era duro na mesma, mas saía e sabia que tinha saído, e que à partida já ninguém me ia chatear para editar um texto que tinha ficado do dia; e agora não, se for preciso o editor só consegue ler o meu texto por exemplo às 8 da noite, e às 9 ainda me está a pedir alterações.

E depois também me lembro de alguns dias que foram particularmente tensos; em que por exemplo entrei às 7h, saí às 21h, trabalho sem folgas, e acho mesmo que isso foi o pior deles todos. Houve outros dias também bastante maus, mas acabava sempre por sair aí às 19h, ou às 18h, e isso já se assemelhava mais ao que acontecia quando estávamos todos juntos presencialmente.

Dirias que a homepage regeu-se mais pelo critério popular ou editorial neste período.

Eu acho que é sempre um *mix* dos dois; não há assim uma grande diferença em relação à forma como era gerida a homepage antes e como é gerida agora. Ou seja, a pandemia claro que, em si, já tem valor notícia, é quase todas as notícias; claro que há umas que valem manchete, e outras que não valem tanto destaque. Mas à partida está quase sempre nos quadrados superiores do site, porque é uma coisa que as pessoas efetivamente querem saber, e também faz parte do nosso serviço público dar-lhes esta informação, porque é informação útil.

Tu já tinhas antes uma ferramenta para perceber se as pessoas estavam ou não a aceder àquela notícia, e nós continuámos a usar essa ferramenta muito, que é o Chartbeat. Basicamente nós abrimos o site, e quando estamos a editar temos literalmente uns quadrados em cima dos títulos a dizer 1, 2, 3, 4, que é onde as pessoas mais estão; e claro que os quadrados com 1, 2, 3, 4, devem estar nos primeiros ecrãs, que é onde as pessoas claramente estão a clicar mais, e se calhar querem encontrar quando abrem o site do *Público*. E eu diria que esse critério, escolher com base no Chartbeat, é um bocadinho popular, porque se calhar há coisas que são só insólitas, e as pessoas estão a clicar por isso, e que acabam por estar, se calhar, um bocadinho mais destacadas do que deveriam estar, precisamente porque as pessoas estão a clicar; é um

bocadinho uma pescadinha de rabo na boca, tu estás a promover que mais pessoas cliquem porque já há muita gente a clicar.

Mas eu diria que apesar de tudo, o critério que é sempre prevalente é o editorial; portanto, por exemplo, se o Costa está a falar e está a dizer alguma coisa que vai ser útil, independentemente de não estar a ser a primeira ou a segunda notícia mais lida, vai estar lá em cima, porque é o Costa. Ou alguém da OMS, a fazer uma grande descoberta sobre a pandemia, também vai estar lá em cima, mesmo que as pessoas não estejam a clicar; normalmente estão, mas por isso mesmo não temos uma homepage automática, não é um robot a construí-la, é sempre uma pessoa, e tem de estar sempre uma pessoa a fazer. Porque tu também tens que saber decidir e tens que aplicar vários critérios editoriais, enquanto estás a decidir o que é que merece mais destaque ou não.

Mas sim, depois também tens sempre de ver onde é que estão as pessoas, e jogar um bocadinho com isso, e tentar encontrar um equilíbrio.

Quais foram as maiores lições profissionais que dirias que tiraste deste período que ainda está a decorrer?

Acho que passei a trabalhar, se calhar, com muito mais gente; do estilo, mais próxima, com pessoas que estão no Porto, ou pessoas mesmo da redação de Lisboa com quem não falava muito. E lá está, se calhar quebrou-se um bocadinho aquela barreira que não era física, óbvio, mas que existia, e que se calhar não me forçava tanto a falar com outras pessoas.

E aqui, como tiveste que ganhar um set de valências tão grande – que ia desde a *Ciência*, à *Saúde*, ao *Local*, várias coisas –, nós no *Online* acabámos por tratar de tantos temas que não eram necessariamente nossos antes; que me obrigou a ir tirar dúvidas, ir falar com jornalistas que são especialistas naquilo. Não só para pedir contactos, mas para perceber uma miríade de coisas que eu não sabia antes, e que também me ajudou e fez crescer como jornalista.

E depois, pessoalmente, como estava no *Online*, e nós acabámos por ter tantos temas, não consigo muito bem cultivar fontes; e eu acho que na pandemia, acabámos por afunilar um bocadinho, por ser a secção da Covid, e acabámos por conseguir cultivar melhor as fontes. Porque estávamos praticamente sempre a falar com os

mesmos especialistas, dentro da mesma área, e acabávamos por ter, se calhar, uma relação mais próxima com eles.

E que virtudes vês neste modelo híbrido, e que defeitos?

Eu diria que, quando bem aplicado, quando consegues efetivamente fazer o teu horário e sair, tu tens muito mais tempo para tratar das tuas coisas pessoais; muito mais tempo de vida, podes dedicar-te mais a hobbies, porque não perdes tanto tempo em transportes a ir e a vir, e simplesmente às vezes perdes bastante tempo por estares a falar com pessoas na redação, porque se encontram, porque vão beber café. E isso acabava por não acontecer; ou seja, eu conseguia ter aquela produtividade sem ninguém me estar a chatear durante bastante tempo, bastava eu dizer "olha, vou estar só com isto", e se fosse preciso ninguém me chateava num dia inteiro. O que é ótimo, porque tu presencialmente acabas por ter sempre distrações.

Mas depois, lá está, uma das coisas de que eu mais senti falta, foi mesmo de falar com pessoas; e ter ideias à hora do almoço, por estarmos mais na amena cavaqueira, e às vezes de forma natural ou orgânica iam-me saindo, e depois púnhamo-las em prática. E agora foi um bocadinho mais difícil fazer isso; portanto, acho que no mundo ideal devíamos conseguir ter dias de teletrabalho – mais não seja porque tenho de ir a uma consulta, e o meu centro de saúde é no Seixal –, pronto, poder ter essa opção.

Mas também acho que não seria virtuoso passarmos para um modelo 100% online; precisamente porque se perde todo aquele construir de ideias e tudo aquilo que também caracteriza um bocadinho a prática jornalística, que é estar ali a bater umas bolas, e de repente sai um trabalho.

E como achas que o jornalismo vai evoluir a partir daqui, e o próprio *Público*?

O *Público*, já se notava antes uma diferença, mas vai passar a dar bastante primazia ao online. Porque isto já não é de agora; lá está, eu acho que só conseguimos passar este período, porque já havia todo um "trabalho de casa" a ser feito antes, de se tornar a redação um bocadinho mais informática e online.

Se calhar havia jornalistas mais da velha guarda que passaram a olhar para o *Online* de uma forma diferente, e se calhar com mais respeito; porque eles próprios começaram a construir aquilo. Como antes havia quase uma secção estanque, que era a do *Online*, e mandava-se tudo para lá, nós basicamente éramos os únicos que sabíamos alimentar e construir um "minuto"; e eu acho que agora já é uma competência mais transversal a toda a redação, já mais gente sabe fazer isso no caso de nós não podermos – não que isso seja regra comum, porque nós normalmente podemos, e aliás, é para isso que nós somos afetos. O *Online* se calhar sai desta pandemia, dentro do *Público*, com um respeito renovado.

No entanto, não vejo que passemos a ser só um jornal online, não acho que isso vá acontecer, o papel vai ser sempre uma grande aposta, acho que o Manuel Carvalho e a administração deixam isso bastante claro; também acho que seria um tiro no pé acabar com a edição em papel. Mas lá está, acho que conseguimos solidificar e cimentar a nossa reputação online, e isso também é bastante importante, porque a grande maioria dos nossos leitores agora está na internet.

E o jornalismo em si?

Eu acho que na nossa secção não se notou tanto, porque nós já fazíamos isto, mas a generalidade da redação agora já percebeu que trabalhar com os *timings* do online é trabalhar agora, e não para o final do dia, para o papel, quando ele fecha. E já percebeu o sentido de urgência que nós às vezes tínhamos de lançar as coisas; e acho que até foi uma das grandes diferenças, e eu acho que é uma coisa positiva de se levar.

Porque nós não podemos ter os "miúdos do *Online*" a fazer o melhor que sabem, e o mais que sabem, e o mais depressa possível; temos também que ter aquelas pessoas que são especialistas em x tema, a fazer o melhor que fazem, o mais depressa que sabem, para o online – porque é aí que as pessoas estão, as que querem saber ao minuto.

Amílcar Correia, Diretor-adjunto

Foi muito à redação no primeiro Estado de Emergência?

Eu andava entre a redação do Porto e a redação de Lisboa, e passava grande parte do tempo na redação em Lisboa. A partir do momento da declaração do Estado de Emergência deixei de ir com a mesma frequência; praticamente deixei de ir, sobretudo porque nós passámos a trabalhar remotamente; num regime de teletrabalho não se justificava ir à redação. E continuámos quase todos em teletrabalho, tirando as pessoas que lidam mais diretamente com a edição impressa.

E como é que se processou a questão editorial neste período, gerir as prioridades diárias no *Online*...?

Portanto, houve aqui um momento que foi um bocadinho já de pânico, que era tentar saber se conseguíamos responder à dificuldade de fazer um jornal remotamente, em rede; nunca o tínhamos feito, nunca ninguém tinha feito isto. Acabámos no Online por descobrir que, para nós, no ponto de vista da organização e do método, não era assim tão difícil fazer a gestão diária do site ou das redes, porque tínhamos ao dispor plataformas que nos permitiam estar a falar em tempo real, e que substituíam o mail, a mensagem de WhatsApp ou SMS, ou o telefone; portanto conseguimos estar no Porto, Lisboa, alguém em casa em Braga, ou em Loures, e ao mesmo tempo estarmos ali todos em simultâneo, a discutir o que se faz. Houve até um ganho organizacional por se ter substituído as ligações por telefone.

Esta questão das reuniões, à distância deu para se juntar a redação toda, mas foi fluído, demorou-se a chegar lá, como é que foi isto?

Nós conseguimos transpor as rotinas da redação, da reunião das 9 da manhã – é a reunião onde se falava do planeamento digital – e da reunião das 15h – onde falávamos do planeamento da edição impressa –, conseguimos fazer essa transposição para as plataformas. No início foi um bocadinho difícil, porque nem toda a gente estava muito habituada a lidar com este tipo de ferramentas; por outro lado, as reuniões demoravam muito tempo. Entretanto, isso foi-se tornando mais versátil, mais rápido. No

caso das equipas digitais, nós estamos sempre a falar ao longo do dia, aqui nestas plataformas de videochamadas, porque podemos estar a combinar trabalhos; os editores podem estar falando uns com os outros; podes mudar sala, e em outra sala estar a combinar um trabalho sobre jornalismo de dados, sobre infografia, sobre fotografia -- porque tens essa vantagem de poderes a qualquer hora, com qualquer pessoa.

E nesse âmbito, chegou a sentir alguma vez que estava ligado 24 horas por dia, a semana inteira?

Sim, esse é o problema, porque esta ferramenta obriga-te a ficar fixo na secretária, em frente ao computador; não há desculpas para que alguém chegue tarde ou não possa ir, porque não há mobilidade – ninguém neste momento anda no IC19, e portanto não há desculpas. Como as pessoas estão mais confinadas em casa, como se perdeu essa mobilidade, há um aumento de produção, e sobretudo um aumento de tarefas. Sim, a carga horária aumentou, aumentou a necessidade de reuniões para estruturar a equipa, e de mais conversa através destas plataformas remotas.

E como é que as pessoas se adaptaram a este aumento de carga horária, a esta omnipresença?

Estando em casa, e em confinamento, acho que as pessoas se adaptaram bem, e interiorizaram a necessidade de sobreviver a isto tudo – até do ponto de vista psicológico –, e aí o trabalho é também uma forma de garantir alguma ocupação pessoal. Por outro lado, havia também um desafio acrescido, por causa do momento histórico que nós vivemos; esta fase que nós vivemos, que é da mesma dimensão, mesma importância histórica, do que a Pneumónica, a Gripe Espanhola de 1918-19... Portanto é um momento histórico também para fazer jornalismo; esse jornalismo é sobretudo online, digital. Temos tido bons resultados, é um desafio profissional – só que acarreta também alguma fadiga, e estamos a entrar já ao fim de nove meses nalgum cansaço. A precisar de férias.

E nesse âmbito da fadiga, a cobertura considerar-se-ia saturante? Com esta questão da Covid-19, houve espaço para outras coisas?

Sim, há espaço para outras coisas; há espaço para o SEF, há espaço para a TAP, há espaço para o internacional, há espaço para isso tudo. Só que há uma necessidade de responder em termos de última hora, de *breaking news* – com urgência, com stress –, quando é apresentado o boletim com os dados do dia anterior da Covid, ou quando há uma conferência de imprensa da ministra da Saúde, ou do Governo, quando são declaradas as medidas do Estado de Emergência... Como sabes, isso pode acontecer a qualquer hora do dia, ao fim-de-semana, e portanto exige uma atenção redobrada. E isso é cansativo, porque exige sempre – ainda por cima num plano de concorrência com outros sites – que toda a nossa atenção esteja focada na tentativa de "dar" bem, e de "dar" rápido, porque isso é essencial.

Portanto há aqui uma tensão e um cansaço acrescidos, que resultam disso; porque uma semana sem a Covid é uma semana muito mais tranquila. As semanas em janeiro ou em fevereiro eram muito mais tranquilas; e os picos de tensão editorial, tensão de gestão digital, estavam relacionados com a morte de alguém; com um acidente, uma demissão, mas eram coisas muito pontuais. Agora isto é uma constante.

Já não é como em março, já vai cada um quando quer à redação; há alguma virtude neste modelo híbrido, ou são mais os defeitos?

Portanto, o teletrabalho permitiu perceber que nós não precisamos de um posto fixo para trabalhar; que podemos fazer bem, e que podemos estar em comunicação uns com os outros até muito mais do que o que estávamos. Por outro lado, falta toda a energia que resulta do contacto pessoal; e as redações são locais de conversa, são locais de discussão, e falta essa parte, que tem muito de criativo.

O regresso à redação é muito paulatino, é muito lento; algumas pessoas têm regressado, não num carácter de tempo inteiro. Estamos numa situação híbrida: vamos um dia, no outro dia já não vamos – até por precaução –; portanto, isto obriga-nos a olhar para a redação, provavelmente, no futuro, de outra forma. Não como um lugar fixo, como posto de trabalho fixo, mas sim como espécie de espaço amplo, de *coworking*, flexível e móvel – mas isto já sou eu a especular.

Mas neste momento, o ideal é o modelo híbrido, sendo que a esmagadora maioria das pessoas continua a preferir o teletrabalho. Porque não tem que viajar em transportes públicos; porque a redação de Lisboa é grande, mas também quando está vazia é bastante fria; a redação do Porto é mais pequena, se tiver mais gente não garante o distanciamento que seria aconselhável; e por aí fora.

Parte desta questão de ser diretor-adjunto é também lidar com algumas questões mais burocráticas – aumentos salariais, gestão de equipa, etc. Esta situação trouxe dificuldades acrescidas nesse sentido?

A equipa que eu tenho é muito grande, e portanto os meses de março a maio foram extremamente cansativos e dolorosos. Tiveram algumas consequências, porque a tentação de gerir todas estas equipas – equipa de editores, equipa de jornalistas, equipa de redes sociais, equipa de vídeo, equipa de fotografia, etc. –, e os projetos que se lançam, as atualizações do site, *back-office*, etc., isso obrigava constantemente a estar em sucessivas reuniões, sempre a tentar manter as equipas controladas, focadas e entusiasmadas. Essas tarefas acabam por ser dificultadas, porque não há tempo para tudo.

Depois, nós lançámos bastantes projetos durante o confinamento – páginas novas, alterações de *back-office*, barras novas, sites, etc. –, porque nós conseguimos ter aqui algum trabalho remoto mais eficaz em termos de organização; maior proximidade, mais reuniões, isso foi uma vantagem.

Depois, há um acréscimo de outras funções que dificultam essa operação, mas isso faz parte do cargo: fazer avaliações de estagiários, ou fazer orçamentos para o próximo ano; essas coisas, que são a parte mais aborrecida.

Essa questão mais aborrecida, para o futuro próximo, qual é o aspeto?

O *Público* não passou por nenhum *layoff*, não passou por redução de salários; o *Público* manteve-se tal como está. Estamos em suspenso, com a confiança do acionista, à espera de alguma retoma do mercado publicitário, e a continuar a tentar aumentar o número de assinantes, que são o nosso principal sustento. Portanto, estamos numa fase de expectativa, para ver o que é que acontece.

Para todos os efeitos, o último ano foi o melhor ano digital de sempre do *Público*; aliás, nós temos vindo a crescer ano após ano, desde 2018. Portanto, para já não estamos a sofrer muita pressão do mercado. Há descida de vendas da edição impressa, o que é compreensível – mudanças de hábitos e postos de vendas fechados. Mas acho que 2021 pode ser um ano de alguma esperança para o *Público*.

Como é que o jornalismo vai evoluir a partir daqui?

Há várias formas de fazer jornalismo, há vários produtos, há vários projetos jornalísticos. Quando se fala de cinema, não se pode falar apenas do cinema de Hollywood, há muito bom cinema na Estónia, no Japão ou na Coreia do Sul; quando se fala do jornalismo, há também muito bom jornalismo na Coreia do Sul, na Estónia ou no Japão. Portanto, essa é uma pergunta muito ampla. Acho que há espaço e público, quer para um jornalismo mais tabloide – que irá atrás de qualquer desgraça relacionada com uma celebridade que possa ter um acidente qualquer numa autoestrada –, e haverá público para isso, e haverá interesse em ler isso. Por outro lado, também há público e interesse em ler algumas das matérias que fazem parte do ADN do jornal *Público* -- seja o Brexit, seja o tratamento político que damos às questões da TAP ou do SEF.

Do ponto de vista de manutenção de sustentabilidade dessas empresas, ela, já vimos, terá que ser conseguida através das assinaturas digitais, não através das vendas em banca. Os jornais têm vindo a perder ano após ano a venda em banca – com a redução de postos de venda, com a deterioração de condições económicas da generalidade da população portuguesa –, portanto é natural; e com as mudanças de hábito, é natural que o número de jornais que são vendidos vá diminuindo. Vá diminuindo até um ponto em que os jornais se vão confrontar com a pergunta "continua ou não a valer a pena imprimir mais papel?" Portanto, nós preparámo-nos para isso há algum tempo, e quando se soma já as vendas do jornal impresso com as assinaturas, nós vendemos mais do que o *JN* -- porque o *JN* vende sobretudo em banca, vende muito pouco de assinaturas digitais; está a descer em banca, cresce pouco nas assinaturas digitais, e nós é ao contrário, muito conseguimos mantermo-nos mais ou menos na edição impressa, e temos vindo a aumentar as assinaturas digitais. E esse é o grande caminho.

Os jornais nos Estados Unidos têm a mesma tarefa, a mesma luta; o *New York Times*, a versão impressa não é consumida pelas gerações mais novas, que o preferem assinar, e as receitas do *New York Times* já são superiores em assinaturas do que as vendas em banca, nomeadamente publicidade. Portanto, o caminho terá de ser por projetos editoriais bons, que justifiquem a assinatura e consigam essa façanha; que o mercado da música conseguiu primeiro com o iTunes e depois com o Spotify, e que o cinema conseguiu com a HBO e a Netflix. Que é conseguir fazer com que um produto, que era consumida por uma geração que não estava disposta a pagar, de um momento para outro passou a ser pago, e a ser bem pago.

Em relação ao *Público*, há assim alguma coisa específica, brevemente, que tenha nascido a partir disto, algum projeto, alguma nova secção?

Logo no confinamento, nós lançámos o *Ficar em Casa*, que era uma página com sugestões para ficar em casa; fizemos o *Relaxar*, que está neste momento no site, que é também um "há vida para além do vírus", que é uma forma de oferecer outro tipo de informação; estivemos sempre num processo de melhoria contínua de reformulação do site. Lançámos o *Leituras*, com sugestões de livros, de literatura, pré-publicações; lançámos uma linha de ebooks, que é um projeto chamado *Estante*; lançámos uma página de jogos, palavras cruzadas, sudoku, puzzles, etc. Nós estivemos ao longo deste tempo todo sempre a comunicar e a fazer projetos novos.

Nós neste momento ainda estamos naquela tarefa de *know-how*, que nos ocupa muito tempo, de balanço do ano; e vamos ter uma página especial de fim de ano, do *Ano para Esquecer*; e vamos ter depois uma página de arranque do ano. Projetos para o futuro não há, mas temos que começar a pensar. Esses projetos para o futuro passam sobretudo por melhorar a performance do jornal nos seus canais de transmissão -- redes sociais, newsletters, notificações --, e eventualmente por alterações na homepage.

Amanda Ribeiro, Editora do P3

Foste muito à redação no primeiro Estado de Emergência?

Não; eu continuei sempre a ir à redação, mas no primeiro Estado de Emergência deve ter sido a altura em que eu estive mais tempo sem ir à redação, sem contar férias. Lembro-me que eu estive a trabalhar precisamente no tal fim-de-semana de março, 14-15; depois disso estive várias semanas, talvez, sem ter ido à redação. Mas depois, à medida que o tempo passava, continuei sempre a ir, vá, uma ou duas vezes por semana.

Como é que foi a tua adaptação pessoal a trabalhar em casa, nesse período?

Foi diferente. As primeiras semanas foram um bocado complicadas, precisamente porque é incrível como é que o espaço funcional, o espaço em que tu habitas, também muda a forma que tu vives, e às vezes nem temos muito bem noção. Mal nós ficámos em casa, eu instalei basicamente o escritório na sala, em que pus dois ecrãs, o portátil, assim grande cena. O que é que aconteceu? Para aí durante um mês e meio não tinha mesa de jantar, então comia imensas vezes em bancos; depois lá adaptámos uma sala que é um pequeno escritório agora, e isso mudou bastante. Portanto, as primeiras semanas foram difíceis, sem eu perceber o que é que estava a ser difícil, e teve muito a ver com o espaço de trabalho, percebes? Aquela distinção de espaço social, de espaço de trabalho, está muito esfumada.

Depois, também me apercebi que as horas iam derrapando, acabava por trabalhar mais – nem sempre tão produtivamente. Depois, eu acho que à medida que o tempo foi passando, também comecei a ganhar outras rotinas, e isso também me ajudou; e agora até sou, de alguma maneira, mais simpatizante do teletrabalho, porque já consigo fechar uma porta do escritório e estou na sala, consigo distinguir melhor as horas, consigo continuar a manter rotinas que a dada altura muitos de nós perdemos – nas primeiras semanas quase que nos deixávamos perder pelas horas.

E depois também me apercebi, a nível editorial, que os nossos temas mudaram bastante, porque, para aí durante os primeiros meses, ninguém queria saber de mais nada a não ser Covid, e às vezes podia ser um bocadinho difícil para nós, num site que é bastante dedicado a Millennials e a Gen-Z, estarmos constantemente a ter temas sobre

isto, porque muitas vezes parecia que os leitores não queriam saber de outro tipo de noticiário.

E nesse sentido, funcionam muito à base de conteúdos agendados e reportagens. Como é que esta parte do P3 se desenvolveu?

Houve aqui duas coisas: havia assim alguns temas que nós conseguíamos responder rapidamente, e que isso eram artigos rápidos que às vezes funcionavam bem – por exemplo, houve um, que foi aquele de como fazer gel desinfetante em casa, que foi uma resposta rápida a uma necessidade –; agora, isso tens completamente razão, porque se houve uma altura, talvez, da vida e do jornalismo em que a informação fidedigna foi realmente valorizada, e o *breaking news*, e rápido, e dar certo, foi agora.

Portanto, nós andamos muitas vezes assim um bocadinho à nora, para dar resposta, também às necessidades que nós sentimos dos utilizadores; por outro lado, isto também reforça a criatividade. Então lembro-me que fizemos universos trabalhos sobre o ensino universitário em isolamento, tu fizeste os exames; começámos também, à medida que o tempo ia passando – acredito que ao fim de dois ou três meses –, a incluir outro tipo de conteúdos, quase quando o país abriu, e realmente percebemos que as pessoas também já começavam a interessar-se por outro tipo de conteúdos, e isso também foi uma aprendizagem interessante.

Acho que também isto basicamente nos obrigou a pensar em conteúdos doutra forma; eu lembro-me que fiz até um trabalho no meu bairro – porque pela primeira vez eu olhava pela janela e via toda a gente em casa, tive uma relação com os vizinhos que nunca tinha tido –; sobre duas vizinhas que andavam a escrever poemas à janela. E isso também às tantas nos obrigou talvez a ser um bocadinho mais criativos na forma como poderíamos olhar para tudo isto.

Sobrou-te aquele tempo que já devia ser raro, por seres editora, para escrever?

É sempre complicado, eu acho que é mesmo complicado, com Covid ou sem Covid, eu ter tempo para escrever – tanto quanto gostaria, pelo menos –, e também é por ser editora do P3. Porque nós temos secções de *crowdsourcing*, como o *Megafone*, nós próprios gerimos as nossas redes sociais, ao contrário dos outros sites do *Público*; não

temos uma equipa que gere as redes sociais por nós, portanto eu e a Ana Maria fazemos tudo, e portanto eu não tenho muito tempo, porque também tenho todas as outras situações. A questão da Covid, acho que não me ocupou mais tempo nesse sentido.

Esses conteúdos assim maiores, mais diversos, sentiste que houve assim algum decréscimo grande no P3, em conteúdos em que era preciso ir para a rua? Recuperaram esse caudal que tinham antes?

Acho que houve um decréscimo em todo o lado, as pessoas começaram a ir menos para a rua e nós também, naturalmente. Lembro-me de haver trabalhos que nós até chegámos a considerar e tudo o mais, mas também estávamos com algum receio; ou era difícil entrar porque as pessoas estavam em isolamento, imagina, ou também as próprias pessoas às vezes tinham receio de andar na rua. Acho que esse receio estava generalizado, por quase todo o lado, não era só nosso; quer dizer, agora olhando para trás, a pandemia estava lá, e tudo isto era novo para muita gente. Acho que saímos um bocadinho menos, talvez, mas também não quero quantificar. Também saímos um bocadinho menos porque as pessoas também estavam mais fechadas em casa, é assim um equilíbrio um bocado complicado.

Esta questão de contacto constante, reuniões ao longo do dia, teres que prestar contas aos teus superiores, sentiste que estiveste a toda a hora online?

Nós no P3 não participamos naquelas reuniões de planeamento de terça-feira, só raramente, e as reuniões diárias é ainda mais raro; portanto eu não senti tanto isso. Nós somos quatro, mais a Ana Maia, mais uma colaboradora muito próxima, e nós sempre trabalhámos muito em Google Chat, em Google Hangouts, temos todas o Gmail ligado, e estamos sempre lá numa janelinha; mesmo quando estávamos na redação, também já trabalhávamos aí, portanto, isso também não foi uma diferença muito grande para nós.

Também no sentido de estar a dar conta da nossa existência, não senti esse controlo. De vez em quando aparecia uma reunião, em que tínhamos de ir e tal, e às tantas, o que acontecia antes é que íamos para a sala de videoconferência e estávamos lá também. Mas não senti essa permanente necessidade de estar a ser visualizada, mas também às tantas também pode ser o nosso caso particular desta secção.

Sentes que te adaptaste melhor neste sentido todo porque já trabalhavas antes a partir do Porto, e por comunicações virtuais?

Pois, sim, ou por telefone. Eu lembro-me também de falar com pessoas que sempre trabalharam em casa -- estou a pensar no Samuel Silva, por exemplo, para ele nada disto foi muito diferente, porque ele estava muito habituado a estar ao telefone ou no WhatsApp com toda a gente. Acho que pode ter sido um bocadinho mais difícil para pessoas de outra geração também; não tanto esta geração dos vintes, trintas, porque aí realmente foi um universo diferente; nós já passámos a vida, para o bem e para o mal, no Google Hangouts e no WhatsApp. No *P3*, por exemplo, raramente ligamos a câmara, mas isso somos nós.

Já tinhas tarefas, volta e meia, na equipa do *Online*. Sentiste que isso também foi algo que te levou a multiplicar a tua atenção para além do que já fazia, por teres de estar a supervisionar em duas secções?

Normalmente eu ia fechando um ou outro fim-de-semana com o Amílcar, e agora estou este mês aqui, vou estar o mês todo na edição do *Online*. Portanto, o que eu senti não foi tanto por causa das minhas funções, mas por causa de tudo o que estava a acontecer ao nosso redor; acho que todos nós sentimos a grande necessidade de informação e de acompanhar este mundo louco que estamos a viver. Talvez por causa destas funções, claro, estou ainda mais atenta ao Cabrita que está a falar agora na TV, às conferências de imprensa da DGS, etc., mas isto não é só a função, também é a vida que nós estamos a levar -- como qualquer ser humano.

Uma colega saiu em licença de maternidade, estás a editar este mês; como é que é isto de ficar o *P3* só com uma pessoa a editar neste período?

O que acontece, como eu te estava a dizer: há uma parte do trabalho no *P3* que é um bocado invisível -- esta parte da gestão das redes sociais, a nossa caixa de email que não para; nós durante a pandemia, assim no pico, estávamos a receber *Megafones* assim às dezenas por dia. Nunca vi, deve ter sido uma das subsecções mais fortes deste jornal, porque de repente as pessoas estavam em casa, queriam dizer alguma coisa, queriam ter voz, e também percebo perfeitamente isto; é natural, às tantas estavam confinadas e deviam ter mais tempo para se dedicarem aos seus pensamentos e à escrita. Ao mesmo

tempo, estávamos mais tempo coladas à caixa de email, a responder a dezenas de textos, a rejeitar ou a aprovar, não é?

Pronto, o que acontece: com eu ou a Ana, uma das pessoas do P3, a estar na edição do Online, este trabalho mantém-se, e tenta-se fazer na mesma. Não sei se com os mesmos resultados ou não, não sei se com a mesma eficácia nas redes sociais ou não, mas tenta-se, sim.

Que grandes virtudes e defeitos vês neste modelo híbrido daqui para a frente, de ires um dia, e fiques depois a casa?

Eu vivo com a minha namorada, e eu chegava muitas vezes tarde a casa para jantar, assim muito colada às 19h e tal, 20h, 21h, ao contrário dela, que tinha um horário mais certinho que chegava mais cedo; e com isto, o que aconteceu muitas vezes, é que acabava por estar muito mais presente. Por outro lado, também muitas vezes depois de jantar, voltava ao computador para fazer uma série de tarefas que às vezes ainda não tinha feito – por exemplo, responder àqueles emails todos que te estava a falar.

Isto agrada-me, gosto desta flexibilidade, acho que pode ser bom para o futuro, porque acho que conseguimos provar durante tudo isto que conseguimos fazer um jornal e um site à distância, e acho que pode haver um bocadinho mais de confiança nisso.

Agora, eu também tenho muito receio neste louvor todo em relação ao teletrabalho, a nível de leis laborais e flexibilização e tudo mais; o que é que isto pode significar e acarretar. Porque também é um modelo de trabalho que acaba por não estar protegido, e pode-se levantar assim uma série de novas questões que ainda não estão a ser traçadas, mas que podem vir a ser pensadas mais tarde; a nível de subsídios de alimentação, de, por exemplo, a minha conta de aquecimento – certamente que este ano vai ser muito mais alta do que nos outros anos, porque eu estou sempre em casa, e preciso aquecer-me para trabalhar –, há estas questões todas que também têm que ser pensadas.

Portanto, a minha resposta é assim um híbrido: agrada-me esta flexibilização, mas também me preocupa. O que é que pode acontecer futuramente – não nesta empresa, mas a nível do mercado de trabalho. Tenho muito receio que empresas se possam aproveitar também disto para fomentar a exploração de trabalhadores, etc.

Como é que achas que o jornalismo vai evoluir a partir daqui, e o *P3*, e o *Público*?

Há uma coisa que eu tenho quase a certeza que as pessoas começaram a valorizar mais: a informação fidedigna, verosímil, a verdade, não é? E acho que, pela primeira vez, talvez, as pessoas tenham ficado cientes, de qual é que é a importância de saber uma informação certa, quando ninguém está a perceber o que se está a passar no mundo. Isso pode ser bom para a informação, para a comunicação e para o jornalismo.

Agora, eu tenho muito receio com o que aí vem, e não falo apenas do jornalismo; falo da sociedade e da crise que pode vir a acontecer em breve, e que pode já estar a acontecer. Eu sou millennial; provavelmente já estamos a atravessar a segunda crise das nossas vidas, e isto assusta-me bastante. Porque eu lembro-me como é que foi há alguns anos, a quantidade de pessoas que teve de sair para arranjar trabalho, a quantidade de amigos e colegas que estavam desempregados, e preocupa-me bastante as pessoas como tu, recém-licenciadas, que estão agora a ser atiradas para o mercado de trabalho; e às tantas, agora a questão da emigração acarreta outro tipo de reflexões que na altura não existiam.

Portanto não sei, não posso ser assim profundamente otimista em relação ao que aí vem. Em relação ao *P3* e ao *Público*, acho que temos feito um bom trabalho para tentar de alguma maneira ultrapassar tudo isto; agora não sei o que é que pode vir a acontecer.

Pedro Rios, Editor do Online

Foste muito à redação durante o primeiro período de Estado de Emergência?

Não me recordo exatamente, mas eu fui muito cedo para casa, por precaução, e simplificando, diria que não.

Como é que foi a tua adaptação pessoal nesse período?

Foi boa, o início foi tranquilo, e havia tanto trabalho para fazer – como ainda há, mas na altura havia ainda mais, porque estávamos no pico da primeira vaga –, e isto era um tema que dominava completamente as atenções; era novo, havia toda essa incerteza associada ao tema. Nesse sentido era mais exigente, ainda não tínhamos uma nova rotina montada, e funcionou bastante bem, e a própria energia da cobertura jornalística também te alimenta.

Depois, continuou a funcionar bem, mas, pronto, admito que é inevitável que de vez em quando haja um certo cansaço de estares sempre no mesmo sítio, à distância, com uma comunicação muito baseada no WhatsApp, ou em telefone, a olhar pouco ou nada para as pessoas – a comunicação presencial -, e isso acaba por tornar a experiência mais aborrecida, mais pesada, no sentido de rotineira. Mas isso é uma questão quase de saúde mental; vá, estamos todos nisto, não podemos contactar tanto com as pessoas, portanto isso não foi muito diferente de mesmo que estivéssemos na redação, estaríamos mais distanciados uns dos outros, não poderíamos estar lá todos.

Em termos de trabalho, funcionou bem ao início, funcionou bem depois, porque temos as condições técnicas necessárias, e a comunicação tornou-se mais escrita, mais WhatsApp; às vezes com mais redundâncias, mas isso até por vezes tem algumas vantagens de organização, porque obriga-nos a comunicar mais, porque não há outra forma, e há menos equívocos, porque a comunicação é escrita.

O que tem de negativo é que perde-se aquela espontaneidade da comunicação dita normal, presencial, que, para além de ser mais agradável, também por vezes essa "troca de bolas", como se costuma dizer, gera ideias, é mais criativa; enquanto que este método de trabalho é mais "eu tive uma ideia, vou propor a ideia, dizem-me sim, dizem-me não, ou faz antes isto". Numa redação há mais aquela coisa, "vamos ali tomar café"

e tu dizes tal, e eu "era giro fazer-se um trabalho sobre isso", e isso é aquela parte da comunicação mais informal, que existe numa redação, num escritório, e que em teletrabalho é mais difícil. Tentamos às vezes até forçar um bocadinho isso, com reuniões, estando em videochamada permanentemente, mas não é a mesma coisa.

E nesse sentido, do contacto remoto, sentiste que estiveste e estás sempre a toda a hora online?

Sim, mais, porque antes já ligava o computador a partir de casa, para ajudar, se fosse preciso; mas agora, é quase como se o computador estivesse sempre ligado, há uma maior mistura de horários, pelo menos no meu caso, e de facto há menos essa coisa de "agora estou a trabalhar", "agora não estou"; existe na mesma, não é como se estivéssemos sempre a trabalhar.

Mas e como também não podemos sair de casa às vezes – porque é recolher obrigatório, ou porque está tudo fechado, ou simplesmente não podemos ir ter com ninguém, porque está toda a gente a cumprir as regras –, acabamos por estar mais tempo em casa, e mais facilmente damos um saltinho ao computador, para fazer qualquer coisa; o que pode facilmente evoluir para estar mais horas, do que minutos, ali a ajudar.

Por isso sim, há uma diluição de trabalho e prazer, horários; não total, depende mais das pessoas, de mecanismos de autodisciplina, mas que existe, existe.

E a questão das escalas, como é que funcionou a partir deste momento?

Não mudou muito, a lógica manteve-se parecida – no fim-de-semana igual, o número de pessoas envolvidas, a lógica de horários, a semana é mais ou menos igual. Talvez tenha havido uma mudança ou outra, mas não grande na nossa equipa; como toda a gente está habilitada e é capaz de cobrir estas novas emergências da pandemia – que são as conferências de imprensa da DGS, o boletim da DGS com os casos do dia –, tentamos também distribuir, para que não sejam sempre as mesmas pessoas a fazer isso – na verdade são, porque já lá vão dezenas de boletins, é inevitável que cada pessoa já tenha feito 300 vezes.

Mas pronto, tentamos que quem faz hoje, talvez não faça amanhã, para não ser mais um dia igual; ou seja, isso não altera a escala, o que altera é termos que distribuir ao máximo. Porque é muito rotina, é muito parecido todos os dias, e para que os jornalistas não fiquem ainda mais saturados do tema Covid-19, tentamos que façam outras coisas, ou encontrar outros ângulos, ângulos novos dentro da pandemia.

Com a questão da Covid-19, como é que descreverias o critério da homepage, dá-se primazia ao editorial ou popular?

A homepage não é gerida muito diferente de antes, a diferença é que a Covid-19 tomou conta da homepage. O que tentamos é, por regra, ter a Covid-19 em destaque no site. É inevitável, porque o merece; porque se num certo dia for a TAP, passa a ser a TAP que merece mais importância, ou uma demissão no Governo – pronto, há coisas que passam à frente da Covid-19, mas é certo que a homepage fica muito dominada pelo tema, tal como todas as áreas da sociedade, são um reflexo do que acontece no mundo.

À parte disso, para além de espaços normais, no primeiro ecrã -- o que vês quando abres o site --, temos uma grelha específica, e uma barra, para além de uma peça todos os dias que é a cobertura ao minuto, e também tem presença na homepage; tudo isto são extras da Covid-19 na homepage, basicamente, uma boa parte da homepage é a Covid-19.

Porque quase tudo tornou-se Covid-19, a economia tornou-se Covid-19, a cultura é muito Covid-19...

Como é orientar um estágio à distância?

Tivemos estágios curriculares, pelo menos no *Online* temos tido, e estágios profissionais. Penso que dificulta um bocadinho a já difícil arte de ser estagiário, porque há sempre um processo de aprendizagem num estágio – e é suposto que assim seja –, e essa aprendizagem é um bocadinho mais difícil quando estamos à distância, e às vezes é mais difícil estar-se a explicar ao estagiário o que é que se fez a um determinado texto, porque é que mudámos o título, o lead, ou outra coisa qualquer. Mas é possível, por telefone, por WhatsApp, por email até, é possível.

Condicionou nesse aspeto; a comunicação digital entre pessoas que já se conhecem é mais fácil que entre pessoas que não se conhecem. Aquilo que ainda estamos a fazer é adicionar as pessoas que estejam a estagiar no nosso grupo do WhatsApp – onde estão todos os jornalistas do *Online* e também de outras secções –, e que participem ali. Há ali uma reação, "aconteceu isto, quem é que pode fazer", tratamos as pessoas de igual para igual, depois há coisas que são mais fáceis de tratar, há coisas que são mais difíceis, e aí a avaliação é do editor que estiver; mas é isso, tentamos integrar as pessoas, mas acho que introduz maiores dificuldades no estágio.

Por outro lado, também abre oportunidades, porque de repente há sempre trabalho; há é menos trabalho presencial, é um bocadinho mau, porque é suposto haver reportagens, trabalho na rua, e talvez isso tenha tudo diminuído – e no primeiro Estado de Emergência nem era possível, porque as pessoas nem podiam sair de casa; os jornalistas podiam, mas havia menos coisas para cobrir, porque as pessoas não estavam na sua atividade normal.

Hoje, estamos neste estado, que não é bem um confinamento, em que as coisas ainda não estão como de antes, mas também não está tudo fechado; já é possível fazer reportagem de rua, mas ainda assim há menos oportunidades. Por outro lado, há muitas oportunidades de cobrir o que está a acontecer, e há todo um mundo de acontecimentos, e tem havido estagiários que têm aproveitado isso, e têm feito um bom trabalho na cobertura da Covid-19, porque é um tema em que é preciso mesmo muita gente a trabalhar, é um tema inesgotável, praticamente.

Ainda te sobra algum tempo para escreveres com isto tudo, ou é mais impossível do que antes?

É igual, sobra pouco tempo, mas sobra algum. No meu caso, vale o que vale, o que escrevo geralmente até faço fora de horário, portanto é um extra. Como eu gosto de escrever, procuro fazê-lo fora do horário de edição, para também não a afetar; penalizando-me um bocadinho, mas ganhando esse prazer, de ir assinando e fazendo entrevistas. Mas não mudou nada, já era assim antes da pandemia.

Que grandes virtudes e que grandes defeitos vêes neste modelo híbrido?

O *Público* deixou um bocadinho nas mãos dos jornalistas, decidir se querem ir para a redação ou ficar em casa, desde que a redação não ficasse cheia. E o que aconteceu foi que a redação não ficou cheia, e muita gente optou por ficar em casa; e muita gente ficava quase sempre em casa, e houve pessoas que optaram por ir quase sempre para a redação.

E eu acho que faz sentido, porque, por exemplo, se um dia vou lá e no outro dia não – eu acho que a rotina é importante –, e se falamos virtualmente, depois é difícil no dia seguinte passares a falar presencialmente, porque as pessoas continuam virtualmente. Portanto, na prática, mesmo que eu vá para a redação, vou pôr-me a falar por WhatsApp e por videoconferência, porque a maior parte das pessoas estão assim. Infelizmente, com a redação, perdeu-se um bocadinho daquela vantagem das conversas informais, portanto, no meu entender, não tenho especial vantagem em ir para a redação, não tenho essa coisa do "vou um dia, outro não", semana sim, semana não – acho que não há grande vantagem nisso.

Eventualmente, e esperemos, é ordenadamente começar a haver meia redação presencial, meia virtual; mas a redação tem de ter um número de pessoas suficientes para que se gerem as tais conversas e as vantagens de estar na redação. A redação em si é só um sítio, o que é bom na redação é as pessoas que estão lá. Neste momento, não existem essas vantagens da redação, é só um sítio – que para algumas pessoas faz todo o sentido, mas no meu caso não encontro a vantagem em ir.

Como é que achas que o jornalismo vai evoluir a partir daqui, e o *Público*?

Acho que, como em várias áreas da sociedade, esta comunicação mais virtual, por Zoom ou outras ferramentas de organização à distância, vai ganhar alguma preponderância. O teletrabalho desmistifica-se, acho que mais facilmente as pessoas poderão ficar em teletrabalho – acho que faz-sentido que seja assim, mais teletrabalho, e mais utilização da tecnologia no trabalho diário, é sobretudo isso.

Para além, depois, de também muito mais conhecimento de saúde, de matemática, etc., que vários jornalistas tiveram que ter; mas isso depois, em tempos normais, se calhar não se nota tanto; voltamos a cobrir os temas antigos. Mas acho que uma maior sensibilidade para temas de ciência e saúde é algo que sai daqui.

Guião do inquérito

Questões de caracterização da amostra

Dados gerais

Esta secção destina-se a fazer a caracterização básica dos inquiridos.

Género *

- Feminino
- Masculino
- Outra: _____

Faixa etária *

- 20-29
- 30-39
- 40-49
- 50-59
- 60-69
- 70-79

Função *

- Copy-desk
- Digital/Multimédia/Infografia
- Diretor
- Editor
- Estagiário profissional de jornalismo (se tiver iniciado antes do primeiro período de EE)
- Fotógrafo/Vídeo
- Jornalista/Repórter
- Outra: _____

Questões para editores, estagiários profissionais, jornalistas/repórteres e profissionais de fotografia/vídeo

A cobertura noticiosa

Esta secção destina-se a recolher dados sobre o impacto do Estado de Emergência na cobertura noticiosa.

De acordo com a sua experiência, a cobertura jornalística da pandemia afectou a cobertura dos restantes tópicos? *

- Continuou a haver cobertura suficiente de outros tópicos
- Continuou a haver a normal cobertura para outros tópicos
- Levou a uma cobertura insuficiente de outros tópicos
- Eliminou quase por completo a cobertura de outros tópicos
- Outra: _____

Quer aprofundar?

A sua resposta

Sair à rua em reportagem

Esta secção destina-se a recolher dados sobre a realidade de reportagens no exterior em pleno Estado de Emergência.

Quantas dias por semana costumava sair em reportagem? *

- Nenhum
- Um
- Dois ou mais
- Todos os dias

Ao longo do primeiro período de EE, em quantos dias saiu à rua em reportagem? *

- Nenhum
- Um
- Entre dois e quatro
- Cinco ou mais
- Todos os dias

Quais foram as principais dificuldades ao sair em reportagem nesse período?
Escolha no máximo duas opções.

- Falar com pessoas ao vivo
- Usar transportes
- Sentir falta de segurança relativamente ao cuidado sanitário de terceiros
- Conseguir realizar a reportagem no prazo indicado
- Verificar factos
- Outra: _____

Quer aprofundar?

A sua resposta

O trabalho jornalístico

Esta secção destina-se a recolher dados sobre a realidade de fazer jornalismo no Estado de Emergência.

Que dificuldades encontrou na verificação de factos? Escolha no máximo duas opções. *

- Notícias que invariavelmente ficavam cingidas a comunicados de imprensa
- Maior dificuldade em aceder a certos entrevistados
- Reticências perante a necessidade de sair à rua
- Outra: _____

Quer aprofundar?

A sua resposta _____

Quais foram as maiores dificuldades ao conduzir entrevistas à distância? Escolha no máximo duas opções. *

- Falta de emoções dos entrevistados
- Dificuldade em induzir reações/emoções nos entrevistados
- Dificuldade em interromper rodeios e ir direto ao assunto
- Dificuldades técnicas
- Outra: _____

Quer aprofundar?

A sua resposta _____

As redes sociais mudaram em que medida o papel na recolha de informação?
Escolha no máximo duas opções. *

- Foram o mote para mais notícias/investigações
- Intensificaram o contacto inicial com fontes
- Ajudaram na verificação de factos
- Dificultaram a verificação de factos
- Outra: _____

Quer aprofundar?

A sua resposta

Em que medida as métricas sociais ditaram o desenvolvimento de estórias? *

| | | | | | | |
|------------------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|------------------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Não houve influência nenhuma | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Houve muita influência |

No que toca ao posicionamento de artigos na homepage e redes sociais do PÚBLICO, diria que prevaleceu o critério editorial ou o comercial? *

| | | | | | | |
|--------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|--------------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Sempre o editorial | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Sempre o comercial |

Quer aprofundar?

A sua resposta

Questões para toda a redação

Standards laborais

Esta secção destina-se a recolher dados sobre a realidade laboral no Estado de Emergência.

Em quantos dias foi à redação durante o primeiro período de EE? *

- Nenhum
- Um
- Dois
- Três
- Mais do que três
- Perto de um por semana
- Todos os dias do expediente
- Outra: _____

Em que medidas sentiu apoio da sua entidade empregadora? *

- Foram-me fornecidas condições e material sanitário
- Tive maior liberdade para tirar baixas por doença
- Tive maior compreensão quando falhei certas estórias (quer por motivos éticos, quer por sanitários)
- Outra: _____

Sentiu uma maior pressão laboral? *

| | | | | | | |
|-------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Muito menor | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Muito maior |

Quer aprofundar?

A sua resposta

Como lidou com os prazos no primeiro período de EE? *

| | | | | | | |
|-----------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Muito mal | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Muito bem |

Quer aprofundar?

A sua resposta

Que alterações, em média, houve no horário do seu expediente? *

- Diminuiu
- Não mudou
- Aumentou até uma hora
- Aumentou até duas horas
- Aumentou até três horas
- Aumentou mais de três horas

Quer aprofundar?

A sua resposta

A questão tecnológica

Esta secção destina-se a recolher dados sobre a adaptação à realidade tecnológica no Estado de Emergência.

Em que medida sentiu apoio da Direcção em termos tecnológicos? *

- Foram-me cedidos equipamentos
- Tive à disposição apoio técnico durante o expediente
- Senti compreensão quando não pude levar a cabo as minhas tarefas perante circunstâncias relacionadas a tecnologia
- Outra:

Quais foram os problemas tecnológicos mais significantes com que se deparou?
Escolha no máximo duas opções. *

- Conexão fraca à internet
- Dificuldades em aceder à VPN
- Dificuldades em aceder ao banco de dados
- Dificuldades em registar/submeter o trabalho desempenhado
- Dificuldades em contactar com a minha equipa
- Outra: _____

Como se deu maioritariamente a organização em equipas? Escolha no máximo duas opções. *

- Reuniões (presenciais, vídeo ou híbridas)
- Mensagens
- Chats de grupo
- Outra: _____

Quais foram as plataformas mais utilizadas? Escolha no máximo duas opções. *

WhatsApp

Messenger

Zoom

Skype

Email

Outra: _____

Diria que os momentos diários de reunião se tornaram uma reunião diária contínua? *

1 2 3 4 5

Decididamente não

Decididamente sim

Quer aprofundar?

A sua resposta

Considera que a hierarquia se manteve tão rígida quanto antes, ou que ganhou maior liberdade? *

1 2 3 4 5

Tão rígida quanto antes Ganhei maior liberdade

Em que medidas principalmente? Escolha no máximo duas opções. *

- Escolha do expediente
- Liberdade em escolher o meu trabalho a desempenhar
- Liberdade editorial (temas, estórias, etc.)
- Outra: _____

Quer aprofundar?

A sua resposta _____

Rotina de trabalho

Esta secção destina-se a recolher dados sobre a rotina do jornalista no Estado de Emergência.

Como foi adaptar a rotina no primeiro período de Estado de Emergência? *

| | | | | | | |
|----------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Prático, fácil | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Moroso, difícil |

Em que mais sente que o seu trabalho perdeu com o desempenho à distância?
Escolha no máximo duas opções. *

- O contacto interpessoal (com colegas, fontes, outsourcing, etc.)
- Capacidade de concentração
- Supervisão presencial
- A sensação de uma rotina diária
- Outra: _____

Quais foram os fatores mais complicados de balançar nesta nova circunstância?
Escolha no máximo duas opções. *

- Família
- Prazos
- Tecnologia
- Expediente
- Receios relacionados com a questão pandémica
- Outra: _____

Quer aprofundar?

A sua resposta

Que virtudes encontrou no teletrabalho? Escolha no máximo duas opções. *

- Nenhuma
- Menos tempo em transportes
- Menos despesas relacionada com transportes e alimentação
- Menos contactos sociais indesejados
- Outra: _____

Conjugar o trabalho com a vida pessoal

Esta secção destina-se a recolher dados sobre o conciliar do trabalho no Estado de Emergência.

Teve dificuldade em conjugar o trabalho com a vida pessoal? *

- Sim
- Não

Em que medidas, principalmente?

- Trabalho doméstico
- Confeção alimentar
- Saídas em tarefas essenciais
- Acompanhar os filhos
- Distribuição de tarefas com o parceiro
- Componente psicológica/emocional
- Outra: _____

Quer aprofundar?

A sua resposta

O futuro no emprego

Esta secção destina-se a recolher dados sobre o prospecto do emprego no futuro.

Sente segurança de que manterá o seu posto de trabalho num futuro próximo? *

| | | | | | | |
|-------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Nenhuma segurança | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Muita segurança |

Como encara a possibilidade de subir na carreira num futuro próximo? *

| | | | | | | |
|----------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Muito reduzida | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Muito elevada |

Para finalizar: esta experiência, já de quase nove meses, trouxe-lhe algum insight que ache relevante partilhar, a respeito da sua profissão e/ou método de trabalho?

A sua resposta